

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

SOLER GONZALEZ

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL AUTOPOIÉTICA COM AS
PRÁTICAS DO BAIRRO ILHA DAS CAIEIRAS *ENTRE*
OS MANGUEZAIS E AS ESCOLAS**

VITÓRIA
2013

SOLER GONZALEZ

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL AUTOPOIÉTICA COM AS
PRÁTICAS DO BAIRRO ILHA DAS CAIEIRAS *ENTRE*
OS MANGUEZAIS E AS ESCOLAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação ao Centro em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação na linha de Pesquisa: Cultura, currículo e formação de educadores/as.

Orientadora: Profa. Dra. Martha Tristão.

Vitória
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SOLER GONZALEZ

**" EDUCAÇÃO AMBIENTAL AUTOPOIÉTICA COM AS
PRÁTICAS DO BAIRRO ILHA DAS CAIEIRAS ENTRE OS
MANGUEZAIS E AS ESCOLAS."**

Tese apresentada ao Curso de
Doutorado em Educação da
Universidade Federal do Espírito
Santo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Doutor em
Educação.

Aprovada em 07 de Outubro de 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Martha Tristão
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Janete Magalhães Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Carlos Eduardo Ferraço
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Antônio Carlos Amorim
Universidade Estadual de Campinas

Professor Doutor Leandro Belinaso Guimarães
Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Doutor Celso Sánchez Pereira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação,
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Gonzalez, Soler, 1974-
G643e Educação ambiental autopoietica com as práticas do bairro ilha
das caieiras entre os manguezais e as escolas / Soler Gonzalez. –
2013.
159 f. : il.

Orientador: Martha Tristão.
Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Autopoiese. 2. Caieiras, Ilha das (ES). 3. Cartografia. 4.
Comunicação – Aspectos sociais – Caieiras, Ilha das (ES). 5.
Educação ambiental – Narrativas pessoais. I. Tristão, Martha,
1957-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
Educação. III. Título.

CDU: 37

RESUMO

Esta pesquisa em Educação Ambiental Autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas aposta numa política cognitiva e de narratividade no campo da Educação Ambiental, no exercício de acompanhar os movimentos dos *saberesfazeres* socioambientais que emergem com as redes de conversações e com as relações de convivência e de conveniência entre os sujeitos praticantes e narradores da maré da pesquisa: pescadores, desfiadeiras de siris, catadores de caranguejos, comerciantes, estudantes, professores e professoras. As práticas do bairro Ilha das Caieiras são domínios cognitivos e de ações do narrar, morar, pescar e cozinhar potencializados pelo Turismo Gastronômico e a Semana Santa. A Educação Ambiental Autopoiética desloca a “sustentabilidade” praticada em discursos oficiais e pelo mercado verde, para o sustentabilizar como domínio de ação na convivência e conveniência na vida cotidiana. O objetivo da tese é cartografar e problematizar os *saberesfazeres* socioambientais das práticas do bairro e seus atravessamentos com as escolas e os manguezais da Baía de Vitória, potencializando os movimentos que a Educação Ambiental Autopoiética produz no cotidiano da pesquisa. São aportes metodológicos: pesquisa em Educação Ambiental, cartográfica e com os múltiplos cotidianos. Utiliza como intercessores Humberto Maturana (1999; 2006) e Michel de Certeau (2008; 2009). Capturamos os seguintes *saberesfazeres* socioambientais: ritmos da rua Felicidade Correia dos Santos, usos dos manguezais, museu, usos do píer, restaurantes, linguajar ilhês comunitário, crianças no Turismo Gastronômico e na Semana Santa, apetrechos e territórios do pescar, ofícios dos pescadores, movimentos das marés, feitura das canoas e tipos de embarcações, espécies de peixes, crustáceos e andadas e defesos, territórios do brincar, lendas, cantigas e músicas da grande mídia, receitas culinárias e temperos usados nas tortas, moquecas, mariscadas, modos de desfiar siris e camarões, famílias nas calçadas. Educação Ambiental Autopoiética produzidas nas relações autopoiéticas com tensões, conflitos e negociações nos cotidianos com as redes de conversações, apostando compartilhar na solidariedade e na aceitação do outro como legítimo outro junto a nós, no conviver amoroso.

Palavras-chave: Educação Ambiental Autopoiética; Práticas do Bairro; Cartografia; Política da Narratividade; Redes de Conversações.

ABSTRACT

This research in Environmental Education aims to map and discuss the knowledge and environmental practices of *Ilha das Caieiras*, a neighborhood from the city of Vitoria (ES), and how it relate with schools and mangroves of Vitoria Bay, betting on an Autopoietic Environmental Education. This thesis bet on cognitive and narrative policy, in the exercise of monitoring the movements of environmental knowledge and practices that emerge from networks of talking and from relations of coexistence and convenience among subjects and storytellers: fishermen, “crab *desfiadeiras*” (women from traditional culture of Ilha das Caieiras who prepare and unravel the crab before cooking), crab pickers, merchants, students and teachers. The practices of Ilha das Caieiras are consequences of living, fishing and cooking enhanced by Gastronomic Tourism and Easter. Autopoietic Environmental Education as ethical, political, aesthetic and ontological dimension shifts the "sustainability" practiced for the green market and in official speeches to a domain of action in living and convenience in everyday life. This research covers crossings inspired by Humberto Maturana and Michel de Certeau. Methodological contributions are: narrative research in Environmental Education, cartographic research and research with the everyday. We captured the following social-environmental knowledge: rhythms of the street Felicidade Correia dos Santos, uses of mangroves, museum, uses the pier, restaurants, local language, children in Gastronomic Tourism and working during the Easter, tools and territories of fishing, fishermen work, movements tides, canoes construction, vessel types, fish species, crustaceans, crab reproduction seasons, types of play, legends, songs, songs of the mainstream media, recipes, spices used in pies, fish stew, traditional dishes and different ways of prepare crabs and shrimps for cooking. The choice of theoretical intercessors and the production of data with the subjects and storytellers indicate autopoietic environmental educations produced with the networks of talking with the practices of neighborhood take place between conflicts and negotiations in the relations of coexistence and convenience that was constructed between processes and relations with the everyday lives lived in mangroves and collectives alive and not alive of mangrove from Vitoria Bay.

Key-words: Autopoietic Environmental Education; Neighborhood Practices; Policy of narrativity; Cartography; Network talking.

O abandono do lugar me abraçou de com
força.

E atingiu meu olhar para toda a vida.
Tudo que conheci depois veio carregado
de abandono.

Não havia no lugar nenhum caminho de
fugir.

A gente se inventava de caminhos com as palavras.

A gente era como um pedaço de
formiga no chão.

Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo.

Manoel de Barros

À Professora e orientadora Martha Tristão, pela convivência e companhia com os *ventos de travessias* com os *mundos da lama* dos manguezais da Baía de Vitória, proporcionando encontros e conversas problematizadoras que alimentaram nosso caminhar com a Educação Ambiental Autopoiética. *Eu queria pegar na semente da palavra.*

Aos professores Janete Magalhães Carvalho e Carlos Eduardo Ferraço, pela generosidade, acolhida e pelos encontros com os Grupos de Pesquisa que em muito contribuíram com as inspirações para pensarmos a vida cotidiana no contexto da Educação Ambiental Autopoiética. Encontros que me ajudaram a *usar palavras de ave para escrever.*

Aos professores Leandro Belinaso Guimarães e Antônio Carlos Amorim, pelo apoio e afeto nos encontros e nas conversas com a Educação e a Educação Ambiental. Conversas tecidas com *o gosto do absurdo divino das imagens.*

Ao professor Celso Sánchez Pereira, que prontamente e carinhosamente aceitou o convite para compor a banca de defesa da tese, e o qual convido para *ver a tarde pousada sobre as margens do rio.*

Aos professores e professoras do curso de Geografia Marisa Valladares, José Américo, Gisele Girard, Cláudia do Vale, Paulo Scarin e Luiz Cláudio Zanotelli. Bons encontros e boas conversas que me fizeram *regar o rio.*

Às amizades, aos afetos, aos encontros, às conversas, às parcerias e aos incentivos dos colegas do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Educação Ambiental (NIPEEA/UFES). Conversas que foram enredadas com a companhia dos “nipeanos” e amigos: “Andreia”, Gil, Patrícia, Flávia, Ana Paula, Rosinei, Denize, Denise, Fernanda, Toni, Cida, Nadja, Márcia, Kátia e Fátima. Conversas que me inspiraram a *desver o mundo* e a Educação Ambiental, *a brincar com as palavras, a e ouvir a voz das águas e dos caracóis.*

À Lidiane Pignaton e à Flávia Martinelli, que me acompanharam nas andadas iniciais da pesquisa. Pensamos: *a explicação afasta as falas da imaginação.*

Às parcerias, alegrias, experiências, lugares, leituras, silêncios, trabalhos, viagens de estudos, caminhadas, aventuras e conversas que fizeram brotar a amizade com Gilfredo Carrasco Maulin, meu amigo Gil, que *carrega água na peneira e cria peixes nos bolsos.*

Aos sujeitos praticantes da pesquisa, narradores da maré, frequentadores do píer e moradores da rua Felicidade Correia dos Santos do bairro Ilha das Caieiras, que me permitiram mergulhar nos mundos da lama dos manguezais e nos saberes, fazeres, sabores, cheiros, gostos, conflitos, estórias e brincadeiras. Agradeço ao Seu Bá, Ao Seu Silvério, Paulo, Simone, Tia Laura, Pirão, pescadores e desfiadeiras de siris da Ilha das Caieiras. Com eles aprendi que *o rio encostava as margens na sua voz.*

Aos estudantes, funcionários e professores das EMEFs Francisco Lacerda de Aguiar e Eliane Rodrigues dos Santos, pela acolhida e confiança cultivada com as travessias da pesquisa e com os encontros com as turmas do 5º ano e do 6º ano. *Meninos e meninas que passam para as palavras suas peraltagens e que brincam de fingir que pedra são lagartos.*

À equipe de funcionários do Museu do Pescador da Ilha das Caieiras, pelo apoio e pela confiança em mim depositada. *Ele queria ser sonhado pelas garças.*

Aos estudantes, funcionários e professores da EMEF Experimental de Vitória-UFES, e à Professora e Diretora Rosemara, pelas colaborações, companhias, afetos e apoios a mim dispensados nas travessias da pesquisa entre a escola, a escrita da tese e os compromissos acadêmicos. *Lugar mais bonito de um passarinho ficar é a palavra.*

Aos meus familiares: meu pai Raul “Tchê”, minha mãe Liana, minha irmã Brisa, meu sobrinho amado Arthur, Gaia, Tia Dale, minha avó Mãezinha, Benito, Nelsinho e primos e primas. *Com a família a gente aprende o que os passarinhos sabem sobre o vento.*

À D. Lourdes, Rose, João, Lane, Rogério, Gilson, Seu Ancelmo, Alesander, Alana, Ana Luize e Maria Luiza. Os afetos, a confiança, o apoio e a convivência com vocês semearam em meus solos o carinho familiar e admiração que tenho por vocês. Agradeço por fazer parte desta família! *No gorjeio dos pássaros tem um perfume de sol?*

À Justine, que *guarda a infância da palavra* e compartilha comigo esse momento. A Isadora, Vicente, D. Lourdinha, Sr. Antônio Raizer, Eugênio e D. Jacinta.

Aos meus colegas do mestrado, doutorado e amigos da ONGAL pela compreensão e pelo apoio. *A gente então saía vagabundeando pelos matos sem aba.*

Aos meus colegas, amigos e funcionários da comunidade universitária que acompanham o meu habitar e o praticar o campus da UFES. *A gente se inventava de caminhos com as novas palavras.*

Aos meus amigos Flávio Pimentel e Marcius pela companhia repleta de *despropósitos* e pela amizade que cultivamos desde a infância.

À Andréia, meu amor... um amor autopoietico que não se guarda em palavras, está vivo e cultivado, conversado... e conversando nos deparamos com a Educação Ambiental Autopoietica em nós... nas nossas leituras, nas nossas vidas. Minha intercessora... Estar e viver com você é como ouvir a *voz de Deus que habita nas crianças, nos passarinhos e nos tontos*. Te amo muito... dedico esta tese a você.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. OS MUNDOS DA LAMA DOS MANGUEZAIS DA BAIJA DE VITÓRIA | 10 |
| 1.1. COMEÇANDO PELO MEIO | 16 |
| 1.2. ANDADAS E DEVIR-CARANGUEJO | 32 |
| 2. EDUCAÇÃO AMBIENTAIS AUTOPOIÉTICAS COM AS PRÁTICAS DO BAIRRO ENTRE OS MANGUEZAIS E OS COTIDIANOS ESCOLARES DA ILHA DAS CAIEIRAS | 41 |
| 2.1. CONVERSAS E APROXIMAÇÕES DE HUMBERTO MATURANA E MICHEL DE CERTEAU: PRÁTICAS DO BAIRRO E DOMÍNIOS DE AÇÕES, CONVENIÊNCIA E CONVIVÊNCIA | 42 |
| 2.2. EDUCAÇÃO AMBIENTAIS AUTOPOIÉTICAS EM REDES DE CONVERSACIONES COM AS PRÁTICAS DO BAIRRO | 52 |
| 3. POR ENTRE AS MARGENS DOS MANGUEZAIS DA BAIJA DE VITÓRIA: ANDADAS E OUTROS MOVIMENTOS COM O CAMPO PROBLEMÁTICO DA PESQUISA | 67 |
| 3.1. VENTOS DE TRAVESSIAS METODOLÓGICAS | 68 |
| 3.2. NARRADORES DA MARÉ E A RUA FELICIDADE CORREIA DOS SANTOS: QUANTO VALE OU É POR QUILO? | 80 |
| 4. Mergulhos com os cotidianos escolares da ilha das caieiras | 104 |
| 4.1. SABERESFAZERES SOCIOAMBIENTAIS DOS SUJEITOS PRATICANTES NAS MARGENS DOS COTIDIANOS ESCOLARES | 105 |
| 4.2. CARTOGRAFIAS E OUTROS MOVIMENTOS NOS COTIDIANOS ESCOLARES | 124 |
| 5. VENTOS DE TRAVESSIAS SEM FIM | 143 |
| 6. REFERÊNCIAS | 150 |



*Meu amor eu vou sair
Num vento de travessia
Na proa dessa canoa
Sem rumo, remo nem quilha
Lembrança revira o tempo
Saudade, refúgio, ilha
Porto seguro é seus braços
Naufrágio da maravilha
Ô canoeiro, ô canoa.*

Luís Perequê: Cantilena



1. OS MUNDOS DA LAMA DOS MANGUEZAIS DA BAÍA DE VITÓRIA

*Eu queria pegar na semente da palavra.
Manoel de Barros*

Esta pesquisa-tese com o tema *Educação Ambiental Autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas* é um desdobramento da dissertação de Mestrado e das pesquisas nas travessias no Doutorado em Educação (CE/PPGE/UFES), com orientação da professora Dra. Martha Tristão, coordenadora do NIPEEA, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental.

Os desdobramentos se iniciam neste Capítulo I, por entre os manguezais, traçando andadas e outros movimentos do pesquisador com os *sujeitos praticantes* (CERTEAU, 2009), que praticam e inventam as margens dos manguezais da Baía de Vitória, colocando-nos diante de inesperados ventos-de-travessias metodológicas, frutos das expressões do campo da pesquisa.

Da mesma forma, os movimentos por entre o *mundo da lama*¹ e ruas do bairro Ilha das Caieiras deslizam e apontam algumas questões com o campo problemático:

- a) Quais os *saberes-fazer*² socioambientais que constituem as práticas do bairro (CERTEAU, 2009) Ilha das Caieiras e seus atravessamentos com as redes cotidianas escolares e os manguezais da Baía de Vitória? No sentido certeuniano entendo como práticas do bairro o narrar, o morar, o pescar e o cozinhar, aproximando dos *domínios de ações* (MATURANA, 2006) dos *sujeitos praticantes* das margens com os cotidianos.

¹ O termo *mundo da lama* é uma conotação artística para as artes de fazer das práticas do bairro (morar, pescar e cozinhar), envolvendo também as coletividades vivas e não vivas dos manguezais da Baía de Vitória, as quais pude encontrar e experimentar. Mundo da lama enquanto narradores da maré que deslizam com vidas manguezeiras em planos de composição com a produção de dados da pesquisa-tese.

² Para Alves (2010, p. 68), “juntar os termos, pluralizá-los, algumas vezes invertê-los, outras duplicá-los, foi a forma que conseguimos, até o presente, para mostrar como as dicotomias necessárias na invenção da ciência moderna têm se mostrado limitantes ao que precisamos criar para pesquisar nos/dos/com os cotidianos”.

b) Quais movimentos a Educação Ambiental *Autopoiética* (MATURANA, 2006) produz nas práticas do bairro e entre os manguezais da Baía de Vitória e as redes cotidianas escolares? Pensamos a Educação Ambiental *Autopoiética* enquanto domínios cognitivos e ontológicos produzidos com as redes de conversações (MATURANA, 1999) nas relações de *convivência* (MATURANA, 2006) e de *conveniência* (CERTEAU, 2009) nos processos de conhecer e no agir dos seres humanos nas coletividades da vida cotidiana.

Questões que alimentaram nossos desejos, caminhos, experiências, encontros, compondo possibilidades e escolhas de um modo de praticar e caminhar no campo da *Educação Ambiental* (TRISTÃO, 2004a), indicando inspirações e apostas éticas, políticas, estéticas e cognitivas nos movimentos da escrita-tese, inventando outros possíveis, com os *ventos-de-travessias* com o campo problemático da pesquisa, delineando outras possibilidades de:

- a) problematizar os *saberesfazeres* socioambientais que constituem as práticas do bairro Ilha das Caieiras e seus atravessamentos com as redes cotidianas escolares e os manguezais da Baía de Vitória.
- b) cartografar os movimentos que a Educação Ambiental Autopoiética produz nas práticas do bairro entre os manguezais da Baía de Vitória e as redes cotidianas escolares.

Apresentamos os movimentos da tese com aposta de se pensar o campo da *Educação Ambiental* diante da potência da existência dos narradores da maré e dos *sujeitos praticantes* produzidas nas *redes de conversações* (MATURANA, 1999), afetos, conflitos e tensões com as redes cotidianas tecidas com os manguezais da Baía de Vitória.

O *devir caranguejo*³ entra em cena povoado por conflitos, experiências, *saberesfazeres*, poderes, sabores, afetos, e pelos *sujeitos praticantes* e narradores da maré, peixes pequenos, que vivem nos manguezais e à margem

³ Posteriormente irei abordar a expressão devir caranguejo.

da sociedade. Apresentamos esses movimentos num *devir caranguejo* constituído com os manguezais da Baía de Vitória.

Do mesmo modo, mostramos mundos caóticos em singularidades, territorialidades e temporalidades. *Devir caranguejo* inspirado com a sobreposição e atravessamento dos movimentos da andada, troca de casco e engorda dos caranguejos, e que nos (des)organizam, para nos organizarmos e pensarmos, com o campo problemático da pesquisa, os tempos da pesquisa e do pesquisador, a política da narratividade e a política cognitiva da tese, as questões de investigação, o objeto de pesquisa e a tese em si. Esses movimentos continuam...

Devir caranguejo!

Os movimentos da pesquisa foram assim pensados: no Capítulo II problematizamos as Educações Ambientais *Autopoiéticas* (MATURANA, 2006) tecidas com as *práticas do bairro* (CERTEAU, 2009) entre os manguezais e os cotidianos escolares da Ilha das Caieiras, com conversas com Humberto Maturana e suas noções de *autopoiese*, *espaços de convivências* e *redes de conversações* e as noções de *sujeitos praticantes*, *práticas do bairro* e *conveniências* segundo Michel de Certeau.

Pensamos em problematizar os *saberes-fazer*s socioambientais praticados cotidianamente, com as *redes de conversações* nos *espaços de convivência* entre os manguezais e os cotidianos escolares e entre os jogos de *conveniência* que atravessam a vida coletiva do bairro como possibilidades para pensarmos em Educações Ambientais tecidas nos processos, nas relações, nas redes entre as coletividades vivas e não vivas praticadas nos cotidianos das vidas manguezeiras.

No Capítulo III delineamos os aportes metodológicos da tese sob o viés das pesquisas em *Educação Ambiental*, como proposto por Martha Tristão; nas perspectivas das pesquisas em Educação com os cotidianos, como propostas por Nilda Alves e Carlos Eduardo Ferrazo; na pesquisa cartográfica, baseada

em Gilles Deleuze, Félix Guattari, Virginia Kastrup e Janete Magalhães Carvalho; e, por fim, com a noção de problematização segundo Michel Foucault.

Apresentamos os *sujeitos praticantes* como narradores da maré dos manguezais da Baía de Vitória, catadores de caranguejos, desfiadeiras de siris, pescadores artesanais, educandos, educadores, educadoras, professoras e professores dos *espaçotempos* das redes cotidianas escolares da região.

Este capítulo aborda ainda as *práticas do bairro*, ou seja, o narrar, o morar, o pescar e o cozinhar no bairro Ilha das Caieiras, com “zoon” nos narradores da maré e *sujeitos praticantes* dos manguezais, moradores da rua Felicidade Correia dos Santos, apostando numa política cognitiva e de narratividade na pesquisa-tese, que vê o outro como legítimo outro na *convivência*, tomando as vidas manguezeiras como coletividades da pesquisa e não como objetos.

O Capítulo IV mergulha e pousa nas nossas andanças pelos cotidianos de duas escolas da região, por meio das *redes de conversações*, tecidas com os movimentos desencadeados com as oficinas de mapas e as aulas de campo no bairro Ilha das Caieiras.

Cotidianos escolares praticados pelos *meninos-da-baía-de-Vitória*⁴ que *carregam águas nas peneiras e peixes nos bolsos*⁵. *Saberesfazeres* molhados-de-peixe e enlameados pelo mundo da lama do bairro escola. *Saberesfazeres* praticados, vividos e negociados nos *espaçotempos* escolares e na oficina do viver na Ilha das Caieiras.

No Capítulo V focamos nos ventos-de-travessias sem fim..., “in”concluindo a pesquisa-tese, na provisoriedade. Acompanhamos processos com as redes de pesca, redes de conversações, redes de afetos, redes cotidianas escolares, com as redes de conflitos. Redes...

⁴ Termo inspirado na música *Os Meninos da Baía de Vitória*, do Grupo capixaba Moxuara, CD Pontos e nós, ES, 1999.

⁵ Expressão inspirada na poesia do poeta do pantanal, Manoel de Barros.

Temperos, sabores, *saberesfazeres*, poderes. O bairro fervilhando, o calor cultural da Semana Santa e do Turismo Gastronômico. As *guerras de mapas*⁶ riscando geografias-territórios das vidas manguezeiras, praticadas com as margens dos manguezais, e as geografias-territórios praticadas no mapa-móvel-da-vida, com as Unidades de Conservações.

Utilizamos algumas imagens que foram capturadas nas travessias com os *espaçostempos* da pesquisa, na intenção poética de compor o texto e produzir sentidos. Incluímos também receitas culinárias dos principais pratos comercializados e preparados na Ilha das Caieiras e utilizadas de diferentes formas pelos *sujeitos praticantes* da pesquisa, no exercício de trazer para o texto os gostos e cheiros da pesquisa.

A expressão *ilhês* foi capturada do linguajar cotidiano em *redes de conversações* com os *sujeitos praticantes* da pesquisa, e a expressão *guerra de mapas* denota os conflitos que atravessam as vidas dos *sujeitos praticantes* e seus domínios de ação no narrar, morar, pescar e cozinhar nos manguezais da Baía de Vitória, assim como a expressão *margem*, inspirada nas singularidades naturais dos manguezais, que são ecossistemas que ocupam as margens, e nas condições de vida dos que veem das margens e que são os *sujeitos praticantes* da pesquisa.

Apresentamos também, inspirado nos ciclo de vida dos caranguejos, a noção de *devir caranguejo* para discutir as relações e os conflitos que foram nos produzindo no exercício de praticar o campo problemático da pesquisa, com a atenção focada nas artes de narrar, no morar, no pescar e no cozinhar da Ilha das Caieiras e do praticar os cotidianos escolares da região.

Entrar pelo meio no campo da pesquisa! Entrar e ser afetado com o *devir caranguejo*, inspirado na noção de *devir*, que, segundo Deleuze e Parnet (1998, p. 3),

⁶ Posteriormente explanarei o que denomino de guerra de mapas.

[...] não são fenômenos de imitação ou de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela [...], não fingir, não fazer como ou imitar a criança, o animal, mas tornar-se tudo isso, para inventar novas forças e armas.

Nas travessias da pesquisa exercitamos os movimentos do *dever caranguejo* com o *curiosear*, que, segundo Foucault, (2006, p. 196),

[...] é o único tipo de curiosidade que, de qualquer forma, vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que busca se assimilar ao que convém conhecer, mas a que permite desprender-se de si mesmo.

Assim, com o *dever caranguejo* e o exercício de *curiosear* com o campo problemático, conversamos e convivemos com múltiplas facetas e apostas epistemológicas em Educação Ambiental, deslocando-nos aos sentimentos de incertezas nas travessias da pesquisa, desejando outros modos de caminhar, em relação ao que havia feito no Mestrado.

Para alinhavar a composição da tese buscamos inspirações na poesia de Manoel de Barros, do livro “Menino do Mato” (2010), no exercício de escrever e *desver o mundo* e tentar *pegar a semente da palavra*, como um menino do manguezal, um menino manguezeiro, menino da Baía de Vitória.



1.1. COMEÇANDO PELO MEIO

*Invento para me conhecer.
Manoel de Barros.*





Vários estudantes vêm aqui para nossa comunidade,
...fazem suas pesquisas sobre pescadores,
vão embora, não trazem um retorno,
não falam o que que aconteceu nas pesquisas deles...
(Desfiadeira de Siri)

Meus encontros e aproximações com os manguezais iniciaram no devir-criança nos ventos-de-travessias entre os manguezais de Guarapari, quando morávamos na localidade de Perocão, uma vila de pescadores às margens do rio de mesmo nome. Uma vila de pescadores com práticas do bairro atravessadas pelo mar e com os manguezais. Sol, Brisa, praias, passeios de barco, pescarias, brincadeiras na ponte e afetos familiares.

Os mundos da lama que embalam encontros e experiências nos implicando politicamente no campo da Educação Ambiental e nas políticas cognitivas e de narratividade desta pesquisa-tese.

Caminhos terrestres e flutuantes por entre as águas-turvas com a Educação Ambiental produzida nas redes de *saberesfazeres* socioambientais com o narrar, o morar, o pescar e cozinhar na Ilha das Caieiras entre os manguezais da Baía de Vitória e os cotidianos escolares da região. Caminhos, ingredientes e experiências no navegar *sem remo nem quilha*, que atravessei e fui atravessado, alimentado e encorajado com a fluidez e as multiplicidades das águas-turvas da Baía de Vitória.

Aos oito anos de idade eu já frequentava o Campus Universitário de Goiabeiras e os cotidianos da comunidade universitária, devido às aproximações familiares com o local, sendo que as minhas primeiras aproximações (políticas, ativistas e acadêmicas) com os manguezais aconteceram no início do curso de graduação em Geografia. Lembro-me bem dos encontros entre estudantes de diversos cursos de graduação, pensando em ações que pudessem parar com a destruição dos manguezais ao redor da universidade.

Queríamos protegê-los da notória expansão da universidade e da duplicação da avenida que dá acesso ao campus universitário. Nesses encontros criamos

a Organização Não-Governamental Amigos do Lameirão (ONGAL). Participávamos intensamente das discussões em Conselhos de Meio Ambiente e nos fazíamos presentes também nos cenários que envolviam os eventos de Educação Ambiental na região da Grande Vitória. Era a Educação Ambiental que eu habitava! Os manguezais foram minhas pontes de contato com a Educação Ambiental.

Visitava constantemente os *mundos da lama* da Baía de Vitória, e, de forma mais intensa, os que recobriam as franjas da Ilha de Vitória. Foi assim por um bom tempo! Mas, quis ampliar os olhares, dissolver os pontos de vistas, os campos de visão. Ver o oposto, por *entre* os bosques dos manguezais, ver a partir das margens próximas ao monte Mestre Álvaro.

O monte Mestre Álvaro, situado no município de Serra, e próximo à foz do rio Santa Maria, foi um importante ponto referencial para os primeiros navegadores que desbravaram o litoral e os mares capixabas. O Mestre Álvaro é referência na historiografia capixaba e fonte de imaginação. A lenda *do Pássaro de Fogo* é uma destas inspirações.

A lenda narra o amor proibido entre uma jovem índia chamada *Amanari*, filha do poderoso cacique *Acauã*, com um jovem índio, guerreiro de tribo rival, chamado *Caiári*. Como reza a lenda, diante do sofrimento dos apaixonados, uma ave misteriosa os conduzia a dois montes de onde podiam avistar um ao outro.

Um dia, esse amor foi amaldiçoado por um encanto, que transformou o índio no Monte Mestre Álvaro, e a índia, no Monte Moxuara. Mas o *pagé*, autor do encanto, concedeu apenas a noite de São João, santo do amor, e padroeiro do município de Cariacica, para que eles se encontrassem. Neste dia, uma bola de fogo corta o céu...é o Pássaro de Fogo!

Lendas, mitos e histórias que compõem uma região, reunindo num só lugar a Baía Noroeste de Vitória, a Ilha das Caieiras, o pôr-do-sol, o Moxuara, o Mestre Álvaro, os manguezais, as comunidades ribeirinhas, enfim uma corrente

atmosférica repleta de imaginários, amores e tipos culturais capixabas, banhados e atravessados pelas águas do rio Santa Maria da Vitória.

A região, os manguezais e o bairro Ilha das Caieiras invadiram a pesquisa, deslocando-a para outros modos de caminhar, ao sabor das marés. Os encontros com o Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental (GPEA) e com o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental (NIPEEA), coordenados pela professora Dra. Martha Tristão, foram me constituindo, me autoproduzindo entre diferentes matizes, suscitando pistas e curiosidades.

Com os atravessamentos e encontros nos horizontes do mestrado, desejei compreender de que modo as relações socioambientais de uma determinada comunidade, situada na Baía Noroeste de Vitória, contribuía com a sustentabilidade da região. Essa comunidade escolhida foi a Ilha das Caieiras.

Baía-mãe-das-águas dos rios Aribiri, Bubu, Itanguá, Marinho e Santa Maria da Vitória. A Baía de Vitória está entre as maiores áreas de manguezais do Estado Espírito Santo. Os manguezais abrangem quatro municípios da região metropolitana da Grande Vitória: Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória, e, de acordo com o Censo de 2000 do IBGE, a população desses municípios é de aproximadamente 1.283.735, correspondendo a 41,44% da população do Estado.

As áreas de manguezais da Baía de Vitória estão configuradas como Unidades de Conservação desses municípios, organizadas pela Lei 9.985/2000, que cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), constituindo o Mosaico de Áreas Protegidas do Manguezal da Baía de Vitória, cobrindo uma área de 3.300 hectares.

O SNUC (2000) define uma Unidade de Conservação como um espaço territorial com recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais e de características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo poder público,

com o objetivo de conservar os limites definidos sob o regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

Com o reconhecimento do Mosaico das Áreas Protegidas da Baía de Vitória (IPEMA, 2007) foram pensadas estratégias de gestão do conjunto de unidades de conservação e áreas protegidas que ele contempla. De acordo com esse documento, a gestão ambiental das Unidades de Conservação seguirá princípios de integração e de participação política e social, considerando-se os seus distintos objetivos de conservação, de forma a compatibilizar a presença da biodiversidade, a valorização da sociobiodiversidade e o desenvolvimento sustentável no contexto regional.

As gestões das Unidades de Conservação são feitas por cada secretaria municipal de meio ambiente dos municípios da Grande Vitória, perfazendo, nesse Mosaico de Áreas Protegidas da Baía de Vitória, as seguintes unidades de conservação: em Cariacica, a Reserva do Desenvolvimento Sustentável do Manguezal de Cariacica e o Parque Natural Municipal do Itanguá; em Vila Velha, o Parque Natural Municipal Morro da Manteigueira e o Monumento Natural Morro do Penedo; e, sob a gestão da Secretaria de Meio Ambiente de Vitória, a Estação Ecológica Municipal Ilha do Lameirão, e o Parque Natural Municipal Dom Luiz Gonzaga Fernandes.

No decorrer do Mestrado em Educação, me preocupei com a aposta no biorregionalismo (SATO, 2001) em Educação Ambiental, que enfatiza o local da cultura em suas dimensões geográficas, biológicas e inscritas na constituição histórica dos sujeitos. Com esse movimento de pesquisa apresentei a Dissertação, *Educação Ambiental Biorregional: a comunidade aprendente na Ilha das Caieiras, Vitória, ES*, (GONZALEZ, 2006) com orientação da professora Dra. Martha Tristão.

Desde o Mestrado desejava dialogar com a pesquisa em Educação Ambiental, com mapas, com os espaços, com os territórios e com as representações cartográficas. Esse desejo nos inclinou às abordagens biorregionais.

Articulamos, com a pesquisa do Mestrado, mapas e a produção de narrativas com os pescadores da Ilha das Caieiras.

No início dos horizontes do Doutorado em Educação, algumas questões continuavam a me acompanhar, tornando-se potentes para o pensamento: Podemos pensar a abordagem Biorregional em Educação Ambiental diante dos processos de hibridização das identidades culturais? Ou ainda: Os processos de hibridização cultural atravessam os *saberesfazeres* das práticas do bairro Ilha das Caieiras?

Os manguezais da Baía de Vitória são reconhecidos pelas coletividades vivas que nutrem famílias de pescadores e de catadores de caranguejos, as quais, na atualidade, vivem dificuldades na atividade pesqueira, devido aos impactos ambientais nos ecossistemas e principalmente por conta das proibições de pesca na região. Os manguezais foram cercados!

Próximo à Ilha das Caieiras há um Parque e neste há um Centro de Educação Ambiental. Integrei, em 2004, a equipe do Centro de Educação Ambiental do Parque Natural Municipal da Baía Noroeste de Vitória organizando e planejando atividades em Educação Ambiental com escolas da região, grupo de visitantes e comunidade em geral.

Nesses movimentos com o Centro de Educação Ambiental, conheci pescadores e antigos moradores da Ilha das Caieiras. Era minha entrada pelo meio, no campo problemático desta pesquisa-tese, acompanhada de conversas, memórias, marcas e acontecimentos; das artes de fazer e de narrar das vidas manguezeiras de quem vive com as marés e os manguezais da Baía de Vitória.

Mundos da lama temperados por temporalidades, conflitos, *saberesfazeres*, poderes, cheiros e sabores, com estéticas e éticas inventivas, produzidas pelos *sujeitos praticantes* (CERTEAU, 2008) nas margens da Baía de Vitória: Catadores de caranguejos, desfiadeiras de siris, pescadores artesanais,

educandos, educadores, educadoras, professoras e professores dos *espaçostempos* das redes cotidianas escolares da região.

Os *sujeitos praticantes* para Certeau (2008) são sujeitos que inventam e reinventam seus mundos, nos fluxos cotidianos, nas coletividades, nas artes de fazer e narrar, com os usos de táticas e estratégias de resistências, reapropriando-se, a seu jeito, dos espaços, dos usos e dos lugares praticados.

Tentamos, nesta pesquisa-tese, acompanhar os movimentos dos territórios existenciais das coletividades dos *sujeitos praticantes* que vivem nas margens dos manguezais. Movimentos que compõem mapas-móveis desta pesquisa cartográfica, povoada por experiências e *saberesfazeres* no bairro Ilha das Caieiras. Os movimentos com *sujeitos praticantes* que vivem nas margens inspiraram nossa política de narrativa (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010) para a tese.

A política de narrativa (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010) enquanto escolha de uma posição narrativa é o *ethos* desta pesquisa em Educação Ambiental. É uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece.

Movimentos políticos me levaram aos terrenos lamacentos entre diferentes geografias que compõem as áreas protegidas de manguezais e delimitadas por leis ambientais. Áreas de preservação ambiental que são atravessadas por geografias dos cotidianos escolares, alimentadas na atualidade pelo calor cultural do Turismo Gastronômico e da Semana Santa na região.

Uma guerra de mapas, com conflitos, tensões e negociações ambientais entre os territórios das vidas manguezeiras e os territórios de controle, de subjetivação e de preservação das áreas de manguezais, coengendrando coletivos de forças, desejos, poderes e táticas de resistências e de (re)existências, que deixaram emergir *saberesfazeres* socioambientais produzidos nas práticas do bairro e nas *redes de conversações* cotidianas.

Unidades de Conservação que emergiram das discussões governamentais em gabinetes, envolvendo representantes da sociedade civil, que foram engolidos como peixes pequenos pelos discursos da preservação e da sustentabilidade para um futuro melhor das gerações. Territórios de poderes que afetam as práticas do bairro principalmente o narrar, o morar, o pescar e o cozinhar na Ilha das Caieiras.

Discursos e narratividades pautados na expansão do futuro e encolhimento do presente vieram à tona, desperdiçando as experiências e *saberes-fazer* das vidas manguezeiras das famílias que sobrevivem na atualidade da pesca na Baía de Vitória. Os manguezais sendo banhados pelos discursos e narratividades do mercado verde? Criação de Unidades de Conservação voltada para o fomento do Turismo Gastronômico? E as vidas manguezeiras? A Baía Noroeste de Vitória compõe encantos e recantos. Suas águas geram afetos, conflitos e poderes. Vários são os relatos de acontecimentos históricos na região, dentre eles as lembranças dos canoeiros do rio Santa Maria.

A obra *Canoeiros do Rio Santa Maria*, de João Ribas da Costa (1951), descreve, numa linguagem folclórica, os momentos de desenvolvimento econômico-social do município Santa Leopoldina, localizado na região serrana do Estado e banhado também pela bacia hidrográfica deste rio, tendo como foco desse progresso os canoeiros do Rio Santa Maria, “[...] anônimos trabalhadores desajustados pela invasão dos caminhões trazidos pelas mãos do Progresso, que cobrou tributo usurário a toda uma coletividade que vivia do transporte fluvial [...]” (COSTA, 1951, p. 25).

No século XIX, o escoamento da produção cafeeira da região serrana do Estado era feito em tropas, por terras, até o ponto onde o rio não era encachoeirado, sendo que entre a última cachoeira e o porto de Vitória o tráfego comercial se valia de canoas. “[...] o tráfego de canoas era e tinha de ser intenso, uma vez que servia de canal exclusivo para todo o comércio exportador e importador de vastíssima região” (COSTA, 1951 p. 27).

Em decorrência dos movimentos migratórios do campo para a cidade, estimulados pela crise cafeeira da época, o rio Santa Maria incorporou, no século XX, outra importância socioeconômica frente à recente ocupação humana sobre as margens da Baía Noroeste de Vitória.

Nesses movimentos de ocupação, expansão e urbanização das margens da Baía de Vitória, os manguezais se consolidaram como fonte de sobrevivência, com a extração de madeiras para habitação e com a atividade pesqueira. A Baía Noroeste de Vitória se destacou, diante desse panorama, como uma região com enorme potencial pesqueiro, provendo de alimentos a crescente população, que habitava suas margens.

As desfiadeiras de siri, as paneliras do bairro Goiabeiras, os catadores de caranguejos e pescadores são exemplos de grupos sociais lembrados quando nos referimos à região e também descritos em várias obras e trabalhos documentais, incluindo a pesquisa de Mestrado em Educação (PPGE/UFES) por mim desenvolvida.

Ilha-refúgio! Geografias: de mosaicos de formas, forças e tensões interconectadas. A Ilha das Caieiras já foi ilha e atualmente está circundada por quase todos os lados pela Região da Grande São Pedro, e nesse turbilhão eu atuava como Educador Ambiental no Centro de Educação Ambiental do Parque Municipal da Baía Noroeste de Vitória. No decorrer do Mestrado e Doutorado visitei o Parque algumas vezes, e ao visitá-lo questionava comigo mesmo: ativismo ambiental? Carreirismo ecológico? Formação de educadores sobre o manguezal?

Os mundos da lama e sua guerra de mapas, de geografias, reuniões com grupos organizados de catadores de caranguejos, escolas locais, campanhas e ações educativas em períodos de andadas e defesos dos caranguejos. Que Educação Ambiental balizava o meu fazer educativo? De que modo me constituo político-ético e epistemologicamente com esta pesquisa-tese em Educação Ambiental?

Nas épocas de reprodução e de proteção dos caranguejos, nas andadas e nos defesos do caranguejo fazíamos reuniões com catadores de caranguejos. Da mesma forma, fazíamos abordagens em bares e restaurantes, divulgando materiais informativos e atividades educativas em escolas, feiras livres e em outros espaços comunitários. Práticas que ainda são referências para as ações realizadas pela gerência de Educação Ambiental, da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Vitória.

A equipe do Centro de Educação Ambiental atuava basicamente com visitas técnicas e parcerias pedagógicas, com escolas e grupos organizados locais, dentre eles os catadores de caranguejos, que nos acompanhavam em ações educativas, nos períodos da andada e defeso dos caranguejos, envolvendo também grupos de jovens organizados na área de influência do Centro de Educação Ambiental.

No período em que trabalhei na Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Vitória aproximei-me do bairro Ilha das Caieiras, das práticas do bairro, dos *saberesfazer*s socioambientais dos moradores e de suas relações com os manguezais. Bons encontros foram possíveis e fundamentais nesse processo de produção de subjetividades. Os movimentos da pesquisa produziram em mim o *dever caranguejo*.

Durante as andadas e os defesos dos caranguejos, a equipe do Centro de Educação Ambiental do Parque Municipal da Baía Noroeste de Vitória participava de campanhas educativas em parcerias com as equipes de outros setores da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Vitória (SEMMAM).

Os catadores de caranguejos eram convidados a participar das campanhas durante as andadas e os defesos dos caranguejos. Saíamos com eles em canoas manguezal a dentro, e eles indicavam os lugares preferidos para a captura dos caranguejos. Eram os *saberesfazer*s dos *sujeitos praticantes* nas margens orientando as ações dos técnicos e peritos.

Essas práticas produziram em mim questões que me moveram o pensar-e-fazer enquanto Educador Ambiental. Desterritorializando-me diante da Educação Ambiental, andando em lamas... *devir caranguejo*.

Pensava nas Educações Ambientais que também se fazem no *presente cambiante* (MATURANA; YÁNEZ, 2009) e na invenção coletiva. Educações Ambientais tecidas nas relações e, no caso desta pesquisa-tese, no compartilhar *saberesfazeres* socioambientais que habitam as tensões e os conflitos cotidianos locais. Educações Ambientais de quem as vivem, as inventam cotidianamente.

Os municípios banhados pelos manguezais da Baía de Vitória também desenvolvem ações e projetos em Educação Ambiental em parcerias entre secretarias, com foco na preservação dos manguezais e fiscalização da pesca e da venda de caranguejos e guaiamuns em épocas de defeso e de andada.

São exemplos de ações em Educação Ambiental: Manguendo na Educação⁷, Projeto Mangue Vivo, Campanhas de Andada e Defeso do Caranguejo e de Gestão Sustentável da Pesca de Caranguejos e Guaiamuns e o Programa Maré Viva.

Números de participantes envolvidos, objetivos e metas alcançadas, usos sustentáveis dos habitantes dos mundos da lama, relatórios descritivos, reuniões, limpeza dos manguezais, panfletagens, discussões de técnicos e peritos, participação de pescadores: tempo *chrónos* organizando o mundo da lama dos manguezais.

⁷ O Projeto Manguendo na Educação, da Gerência de Educação Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente, já atendeu 20 mil alunos em 72 escolas públicas e particulares nos seus seis anos de existência. São alunos de diferentes faixas etárias, de Ensino Fundamental, Médio e Superior, inclusive de outros municípios. Além do público escolar, o projeto também desenvolve atividades com grupos organizados; frequentadores e proprietários de bares e restaurantes; catadores de caranguejo; Paneleiras; marisqueiras/desfiadeiras de siri; casqueiros; pescadores; instituições envolvidas com o tema; população em geral. Disponível em <<http://www.vitoria.es.gov.br/secom.php?pagina=noticias&idNoticia=11603>>. Acessado em: 04 jul. 2013.

Ações nascidas em gabinetes e corredores distantes das lamas: mudanças de comportamentos, conscientização da população, falta de informação, falta disso e daquilo, busca por modelos, controles, formas, receitas, números de estudantes e professores, busca por indicadores. Participação?! Ou participar-da-ação?!

Nas andadas com o Doutorado em Educação conheci uma localidade, situada exatamente na outra extremidade da Ilha das Caieiras. Do lado de lá do rio. O contato com os espaços educativos da Ilha das Caieiras e com os *saberesfazer*es produzidos na comunidade aguçaram em mim o desejo em conhecer também o outro lado da maré.

Nas aproximações com o outro lado da maré, cheguei ao município de Cariacica, aos pés do Monte Moxuara. Entro nos séculos XVIII e XIX rastreando temporalidades em casarios, causos, lendas, festejos, carnaval dos *Mascarados do Congo de Roda D'Água* (RAMOS, 2013), histórias, localidades de Roda D'Água, Ibiapaba, Mariracá, Roças Velhas, dentre outras, dissolvendo os pontos de vistas e potencializando outros olhares do município de Cariacica e da Baía de Vitória.

Dentre os lugarejos que compõem o chamado Circuito Histórico-Cultural de Cariacica, uma localidade me chamou a atenção: a Vila Cajueiro. Situada nas proximidades da foz do rio Santa Maria, e com exuberantes manguezais, margeando cenários de nossa história, como o Canal dos Escravos e o Porto das Pedras, com seus sambaquis⁸ e ruínas.

A região da foz do rio Santa Maria foi um importante acesso tanto às rotas de colonização, como à navegação dos destemidos Canoeiros do rio Santa Maria, e atualmente as marcas dos processos civilizatórios da modernidade impõem uma nova função ao lugar. O mercado verde se impõe. Os manguezais virando loteamentos de luxo? O lugar de toda pobreza se metamorfoseando em lugares de todas as riquezas?

⁸ Sambaquis são acúmulos de restos e vestígios arqueológicos de povos que ocuparam uma determinada região.

Navegando nas proximidades da foz dá-se a impressão de haver um tipo de invasão ou conflito, decorrente das interferências ambientais, provocadas por empreendimentos imobiliários, que transformaram os manguezais da Baía de Vitória em grandes filões para o mercado imobiliário, com a promessa de oferecer tranquilidade, segurança, qualidade de vida e sustentabilidades.

Tanto a Vila Cajueiro como o Parque Natural Municipal do Itanguá estão ambos na Reserva de Desenvolvimento Sustentável dos Manguezais de Cariacica, criada em 2007, com o Mosaico das Áreas Protegidas de Manguezais da Baía de Vitória (IPEMA, 2007).

Em 2010, algumas comunidades pesqueiras dessa Reserva de Desenvolvimento Sustentável foram envolvidas em oficinas de produção de vídeo, como a comunidade de Nova Rosa da Penha, vizinha à Vila Cajueiro. Os resultados dessas oficinas garantiram a elaboração de vídeos-documentários, de cada uma delas, que integram o Projeto Povos e Mangues, apoiado pelas Secretarias Municipais de Educação e Meio Ambiente de Cariacica.

Falando em vídeos e documentários e em busca deles, deparei-me com produções audiovisuais locais e sobre a Baía de Vitória. Com ventos-de-travessias, transporte-me para 1993, quando os jornais, livros, televisão e documentários da época apresentavam a paisagem da região, como *Lugar de toda pobreza*⁹, em alusão ao documentário-denúncia de mesmo nome, produzido pelo cineasta Amylton de Almeida, e que retrata o período em que a Grande São Pedro era um grande lixão à céu aberto.

⁹ Em São Pedro (bairro de Vitória, ES), sobreviviam, na década de 80, de forma quase inacreditável milhares de pessoas que do lixo tiravam o sustento, a começar pela alimentação. As cenas de mulheres, crianças e homens misturados aos dejetos e aos urubus inspiraram o cineasta Amylton de Almeida. O documentário chocou o país e pressionou as autoridades a iniciarem o processo de urbanização e humanização da região. Disponível em: <<http://filmow.com/lugar-de-toda-pobreza-t33644/>>. Acessado em: 18 jul. 2013.

Um lugar de toda pobreza que foi escondido? Estratégias para a consolidação do Turismo Gastronômico? Estratégias do poder público e das agências midiáticas e de telecomunicações aliciadas pelo mercado verde?

Lugar (e tempo) de toda pobreza?! Lugar também de devires e de resistências cotidianas. Lugares dos sambaquis-de-restos consumidos, descartados, acumulados e reinventados na contemporaneidade com seus diferentes usos.

Lugar com temporalidades e territórios inventados, compondo uma rede de *saberesfazeres* socioambientais, numa guerra de mapas entre as áreas de preservação ambiental criada por leis, territórios das vidas manguezeiras dos *sujeitos praticantes* nas margens e jogos de interesses, que mobilizam a especulação imobiliária e o Turismo Gastronômico.

Ilha-refúgio! Cercadas por conversas conectadas com as geografias sentimentais e afetivas dos mundos da lama, banhados por diferentes tempos e geografias: as marés, a pesca, as artes de cozinhar e de narrar.

Os espaços de controle das Unidades de Conservação: geografias-molares? Diferentes ritmos, sons e cores entre os períodos de reprodução de coletividades vivas dos manguezais, a supervalorização do Turismo Gastronômico na região e a Semana Santa, que se prolonga por várias luas!

Tempos *chrónos* dos depósitos-sambaquis de lixos, inventando outra cidade, da região da Grande São Pedro. Tempos *kairós* das coletividades vivas e não vivas dos manguezais, envolvidas em jogos de poderes que alimentam o caldeirão cultural do Turismo Gastronômico e da Semana Santa na Ilha das Caieiras. Tempos *aións* das intensidades, potencialidades, possibilidades, afetos, tensões, conflitos, *saberesfazeres* e de mudanças de vida, para os que comiam restos e que ainda vivem das margens dos manguezais.

Temporalidades e territórios inventados com a criação do Turismo Gastronômico, atravessando os ritmos das práticas do bairro, apresentando pistas metodológicas para a pesquisa-tese. Pistas e movimentos que veremos

a seguir, com os movimentos da pesquisa, acompanhados pelos *sujeitos praticantes* nas margens, moradores da rua Felicidade Correia dos Santos e narradores da maré.





CARANGUEJADA CAPIXABA

18 caranguejos gordos

2 pimentas-malagueta

1 cebola grande

4 tomates

Azeite

Sal

1.2. ANDADAS E DEVIR CARANGUEJO

*Eu faço travessuras com palavras.
Não sei nem me pular, quanto mais obstáculos.
Manoel de Barros*

Nas travessias desta tese em Educação Ambiental Autopoiética optamos pela atitude de problematizar a produção de dados da pesquisa aproximando-se da noção de *problematização* de Foucault, destacadas no “Dicionário de Foucault”, de Judith Revel (2011). Problematizar, não reformar, mas instaurar uma distância crítica; fazer atuar o “desprendimento”, redescobrir os problemas.

Nos movimentos de problematizar e em devires autopoiéticos com o campo problemático surgiram questões: Que *saberes-fazer*s são praticados pelas famílias que vivem das coletividades vivas e não vivas dos manguezais da Baía de Vitória? A quem cabe proteger e garantir os sustentos das vidas manguezeiras que povoam essas águas, esses territórios e essas lamas, em busca dos leites das marés, das carnes dos caranguejos, siris e peixes? De que modo pensar a preservação dos manguezais, esteio da sobrevivência de milhares de famílias manguezeiras da Baía de Vitória? Que ecologias políticas são praticadas na região? Que Educações Ambientais são praticadas?

Bons-encontros! Educações Ambientais em redes de conversações! Autoprodução de si e de mundos! Educação Ambiental Autopoiética! Questões problematizadoras inflamando o caminhar e o praticar do campo problemático.

O que pode uma comunidade que vive na oficina do viver entre os manguezais? De que modo as sabedorias do caos dos mundos da lama na Baía de Vitória atravessam as práticas do bairro Ilha das Caieiras? Como as Unidades de Conservação interferem nas artes de narrar, morar, pescar e cozinhar, ou seja, nas práticas do bairro da Ilha das Caieiras?

Nos manguezais as temporalidades são outras. Os verões são fervilhados com calor cultural que contagiam os *sujeitos praticantes* das margens e moradores

da Ilha das Caieiras. Os moradores, numa organização comunitária e familiar, aceleram-se com os ritmos embalados com o Turismo Gastronômico e a proximidade da Semana Santa, quando são comercializadas tortas e moquecas capixabas, fazendo o bairro respirar temperos, gostos e cheiros.

Inspirado no período ou ciclo de vida dos caranguejos, marcado pelas fases da andada, engorda e troca de casco, fui entrando nas travessias e me deixando atravessar por elas. O *devir caranguejo* é meu próprio domínio de ação autopoiética e de atitude epistemológica e metodológica, tudo junto e misturado, como as carapaças dos caranguejos, embalando enlaces *objetivosubjetivos* da pesquisa e do pesquisador.

Com as andadas nas Secretarias de Meio Ambiente e nos órgãos ambientais federais, estaduais e municipais, encontramos calendários oficiais, indicando os dias em que os caranguejos irão andar, facilitando assim o controle da captura e da comercialização dessas espécies. Mas as vidas manguezeiras são rizomáticas. Caranguejos são rizomas. Devires a riscar e furar as margens das marés. Os caranguejos, no manguezal, não se deixam capitalizar e serem controlados pelo tempo *chrónos*. E os caranguejos nada se importam com esses calendários! Caranguejo devir!

Nas andadas, os hormônios dos caranguejos ficam alterados, sendo facilmente capturados, tanto machos e fêmeas, que saem de suas tocas para acasalarem. Nesta fase é proibida a captura e a comercialização dos caranguejos.

As andadas são temporalidades das paixões nos berçários dos mares, territórios de coletividades vivas que acompanham luas, chuvas e o calor dos verões. Geralmente as andadas acontecem nas primeiras luas de Janeiro, lua cheia ou nova, e são anunciadas quando os machos espumam e exalam seus cheiros de hormônios nos manguezais, e que segundo os catadores de caranguejos: *...parece até com o cheiro do caranguejo cozido.*

Os tempos *aións* e *kairós* agem nas andadas dos caranguejos? Agem também nos verões das férias escolares, quando os meninos-da-baía-de-Vitória ficam

molhados de peixes e carregam águas nas peneiras? Os tempos *aóins* e *kairós* povoam as coletividades das oficinas de viver da escolabairro?

Questões atravessavam e acompanham os movimentos das marés e dos ventos-de-travessias com os *sujeitos praticantes* nas margens. “Eu me organizando, posso me desorganizar... eu me desorganizando, posso me organizar. Da lama ao caos, do caos à lama. O homem roubado nunca se engana” (CHICO SCIENSE; NAÇÃO ZUMBI, 2000).

As astúcias dos jogos de poderes e das práticas do bairro nesse ambientemanguezal, rizomático, da escolabairro e da oficina do viver ganham sonoridades e caricaturas nos ilhês. Um jeito singular e carnavalesco do conversar os encontros, tecendo *redes de conversações* sobre as táticas de sobrevivências dos *sujeitos praticantes* nas margens diante dos territórios de preservação ambiental.

Nossas apostas andam também em direção às potências dos *saberesfazer*s socioambientais, que riscam as geografias e os territórios das *práticas do bairro* da Ilha das Caieiras e das vidas manguezeiras criadas com os leites das marés da Baía de Vitória.

São apostas epistemológicas, ontológicas, políticas e metodológicas me autoproduzindo com o *devir caranguejo*, entre os fluxos das águas-turvas de um rio, e que trazem à tona multiplicidades e singularidades de *saberesfazer*s socioambientais com as práticas do bairro Ilha das Caieiras.

Apostas no sentido de *pôr entre parênteses* (MATURANA, 2006) meus próprios olhares diante das Educações Ambientais que pratico, entendendo que nossos territórios existenciais são praticados por Educações Ambientais encarnadas e atualizadas, assim como as coletividades dos *sujeitos praticantes* nas margens.

Manguezais em margens banhadas por coletivos de forças entre relações de poderes e de controles. O homem é um rio turvo. “É preciso ser um mar para, sem se toldar, receber um rio turvo” (NIETZSCHE, 2002, p. 26).

Ambiente de manguezal rizomático, rizo-flora, rizoflora! Caótico em multiplicidades de forças e de poderes, num jogo de estratégias e táticas, inventando geografias cotidianas com o bairro e entre os manguezais, nutrindo vidas, *saberesfazer*s, sabores, poderes e desejos com as práticas do Bairroescola ou Escolabairro, que se com-fundem e se atravessam.

Nas andadas com a escolabairro e as águas-turvas percebemos as proliferações de Educações Ambientais em fluxos nas coletividades, nos entres, nas margens! Águas e ventos modelando corpos vibráteis, criando enlaces com as vidas cotidianas com as marés e com as interfaces místicas e sagradas das artes de narrar, cozinhar, morar, pescar e comercializar, e que alimentam o Turismo Gastronômico e a Semana Santa na região.

Andando por entre as abordagens do nosso Núcleo de pesquisa, o NIPEEA, coordenado pela professora Dra. Martha Tristão encontrei pesquisas em Educação Ambiental (TRISTÃO, 2012). Mapas, territórios, regiões, lugares, rios, manguezais..., dimensões que me acompanham no caminhar da pesquisa e as andadas continuaram. Estávamos andando, trocando o casco e engordando! Alguns silêncios e sussurros soavam fortes nas leituras do Doutorado.

Um caminhar interessado em ventilar, furar e rachar as noções de identidades fixas, percebendo-as como fluidas, descentradas, inacabadas, híbridas e em negociações nas redes de *saberesfazer*s e poderes das vidas cotidianas.

Essa aposta política e epistemológica assumida aqui advém também dos envolvimento em elaboração de projetos e artigos com aproximações cartográficas e das leituras de engorda e de trocas do casco, com os grupos de pesquisas dos quais participamos na UFES, além dos espaços de formação com professores/as das redes municipais de ensino.

As leituras das pesquisas anteriormente comentadas, o *dever caranguejo* pelos caminhos do campo de pesquisa, as conversas, os movimentos táticos, o ilhês falado na comunidade e as vidas cotidianas dos *sujeitos praticantes* nas

margens deslocaram-me de maneira objetivasubjetiva entre os mundos da lama e os meus mundos e nos movimentos de pesquisa e de escrita desta tese.

Com o *devoir caranguejo* no campo problemático da pesquisa, acompanhei pistas que indicaram Educações Ambientais Autopoiéticas produzidas com as práticas do bairro e com os ritmos das vidas cotidianas dos homens sem qualidades dos mundos da lama da Baía de Vitória.

Educações Ambientais Autopoiéticas que acompanham as vidas manguezeiras de quem vive nas marés. Famílias que estão sendo proibidas de viver da pesca na Baía de Vitória. E o Turismo Gastronômico? E a Semana Santa? Sustentabilidade! Sustentabilidades! Que sustentabilidade é essa? A quem ela serve?

O que pode o *devoir caranguejo* nas minhas andanças por entre o campo problemático da pesquisa? O *devoir caranguejo* e seus movimentos de desterritorialização, reterritorialização e territorialização do pesquisador, traçando imagens-movimentos de Educações Ambientais Autopoiéticas, negociadas e enunciadas com as andadas, engordas e trocas de casco da pesquisa e com as *práticas do bairro* e os cotidianos escolares da região da Ilha das Caieiras.

Educações Ambientais Autopoiéticas produzidas com as conversas consideradas como dimensões ontológicas, estéticas e políticas dos seres humanos, geradas no linguajar, criando subjetividades e *saberesfazeres* socioambientais que problematizam discursos jurídicos, técnicos, oficiais e os difundidos nas mídias.

As conversas, as narrativas, as oficinas de mapas, as práticas do bairro, os diários de campo, as fotografias, as Semanas Santa, os Turismos Gastronômicos, os ilhês falados na Ilha, as leituras e os cotidianos escolares proporcionaram-me encontros com diferentes Educações Ambientais, em

caminhos solitários, porém acompanhados, povoados e abertos às experiências metodológicas no campo problemático.

A Educação Ambiental Autopoiética sendo engordada e discutida nos encontros no curso de Doutorado em Educação, com os pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental, o NIPEEA, coordenado pela professora Dra. Martha Tristão, e com os grupos de pesquisa em Educação, coordenados, pelos professores Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho, do Núcleo de Pesquisa Culturas, Currículos e Cotidianos, o NUPEC.

Dos encontros e das discussões nasceram parcerias e produções com a pesquisadora e mestra em Educação Andréia Teixeira Ramos, que juntos apostamos em pensar em Educações Ambientais Autopoiéticas e que teve como dispositivo as *redes de conversações* nos movimentos iniciais da produção do artigo *Conversas com Humberto Maturana*. Aproveito o devir para uma licença amorosa no texto e dizer que essas produções constituem e compõem nossas vidas acadêmicas, pessoais e profissionais em movimentos autopoiéticos, com invenções de si e dos mundos praticados por nós.

Foram produzidas também parceiras com orientandas e estudantes do Mestrado em Biologia (UFES), possibilitando a publicação de um artigo na Revista do Mestrado em Educação Ambiental, da UFRGS. Nessas parcerias, os cotidianos escolares e os manguezais se apresentaram em diferentes perspectivas.

Os encontros, discussões e demais publicações nos diferentes espaçostempos acadêmicos foram aqui compilados e adaptados ao corpo-movimento desta pesquisa em Educação Ambiental, concentrando esforços e criando espaços para nos colocarmos à mesa de discussão e pormos à conversa nossas apostas ontológicas, éticas, estéticas e políticas na Educação Ambiental Autopoiética, praticada nas coletividades das relações com e não apenas para alguém. Educação Ambiental Autopoiética enquanto fluxos, produções de subjetividades que se inventam a outros e a seus mundos.

Nossa aposta é pensar na Educação Ambiental Autopoiética com os estudos de Maturana (1994). É pensar que produzimos, desde nossos ancestrais, modos de vida como seres amorosos no compartilhar alimentos e cuidados, nos acoplado com as realidades e constituindo aquilo que Maturana denomina de Biologia do Conhecer ou Autopoiese. Autopoiese vem do grego: *autós*, próprio; *poiein*, *poiein*, *poiesis*, faço, fazer, o feito, é a produção de si mesmo, autofazimento – um sistema autopoiético é uma teia de processos que vão se produzindo através de transformações e interações (ASSMANN, 1998).

Apostamos assim nas aprendizagens como processos pautados nos comprometimentos éticos e solidários, no compartilhar a ideia de que “Não é o conhecimento, mas sim o conhecimento do conhecimento que cria o comprometimento” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 270). Pensando assim, a Educação Ambiental Autopoiética é um exercício de compromisso e responsabilidade em propiciar aprendizagens coletivas, compartilhadas com solidariedades e cooperações.

Portanto, pensar a Educação Ambiental Autopoiética na sociedade contemporânea pressupõe relações éticas fundamentais aos processos de aprendizagens coletivas, produzidas com as *redes de conversações* escolares e em seus diferentes espaços de *convivências* com os sujeitos, que, por sua vez, são potentes ao exercitarem, nessas coletividades, a aceitação do outro junto a nós, na convivência, desejando potencializar *redes de conversações* cotidianas alegres, afetuosas e acolhedoras.

Queremos agora colocar à mesa de discussão a Biologia do Conhecer e a Biologia do Amor, ressaltando a potência da emoção do amor e seus entrelaçamentos possíveis com a Educação Ambiental Autopoiética, principalmente com o fenômeno biológico das *aprendizagens inventivas* (KASTRUP, 2007a) nas coletividades vivas e não-vivas. Assim, com o *devir caranguejo* enquanto domínio autopoiético e biológico dos seres vivos na oficina do viver e em ventos-de-travessias com as marés e os sujeitos praticantes nas margens dos manguezais da Baía de Vitória, encontrei as

noções-inspirações epistemológicas, políticas, filosóficas, ontológicas e metodológicas para esta pesquisa-tese.

Os caminhos e enlaces metodológicos ganharam outros matizes e se aproximaram de noções e referenciais que entendem as identidades e as culturas como plurais, complexas, dinâmicas, em processos de permanente invenção e de negociações de sentidos, encarnados nas redes de *saberes-fazer*s e de poderes, que tencionam incessantemente a vida cotidiana com as formas-forças e os processos de subjetivação da sociedade de controle.

O *devoir caranguejo* está sendo, com os encontros, os projetos em Educação Ambiental, as experiências com as Semanas Santas, o Turismo Gastronômico, os conflitos da pesca, as práticas do bairro, a carpintaria da canoa, passeios de barco, os restaurantes, a pesca do sururu, o cotidiano de trabalho dos pescadores e das desfiadeiras de siris, o píermanguezal e seus embalos nos finais de semana, os meninos-da-baía-de-Vitória, que carregam águas nas peneiras, o Museu do Pescador, as escolas da região, a Rua Felicidade Correia dos Santos.

Nos ventos-de-travessias da pesquisa-tese, a produção de dados acompanhou processos: o morar na Ilha das Caieiras, as redes de conversações nos espaçostempos de convivências e conveniências dos cotidianos escolares, os lugares, os trajetos cotidianos, os conflitos com as lei, as artes de narrar, cozinhar e pescar, as relações de parentescos...

Conflitos ambientais! Bifurcações! Mesmo diante desse quadro pintado e veiculado nas mídias, divulgando as restrições dos usos que os pescadores praticam e vangloriando os avanços e progressos dos “peixes grandes”; apesar disso, as vidas cotidianas e manguzeiras acontecem e escapam. As astúcias dos *sujeitos praticantes* nas margens e as formas inventivas e de (re)existências compõem potencialidades e permitem a comunidade da Ilha das Caieiras navegar por outros modos de caminhar, inventando geografias,

práticas do bairro, *saberesfazeres*, levando alimentos e nutrindo os desejos da coletividade local.





2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL AUTOPOIÉTICAS COM AS PRÁTICAS DO BAIRRO ENTRE OS MANGUEZAIS E OS COTIDIANOS ESCOLARES DA ILHA DAS CAIEIRAS.

*Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono.
Manoel de Barros*



2.1. CONVERSAS E APROXIMAÇÕES COM HUMBERTO MATURANA E MICHEL DE CERTEAU: PRÁTICAS DO BAIRRO E DOMÍNIOS DE AÇÕES, CONVENIÊNCIA E CONVIVÊNCIA.

Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos.

Manoel de Barros

Neste capítulo acompanhamos os movimentos do narrar, morar, pescar, cozinhar, comercializar e dos cotidianos escolares, apostando e problematizando Educações Ambientais Autopoiéticas praticadas pelos *sujeitos praticantes* nas margens dos manguezais da Baía de Vitória. Um capítulo que emergiu com o que acontece nos *domínios de ações* cotidianas em *redes de conversações* na *convivência* e nas *conveniências* e no compartilhar os espaços públicos e privados da vida comunitária do bairro Ilha das Caieiras.

As conversas reunidas neste capítulo foram inspirações produzidas a partir das leituras de Humberto Maturana e Michel de Certeau. Conversas que apontaram para uma política da narratividade que considera que os *saberes-fazer*s socioambientais das *práticas do bairro* são inventados nas relações de *convivência* e *conveniência*, no *linguajar* das *redes de conversações* com as *artes de narrar* que atravessam os manguezais e os cotidianos escolares da Ilha das Caieiras.

Destacamos que a discussão de Maturana está circunscrita na sua condição de biólogo, refletindo sobre a ciência como domínio cognitivo gerado como atividade biológica humana. Nesse sentido, reforçamos as ideias de Maturana (2006) ao questionar as explicações científicas como uma verdade absoluta, inquestionável e inerente aos discursos da racionalidade moderna, diluindo os pontos de vista e colocando *entre parênteses* a objetividade das explicações científicas. Apresentamos o trecho do livro *Cognição, ciência e vida cotidiana* de Humberto Maturana (2006, p. 147):

Nós não encontramos problemas ou questões a serem estudados e explicados cientificamente fora de nós mesmos num mundo independente. [...] Então, a ciência, como um domínio cognitivo, existe e se desenvolve como tal sempre expressando os interesses,

desejos, ambições, aspirações e fantasias dos cientistas, apesar de suas alegações de objetividade e independência emocional.

Suas proposições não pretendem oferecer respostas às dicotomias extremas que caracterizam o pensamento moderno; pelo contrário, suas noções indicam que as histórias dessas distinções é a nossa história enquanto seres biológicos e sociais, e que o jogo das explicações do nosso estar no mundo e na vida cotidiana é um jogo cujas regras forjamos à medida que vamos avançando no jogar.

Iniciamos as conversas entre Maturana e Certeau com as *redes de conversações* entre a escolabairro, o cotidianomanguezal, o bairromanguezal e a familiamanguezal. Assim, podemos afirmar que as noções de *práticas do bairro* em Certeau se aproximam das noções de *domínios de ações* de Maturana? O narrar, o morar, o pescar e o cozinhar são também *domínios de ações* ontológicos dos seres humanos, no viver cotidiano e coletivo? As *conversas* e as *artes de narrar* em Certeau se aproximam das *conversas* com Maturana? Conversas que queremos costurar. Conversas que trazem pistas para pensarmos a Educação Ambiental Autopoiética.

Vamos aos lampejos dessas conversas, começando com as noções de *práticas do bairro* e *domínios de ações*, que, neste caso, Maturana (2006, p. 128) define do seguinte modo:

Estou chamando de ações tudo o que fazemos em qualquer domínio operacional que geramos em nosso discurso, por mais abstrato que ele possa parecer. Assim, pensar é agir no domínio do pensar, andar é agir no domínio do andar, refletir é agir no domínio do refletir, (...), e assim por diante, e explicar cientificamente é agir no domínio do explicar científico.

No bairro Ilha das Caieiras, as relações familiares e parentais se destacam na organização social e comunitária do narrar, morar, pescar e cozinhar. O praticar o cotidiano do bairro Ilha das Caieiras é conviver em família, com os manguezais e com a *estrutura fervilhante da rua* (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2009). As famílias, com seus ilhês, são os narradores da maré.

Práticas do bairro que são aqui pensadas como os *saber-fazer*s socioambientais praticados nas relações e nos vínculos que unem e organizam

os espaços privados e públicos da vida do bairro, como um tecido social, organizado e inventado “[...] como ações específicas, como táticas” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2009, p. 38), e reunindo condições de possibilidades da vida cotidiana no espaço urbano do bairro.

O narrar, o morar, o pescar e o cozinhar enquanto *práticas do bairro* e ações táticas permitem, de certa maneira, a permanência dessas ações no contexto da guerra de mapas que atravessam as vidas manguezais e as áreas de manguezais.

As *artes de narrar* com o sonoro linguajar dos ilhês dos *sujeitos praticantes* das margens, percebemos as *redes de conversações* e os comportamentos que organizam as *práticas do bairro* instaurando jogos de poder negociados na coletividade, traduzindo-os como benefícios simbólicos conquistados com as regras de *convivências* do bairro. Segundo Certeau, Giard e Mayol (2009, p. 39), e pensando com os *domínios de ações* e as *práticas do bairro*, os benefícios simbólicos aparecem “[...] de maneira parcial, fragmentada, no modo como caminha, ou, de maneira mais geral, através do modo como consome o espaço público”.

Podemos pensar, com Maturana, o conviver com o outro como legítimo outro na *convivência*, no conversar e a *conveniência* que organizam as vidas dos usuários do bairro, como nos apresenta Certeau? Que aproximações podemos fazer entre a *convivência* segundo Maturana e a *conveniência* de acordo com Certeau?

As *práticas do bairro* entre os manguezais e os cotidianos escolares da Ilha das Caieiras são pensadas aqui como formas, fluxos e relações de *convivências*, criando espaços de aceitação, de tensões e conflitos, negociados nas relações sociais, num domínio emocional que “[...] constitui um espaço de aceitação mútua no qual pode dar-se a convivência” (MATURANA, 2002, p. 74).

Assim, pensando com Certeau, quais as relações e aproximações entre a noção de *conveniência* com o dar-se a *convivência* segundo Maturana, por suas palavras?

[...] sem aceitação mútua não pode haver coincidências nos desejos não há harmonia na convivência, nem na ação nem na razão e, portanto, não há liberdade social. Além do mais, se não compreendermos isto, não podemos compreender porque há tantas divergências que nunca irão se resolver sem um ato declarativo que as elimine (MATURANA, 2002, p. 74-75).

As *práticas do bairro* entre os manguezais e os cotidianos escolares da Ilha das Caieiras, considerados como *espaços de convivências* (MATURANA, 2002), geram também espaços de *conveniências* (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2009) e políticas do bairro, que atravessam os espaços públicos e privados com as artes de pescar, cozinhar, morar e narrar. Espaços de desejos que inventam a vida cotidiana no bairro. Certeau, Giard e Mayol (2009, p. 39) nos apresenta a *conveniência* em jogo com a vida coletiva.

A conveniência é grosso modo comparável ao sistema de “caixinha” (ou “vaquinha”): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o filtro de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse “preço a pagar” (saber “comportar-se”, ser “conveniente”), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana.

Nesse sentido, as *práticas do bairro* entre os manguezais e os cotidianos escolares da Ilha das Caieiras inventam Educações Ambientais Autopoiéticas nas *redes de conversações* cotidianas? Que *saberes-fazer*es socioambientais são praticados na *convivência* entre os *sujeitos praticantes* nas margens dos manguezais da Baía de Vitória?

Na *convivência* com o bairro, são tecidos também os benefícios simbólicos que se espera obter pela maneira de se portar no bairro; neste caso, pela maneira de se portar no narrar, morar, pescar e cozinhar, pensados enquanto materialização das relações de *convivência* e produtora de benefícios simbólicos, assentados em relações culturais que organizam e possibilitam a vida no bairro.

As artes de narrar, morar, pescar e cozinhar na Ilha das Caieiras são coengendradas por relações de *convivências* e de *conveniências* familiares e comunitárias, com ritmos de usos e consumos dos espaçostempos da vida do bairro, entremeados de conflitos, afetos, interesses e poderes que atravessam as vidas dos *sujeitos praticantes* nas margens.

Como afirma Certeau, Giard e Mayol (2009), a *conveniência* da vida no bairro é como um contrato social que, no caso da Ilha das Caieiras, os *sujeitos praticantes* nas margens negociam para que seja possível a *convivência* no bairro e na vida cotidiana. *Conveniência* tem a ver com os pontos de vistas dos observadores? O conveniente no bairro Ilha das Caieiras é a vida manguzeira alimentar o Turismo Gastronômico?

Pensando nisso, a *conveniência* e *convivência* entre os *sujeitos praticantes* nas margens inventam *saberesfazeres* socioambientais entre as *práticas do bairro*, os manguezais e os cotidianos escolares, constituindo o que denomino de Educações Ambientais Autopoiéticas, enquanto domínios de ações cognitivos e ontológicos produzidos nas *redes de conversações* nos processos de conhecer e no agir nas coletividades da vida cotidiana.

Os *domínios de ações* cognitivos e ontológicos do ser humano enquanto ser social e biológico são práticas que nos ajudaram a problematizar, como nas palavras de Certeau, Giard e Mayol (2009, p. 39-40), *essa grande desconhecida que é a vida cotidiana*,

[...] a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discurso. “Prático” vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente.

Praticamos o campo problemático da pesquisa-tese em Educação Ambiental com as *práticas do bairro* Ilha das Caieiras e com atenção flutuante por entre

as margens dos manguezais e dos cotidianos escolares da região. Com isso, nossos “zoon” estão menos focados na descrição dos *sujeitos praticantes* e mais nas relações, nas *redes de conversações*, nas artes de narrar, nos fluxos, nas travessias e nos *saberesfazeres* socioambientais que realizam no bairroescola.

A noção de bairro, nas palavras de Certeau, Giard e Mayol (2009, p. 42), pode ser considerada “[...] como a privatização progressiva do espaço público”. Ainda para esse autor,

[...] o bairro é pensado enquanto [...] dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (CERTEAU, 2009, p. 42).

Assim, as singularidades das práticas do bairro produzem *saberesfazeres* socioambientais que atravessam os cotidianos escolares e a vida comunitária praticada na *oficina do viver* (MATURANA, 2006) do bairroescolamanguezal.

Para Maturana (2006), vivemos em nossos cotidianos uma *oficina do viver* e do aprender. Desse modo, pensando com Certeau, Giard e Mayol (2009), o narrar, o morar, o pescar e o cozinhar são *domínios de ações* cognitivos e ontológicos dessa *oficina do viver* e do aprender humano sobre o espaço da vida comunitária, na qual os *sujeitos praticantes* poetizam o bairro a sua maneira, numa autoprodução de *saberesfazeres* e da vida coletiva do bairro. Nas palavras de Certeau, Giard e Mayol (2009, p. 42), caminhante assumido, o bairro

[...] constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora. E é na tensão entre esses dois termos, um dentro e um fora, que vai aos poucos se tornando o prolongamento de um dentro, que se efetua na apropriação do espaço. O bairro, poder-se-ia dizer, é assim a ampliação do habitáculo; para o usuário, ele se resume à soma das trajetórias inauguradas a partir do seu local de habitação. Não é propriamente uma superfície urbana transparente para todos ou estatisticamente mensurável, mas antes a possibilidade oferecida a cada um de inscrever na cidade um sem-número de trajetórias cujo núcleo irreduzível continua sendo a esfera do privado.

O bairroescola une a vida privada e a vida pública de quem vive na coletividade do bairro, de quem pratica o bairro, numa caminhada que, conforme Certeau, Giard e Mayol (2009, p. 42),

[...] é sempre portadora de diversos sentidos [...], inúmeros “segmentos de sentido” que podem ir um tomando o lugar do outro conforme se vai caminhando, sem ordem e sem regra, despertadas ao acaso dos encontros, suscitadas pela atenção flutuante aos “acontecimentos” que, sem cessar, se vão produzindo na rua.

A vida em coletividade é enredada entre o narrar, o morar, o pescar e o cozinhar com os manguezais e os cotidianos de duas escolas da região, inventando espaços de relações com o outro, e acordos de *convivência* e *conveniência*, entre o que pode e não pode fazer ou deixar de ser feito.

Os cotidianos escolares dessas escolas são atravessados pelos manguezais e o narrar, o morar, o pescar e o cozinhar na Ilha das Caieiras, com corredores e quadras escolares se tornando rizomas. *Rhizophora mangle*¹⁰ que invadem e torcem as formas, temporalidades, *saberesfazeres*, poderes, impregnando as cozinhas escolares e as casas dos estudantes e professores/as.

Os cotidianos escolares praticados pelos narradores da maré provocaram encontros e atividades com os estudantes e professores/as de duas escolas que acompanhamos. Corredores, pátios, salas de aulas, píer, rua Felicidade Correia dos Santos, familiares, manguezal, fotos, vídeos, mapas, músicas, conversas, narrativas, com encontros molhados-de-peixe e rodeados de conflitos e afetos.

Nesses encontros foram problematizadas as redes de *saberesfazeres* das *práticas do bairro* e seus atravessamentos com os manguezais e os cotidianos escolares como possibilidades para pensarmos em Educações Ambientais que são produzidas nas relações entre as coletividades vivas e não vivas, configurando em Educações Ambientais Autopoiéticas encharcadas de resistências das vidas manguezeiras.

¹⁰ Nome científico da árvore do mangue-vermelho.

A aposta em pensar na Educação Ambiental Autopoiética foi inspirada nos pensamentos do biólogo chileno Humberto Maturana, que nasceu em 1928, e que, em 1948, ingressou no Curso de Medicina. Logo nos primeiros anos de estudos, como biólogo, pesquisou o funcionamento dos seres vivos, do sistema nervoso e da cognição. Maturana evidencia no trecho abaixo, as suas experiências e curiosidades científicas:

Eu como biólogo, interessei-me pelo estudo do sistema nervoso e dos fenômenos da percepção, em particular [...] desde muito jovem me preparei no âmbito biológico mais amplo possível: interessaram-me a anatomia, a biologia, a genética, a antropologia, a cardiologia. Quer dizer, na minha curiosidade, eu me movi nesse âmbito amplamente. Também me interessei pela filosofia. Fiz ainda medicina durante quatro anos (MATURANA, 2006, p. 20).

Humberto Maturana, em parceria com Francisco Varela, abalaram as fortes influências do representacionismo, principalmente com a noção de Autopoiese. Autopoiese vem do grego: *autós*, próprio; *poiein*, poiein, *poiesis*, faço, fazer, o feito. Autopoiese é a produção de si mesmo, um autofazimento de um sistema autopoiético, por fluxos, transformações e interações. Abaixo segue, nas palavras de Maturana e Varela, um conceito sobre sermos seres vivos e autopoiéticos:

O que nos define como seres vivos, é que somos sistemas autopoiéticos moleculares, e que entre tantos sistemas moleculares diferentes, somos sistemas autopoiéticos.

[...]

Considero que é necessário tomar consciência de que os seres vivos são entes históricos partícipes de um presente histórico em contínua transformação para compreender [...] que como seres vivos somos sistemas autopoiéticos moleculares, e o que dizemos ao afirmar que o viver se dá na realização da autopoiese (MATURANA; VARELA, 1997, pp. 18; 31).

Os estudos da cognição desenvolvidos por Maturana com a Biologia do Conhecer ou Autopoiese desencadearam mudanças no campo dos estudos da cognição, inspirando epistemologicamente a escrita desta tese e nossos modos de ver e entender os domínios do viver e do aprender. Como o próprio Maturana (2006, p. 19-20) diz, “[...] no fundo, o que eu quero fazer é convidá-los a mudar seu modo de ver, seu olhar”.

Tais mudanças soam como um convite para mudarmos nosso modo de viver e de conviver com o outro, nos cotidianos escolares e em outros espaços de *convivência*, apostando na potência da vida humana e na ética entre seres humanos e outras formas de vidas, cultivando relações amorosas no *conversar* e no compartilhar a *oficina do viver* com as *práticas do bairro*.

Com os turbilhões que atravessam os espaçotempos de *convivência* dos cotidianos escolares da região da Ilha das Caieiras, foi possível *pôr entre parênteses saberesfazeres* instituídos e prescritos, percebendo também *saberesfazeres* produzidos com as experiências dos cotidianos escolares, ou seja, percebendo as aprendizagens autopoieticas dos meninos-da-baía-de-Vitória, que carregam águas nas peneiras e peixes nos bolsos dos uniformes, que com as artes de narrar dos jeitos ilhês, e que diluem os pontos de vista no linguajar o viver “[...] nós, seres humanos, existimos na linguagem” (MATURANA, 2006, p. 27), inspirando a política cognitiva e de narratividade desta tese, na qual os *saberesfazeres* socioambientais produzidos nas vidas cotidianas são fluxos entre processos cognitivos e vida cotidiana, diluindo assim, conforme Maturana (2006, p. 31), a dicotomia entre ciência e vida cotidiana:

Nós, cientistas, armamos um grande alvoroço sobre a coisa extraordinária, que é a ciência, e pretendemos separá-la da vida cotidiana. Penso que isso é um grande erro. A validade da ciência está em sua conexão com a vida cotidiana. Na verdade, a ciência é uma glorificação da vida cotidiana.

Esse autor nos incita a pensar que *o que importa não é o que queremos mudar, mas o que queremos conversar* (MATURANA, 2011) e a problematizar os *saberesfazeres* socioambientais praticados e que escapam dos modelos, fórmulas, controles e indicadores. Assim, as vidas escapam e se inventam nas relações e nas coletividades, colocando *entre parenteses* (MATURANA, 2006) os discursos que atribuem um valor de verdade absoluto à racionalidade científica e instrumental.

Maturana (2006, p. 36) também faz referência à *objetividade sem parêntese* e a *objetividade entre parênteses*:

No caminho da objetividade sem parênteses, uma afirmação cognitiva é válida porque faz referência a uma realidade independente do observador. No caminho da objetividade entre parênteses, minha afirmação cognitiva é válida pelas coerências operacionais que a constituem. Aqui, dou-me conta que uma explicação é uma reformulação da experiência com elementos da experiência, e se repito as configurações operacionais que constituem minha explicação, obtenho o fenômeno que quero explicar.

Ainda para esse autor, a *objetividade entre parênteses* não significa subjetividade, significa apenas assumir que não posso fazer referência a entidades independentes de mim para construir meu explicar (MATURANA, 2006):

Na objetividade entre parênteses há tantas realidades quantos domínios explicativos, todas legítimas. Elas não são formas diferentes da mesma realidade, não são visões distintas da mesma realidade. Não! Há tantas realidades – todas diferentes mas igualmente legítimas – quantos domínios de coerências operacionais explicativas, quantos modos de reformular a experiência (MATURANA, 2006, p. 38).

O campo problemático desta pesquisa com os *sujeitos praticantes* e narradores da maré foi atravessado e tensionado por múltiplos contextos cotidianos e por diferentes pontos de vistas tecidos com as *redes de conversações* produzidas nos movimentos das Educações Ambientais Autopoiéticas, configurando em *saberes-fazer*es socioambientais que emergem nas práticas do bairro, nas artes de narrar, morar, pescar, cozinhar, e com o Turismo Gastronômico e a Semana Santa. Diferentes Educações Ambientais Autopoiéticas.



2.2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL AUTOPOIÉTICA EM REDES DE CONVERSÃO COM AS PRÁTICAS DO BAIRRO.

*A maneira de dar canto às palavras o menino aprendeu com os passarinhos.
Manoel de Barros*

Cena 1: Bairroescola e os meninos-da-Baía-de-Vitória que carregam águas nas peneiras.

Férias escolares com chuva e calor é um convite para o devir-criança-manguezeiro pular na maré, espantar as garças que circulam os barcos, canoas e baiteiras, andar de bicicleta, passear com gaiolas de passarinho ou se dedicar ao preparo das iscas para pescar. Morar, pescar e cozinhar. Surge uma pipa no ar! As crianças, nas plenitudes de seus devires e de suas linhas-de-fuga, se jogam na maré para ver quem vai conquistar a pipa-troféu, que plaina até cair na maré. A corrida é na maré, nadando em direção à pipa, e Beré faz jus à fama de menino-da-baía-de-Vitória. A distância é considerável, exigindo fôlego e experiência para nadar entre as correntes. Todos se lançam e correm na maré! A pipa cai ao lado do pesqueiro, um local na água inventado pelos pescadores. Local formado com carcaças de carros e de outros entulhos, que foram lançados aos poucos, formando uma espécie de coral artificial, para atrair peixes, tanto os que são capturados com linhas, como os pequenos cardumes, dentre eles o mais apreciado na região: o robalo, que, segundo os ilhês, é um peixe que escolhe quem vai pescá-lo. No píer, a torcida acompanha para ver quem vai chegar primeiro na pipa-troféu. A distância venceu e a pipa ficou molhada de peixe! É hora de voltar para o píer e continuar brincando. Como é período de férias, pescar é a melhor diversão para alguns, principalmente para quem tem alguma embarcação, grande ou pequena. E dito e feito, dois garotos entram na baitera e remam em direção ao “pesqueiro”. Experiência e sincronia com os remos e a embarcação, logo alcança o destino desejado. O “pesqueiro” preenche o dia dos meninos, e, de repente, após alguns minutos, uma chuva-passageira cai... e cai, com força maior, no meio do canal do rio, escondendo momentaneamente outra baitera que navega rumo ao “pesqueiro”. O pesqueiro é o parque de diversão do momento, pelo menos

enquanto aparecer outra pipa, com a linha cortada, criando linhas-de-fuga nos meninos-da-baía-de-Vitória.





Educações Ambientais Autopoiéticas? Educações Ambientais Autopoiéticas que acontecem nas vidas cotidianas? *Redes de conversações* cotidianas tecendo *saberesfazeres* socioambientais com as *práticas do bairro*? Espaços de *convivência* e de *conveniência* entrelaçando afetos, conflitos, tensões negociadas nos múltiplos cotidianos? E as pedagogias dos silêncios, dos controles, das ausências, dos indicadores, dos projetos de Educação Ambiental?

Entendemos a Educação Ambiental Autopoiética como movimentos rizomáticos em que os seres vivos constituem os mundos e são constituídos por eles, numa autoprodução, com as *redes de conversações* tecidas nas relações cotidianas, entre conflitos, tensões e negociações. Nesse sentido, apostamos na *Biologia do Amor* (MATURANA, 2002) como emoção que amplia o compartilhar, a solidariedade e a aceitação do outro, como legítimo outro junto a nós, no conviver na coletividade.

Podemos aqui elaborar algumas relações com os pressupostos centrais da *Biologia do Conhecer* e da *Biologia do Amor*, problematizando, nessa relação, o conhecer enquanto domínio cognitivo dos seres humanos, que emerge nas *redes de conversações*, no conviver com o outro, afastando-se das concepções que inibem as condições biológicas e cognitivas do observador, pois, como afirma Maturana, *Viver é conhecer. Conhecer é viver.*

Nesse sentido, o conhecimento não é resultado daquilo que se capta do exterior, mas ele emerge nas *redes de conversações*, no conviver com o outro, e as conversações nada mais são do que um fluir do emocionar e do linguajar em que a razão entra, mas não é o elemento fundante. Como diz Maturana (1994, p. 238),

Não é a razão que guia o humano, é a emoção. Formalizar o processo cognitivo, portanto, como fazem muitos epistemólogos e educadores, separando razão e emoção ou mesmo privilegiando o pensamento lógico, é desconhecer o funcionamento complexo do ser humano.

Nessas problematizações destacamos as noções de Maturana e Varela (1997, p. 172) sobre conversações:

Ao fluir o nosso emocionar num curso que é o resultado de nossa história de convivência dentro e fora da linguagem, mudamos de domínio de ações, e, portanto, mudamos o curso de nosso linguajar e de nosso raciocinar. A esse fluir entrelaçado de linguajar e emocionar eu chamo conversar, e chamo conversação o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar.

Continuando a conversa, esse autor sugere que *conversar* vem do latim, *cum* - com; e *versare* – dar voltas. Dessa maneira, como mamíferos, somos animais que nos nossos devires evolutivos aprendemos a coordenar os fluxos emocionais nas ações, enquanto animais linguajantes:

Estou chamando de ações tudo o que fazemos em qualquer domínio operacional que geramos em nosso discurso, por mais abstrato que ele possa parecer. Assim, pensar é agir no domínio do pensar, andar é agir no domínio do andar, refletir é agir no domínio do refletir, [...], e assim por diante, e explicar cientificamente é agir no domínio do explicar científico (MATURANA, 2006, p. 128-129).

Portanto, Maturana entende a *conversa* como um domínio operacional biológico e ontológico dos seres humanos, constituindo cotidianamente, *redes de conversações* na linguagem:

Chamo de conversação nossa operação nesse fluxo entrelaçado de coordenações consensuais de linguajar e emocionar e chamo de conversações as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos como seres humanos (MATURANA, 2006, p. 132).

A partir desses diálogos com Maturana e Certeau, apresentamos nesta tese a Educação Ambiental Autopoiética com *redes de conversações*, produzida sob diferentes pontos de vistas nas travessias da pesquisa com os múltiplos cotidianos enredados e que compõe a cartografia dos *saberesfazer*s socioambientais dos *espaçotempos* das *práticas do bairro* Ilha das Caieiras.

Enquanto cartógrafo, convivemos com *saberesfazer*s socioambientais e experiências com as práticas do bairro, em diferentes lugares praticados, pelas ruas do *bairroescola*, no píer frequentado pelas crianças em período de férias escolares, nas escolas, na igreja, na peixaria comunitária, nas cozinhas das desfiadeiras de siris, nos conflitos e tensões ambientais, no Museu do Pescador, todo um calor cultural envolvendo as famílias no Turismo Gastronômico e na Semana Santa, que geralmente se inicia em dezembro, prolongando-se por várias luas.

Dentre os *saberesfazer*s socioambientais cartografados nas *redes de conversações* com as práticas do bairro capturamos, com as práticas do morar, as trajetórias cotidianas praticadas pelos usuários do bairro, os ritmos da rua Felicidade Correia dos Santos, os usos do píer pelos restaurantes locais, as estratégias de concorrência entre eles, as artes de narrar dos ilhês falados no linguajar comunitário, a participação das crianças no Turismo Gastronômico, assim como as relações de *convivência* e de *conveniência* que organizam a comunidade e seus ritmos e as relações com os manguezais, tensionando conflitos internos relacionados com os *usos* dos manguezais e os *usos* dos

espaços públicos do bairro, para extraírem mais benefícios com o Turismo Gastronômico local.

Quanto aos *saberesfazeres* socioambientais cartografados nas *redes de conversações* com as práticas do pescar, capturamos as diferentes maneiras de pescarias e os territórios do pescar; os utensílios de pescaria, como o uso predatório do *balão* (rede de arrasto), do jereréu para a pesca do siri, as cavadeiras para extrair sururu na maré, as varas de pescar usadas principalmente na pesca do robalo e nas pescarias entre as crianças; os tipos de embarcações, como por exemplo, as canoas, as baiteiras e os barcos a motor e as práticas de locação de embarcações.

Quanto aos *saberesfazeres* socioambientais cartografados nas *redes de conversações* com as práticas no cozinhar, capturamos as diferentes formas de preparo das receitas e dos usos dos temperos usados nas tortas, moquecas, mariscadas, os modos de desfiar siris e camarões, os conflitos entre a culinária local e a comercialização de acarajés, o escambo de ingredientes entre os moradores, as leis da oferta e da procura dos pescados em diferentes épocas do ano e da comercialização, assim como o envolvimento familiar e comunitário no período da Semana Santa.

Nesse sentido, o praticar e acompanhar o campo problemático da pesquisa com as singularidades das *práticas do bairro* e seus *saberesfazeres* socioambientais produziram Educações Ambientais Autopoiéticas com *redes de conversações* com os conflitos e as negociações entre os *sujeitos praticantes* e narradores da maré, tensionando as relações afetivas, coletivas e comunitárias do bairro Ilha das Caieiras. Assim, conforme Tristão (2012), histórias pessoais articuladas com a vida coletiva e comunitária são ricas em contextos ambientais, históricos, linguagem e emoções.

Seguindo a conversa sobre as principais noções e ideias de Humberto Maturana, problematizamos os discursos da ciência moderna, que considera a produção de conhecimento e a aprendizagem como dádivas de uma suposta e

inatingível racionalidade que povoa os nossos pensamentos e nossas práticas cotidianas.

As *práticas do bairro* Ilha das Caieiras e os *saberesfazer*s socioambientais que são tecidos nas *redes de conversações* cotidianas furam e desestabilizam as clássicas visões dualistas e mecanicistas, apresentadas de várias formas, como por exemplo, *corpo/mente*, *emoção/razão*, *indivíduo/sociedade*, *cultura/natureza*.

As artes de narrar, morar, pescar e cozinhar desenham territórios existenciais, conflitos e *saberesfazer*s coextensivos aos movimentos de invenções de si e de mundos e, conforme Maturana, produzidos na relação, no viver e no *com-viver* nas complexidades das redes cotidianas.

Destacamos um fio de conversação de uma narradora da maré. Conversação vivida e escrita no diário de campo.

A gente pegava muito siri, nessa época dava muito siri na beira da praia... era só amarrar uma isca, as iscas antigamente que a gente pescava muito era com pelanca de carne de boi. Amarrava no cordão e botava uma varetinha assim na beira da praia, e jogava e pegava com o puçá. Tinha muito siri nessa época, peixe de tudo. Mas a população vai aumentando, né, e o negócio vai sumindo... (DESFIADEIRA DE SIRIS).

Quais os sentidos que povoam os *saberesfazer*s das *práticas do bairro* Ilha das Caieiras? As *práticas do bairro* e seus *saberesfazer*s socioambientais são formas de (re)existências dos *sujeitos praticantes* e narradores da maré? A ética e a estética que envolvem as *práticas do bairro* podem ser entendidas como estratégias e processos de negociação que co-habitam e configuram as singularidades e as *redes de conversações* da comunidade?

O linguajar e as artes de narrar das vidas manguezeiras! Redes de conversações! Pensar com Maturana é perceber e assumir nossa condição biológica no domínio operacional do pensar! É também assumirmos que nos

tornamos humanos no linguajar, na linguagem e nas *redes de conversações*, pois

[...] se queremos explicar a linguagem como fenômeno biológico, o que temos que mostrar é de que maneira ela surge, de que modo na história das interações dos seres vivos essa recursão venha a ter lugar. E não só isso: precisamos mostrar também como a linguagem se origina na história dos hominídeos (MATURANA, 2006, p. 73).

Os estudos de Maturana trazem ingredientes potentes para pensarmos nos *saberes-fazer*s socioambientais das artes de narrar, morar, pescar e cozinhar na Ilha das Caieiras com a biologia humana e com a linguagem, se considerarmos nossas experiências de sermos seres humanos e vivermos numa linguagem constituída e conservada em relações amorosas e cooperativas no nosso devir evolutivo na história dos primatas bípedes, já que

Na evolução – biológica ou cultural –, não há um caminho pré-estabelecido. O devir evolutivo é uma deriva que segue qualquer direção na qual mantém o viver. A cada instante, o rumo que ele de fato segue é definido pelo que se conserva neste instante em torno da manutenção do viver. Daí resulta que aquilo que continua geração após geração como modo de vida é o que de fato define uma linhagem biológica ou cultural – e o que determina no que uma ou outra se transforme em seu devir (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2011, p. 248).

Ao apresentar argumentos que defendem que nossa racionalidade é constituída no *emocionar* e no *linguajar*, Maturana nos faz pensar que nós humanos nos constituímos no entrelaçamento do racional com o emocional na linguagem. É na linguagem que nos tornamos humano e assumimos nossa condição biológica, ética e política, ao potencializarmos a emoção do amor, na aceitação do outro, como legítimo outro, na relação de *convivência*, no *conversar*. Para esse autor, a razão é um domínio de ação fundante da emoção, diluindo assim a dicotomia entre *razão/emoção*.

Portanto, nas vidas cotidianas o compartilhar é em nós uma dimensão ontológica à biologia humana, sendo nossa sociedade atravessada por culturas que negam o compartilhar e valoriza a *cultura patriarcal/matriarcal* e a maravilha da competição. Em uma das entrevistas (REVISTA HUMANIDADES,

2004) concedidas, Maturana foi questionado sobre as diferenças entre as culturas *patriarcais/matriarcais* com a cultura denominada por ele de *matrística*.

Ele respondeu:

A diferença básica reside no fato de a cultura patriarcal/matriarcal estar centrada nas relações de dominação e submissão, exigências, desconfianças e controle. De outro modo, uma cultura matrística que vem a ser antecessora da cultura patriarcal/matriarcal está centrada em relações de muito respeito e, portanto, de colaboração. Na cultura patriarcal/matriarcal não há colaboração. Quer dizer, pode haver, claro, mas o centro, o fundamental é a relação de dominação e submissão (MATURANA, 2004, p. 1).

No compartilhar as *práticas do bairro* Ilha das Caieiras e os *saberes-fazer*s socioambientais nos deparamos com conflitos entre os próprios *sujeitos praticantes* nas margens e conflitos entre esses sujeitos e as áreas de preservação de manguezais da Baía de Vitória.

Nas conversas com *sujeitos praticantes* nas margens capturamos os *saberes-fazer*s socioambientais, que forjam relações de dominação e de controle dos manguezais. A vida escapa e os *sujeitos praticantes* nas margens produzem também emoções amorosas e relações de cooperação, negociadas entre competição, conflitos e tensões com o manguezal.

Maturana problematiza a negação do amor e a competição no âmbito das relações sociais. Para ele, constituímos-nos historicamente e biologicamente como humanos na cooperação, sendo a competição uma invenção cultural humana, portanto, não biológica.

Nós temos a biologia do compartilhar, e isso se nota na vida cotidiana. [...] O compartilhar é em nós um elemento que pertence à nossa biologia, não pertence à cultura. Pelo contrário, vivemos atualmente uma cultura que nega o compartilhar, porque estamos supostamente mergulhados na maravilha da competição (MATURANA, 2006, p. 93).

Como foi dito anteriormente, nossa história enquanto seres humanos e biológicos não ocorre na competição, como foi defendida pela teoria da evolução do darwinismo, mas sim na conservação de certos modos de vida cooperativos e solidários, ou seja, a competição passa a ser pensada como

uma invenção humana e cultural, na qual a emoção central resulta na negação do outro, não existindo assim competição que seja plenamente sadia – a competição é sempre constitutivamente anti-social.

Os conflitos e as tensões entre os *sujeitos praticantes* e os manguezais da Baía de Vitória foram acompanhados na reunião convocada pelos pescadores, pelas desfiadeiras de siris e pelos catadores de caranguejos, juntamente com técnicos da prefeitura, reunião que foi agendada para que os pescadores soubessem os porquês da prisão violenta e da sumária e repentina proibição da pesca nos manguezais. O fato de serem algemados pelos pés e pelas mãos detonou movimentos de manifestações entre pescadores locais e moradores, que fecharam os acessos ao bairro, impedindo também o funcionamento das escolas da região.

No capítulo seguinte, apresentamos os desdobramentos da prisão dos pescadores e outros conflitos entre os *sujeitos praticantes* das margens dos manguezais da Baía de Vitória e seus atravessamentos com os cotidianos escolares e as relações de convivência.

De um lado estavam os peritos e técnicos, com seus discursos jurídicos reforçando seus territórios de poder, e o fato de a região pertencer às Unidades de Conservação; e do outro lado, afirmando desconhecem tais proibições, as artes de narrar a vida dos pescadores e as desfiadeiras que trabalham para manterem seus filhos e filhas, principalmente por meio do Turismo Gastronômico na região. Apresentamos alguns fios dessa conversa de um narrador da maré com seus colegas pescadores que estavam na reunião:

O pescador ele é humilde, fica no dia a dia aí, para tentar manter uma família. Nós não temos salários como vocês. Eu queria saber, sobre todo esse esgoto que é jogado nos manguezais. O que vocês têm a dizer sobre isso? Por que até agora, só o pescador está sendo prejudicado. Meu pai e minha mãe, que já faleceram há mais de 30 anos, eram pescadores profissionais. Eu pesco há 37 anos, e a minha carteirinha, como a de todos os irmãos aqui, ela tem escrito assim: "VÁLIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL". Agora, estamos sendo presos e algemados! E quando fui abordado disseram para mim que no Lameirão podia pescar. Tem lei para o pescador, por que ele é "pequeno" (PESCADOR).

Relações antissociais, negação do outro, dominação e controle da *vida manguezeira* na Baía de Vitória. A cooperação enquanto concepção ética e política nos induz a pensarmos em outros caminhos possíveis, diferentes das lógicas individualistas, consumistas e de atitudes antiecológicas; caminhos que sejam potentes em alternativas frente às tensões e conflitos, que alarguem e potencializem relações de aceitação do outro como legítimo outro e de outras formas de vida.

Nas *redes de conversações* com os *sujeitos praticantes* nas margens, percebemos os múltiplos sentidos e usos das *práticas do bairro* e dos manguezais, que, apesar das relações panópticas, inventam resistências e maneiras de fazer.

As práticas do bairro Ilha das Caieiras embalam os *sujeitos praticantes* nas margens entre tensões, conflitos e também em emoções amorosas, solidárias, cooperativas, com relações autopoieticas. Os *saberes-fazer*s socioambientais pescados nas *redes de conversações* do bairro escola e produzido nas relações são potentes para pensarmos com Maturana, o modo como o discurso da ciência moderna pensa a inteligência, na medida em que deixa de ser entendida como propriedade de alguém iluminado, como nos modelos tradicionais de educação, mas como o que é produzido nas relações, nas redes e nos processos de autofazimento.

As emoções, como o medo, a ambição, a competição, a violência e o preconceito restringem a inteligência. “O amor é a única emoção que amplia a inteligência” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 19). Ainda segundo esse autor,

Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera. [...] Destacar o amor como fenômeno biológico do social, bem como as implicações éticas dessa dinâmica, seria desconhecer tudo o que nossa história de seres vivos de mais de três bilhões e meio de anos nos diz e nos legou (MATURANA; VARELA, 1995, p. 269-270).

As ideias de Maturana provocam um movimento de torcer nosso pensar as relações da Educação Ambiental Autopoiética com *redes de conversações* cotidianas, com bases argumentativas que problematizam os modelos que concebem, a educação como mercadoria e a aprendizagem apenas com uma roupagem utilitarista e produtivista, como um objetivo externo ou uma qualidade independente dos sujeitos envolvidos nos processos.

As bases epistemológicas de Maturana (2006) desafiam a filosofia a se abrir às mudanças, no sentido de considerar e assumir as emoções no devir cotidiano do ser humano, principalmente dos fundamentos da ética, da ontologia da ética, que, para ele, passa pelas emoções.

Segundo Maturana (2002), a ética não tem suas bases num operar racional, mas sim emocional. Ele também traz importantes pistas para pensarmos nossas práticas em Educação Ambiental, enquanto educadores/as, de maneira ética, colaborativa e mantendo nossa condição de sermos seres em constante processo de produção: seres autopoiéticos.

Não é a razão que justifica a preocupação pelo outro, mas é a emoção. As preocupações éticas não dependem da razão. [...] a reflexão ética surge apenas e exclusivamente no espaço de preocupações pelo outro. Depois desta reflexão, a filosofia tem que mudar. Tem que mudar porque tem que assumir a dinâmica humana biológica no processo explicativo: certamente tem que assumir a participação das emoções na reflexão sobre o humano, na reflexão sobre o social e na reflexão ética. (...) Estou falando da ontologia da ética. E se a ontologia da ética passa pelas emoções, não há reflexão filosófica que eu possa considerar, adequadamente, se não levo em conta as emoções (MATURANA, 2006).

As conversas tecidas com educadores/as no decorrer dos encontros-experiências nos moveram a pensar nos *saberes-fazer*s socioambientais das *práticas do bairro* e seus atravessamentos com as redes cotidianas escolares e os outros espaços de *convivências*. Essas questões são provocações.

As Educações Ambientais Autopoiéticas dos *sujeitos praticantes* inventam geografias cotidianas, desenhando vidas, *saberes-fazer*s, sabores, poderes e desejos com os manguezais, nas *redes de conversações* que atravessam as

práticas do bairro e os cotidianos escolares. Uma professora da escola comenta as marcas da cidade-sambaquis sobre a escola e a vida das pessoas que moram na região:

A primeira vez que a gente foi jogar, quando entramos no ginásio, para abertura dos jogos, alguém jogou papel higiênico na gente, porque nós éramos do lixo, a gente sofreu isso, sentimos na pele, a gente era conhecido desse jeito, como um povo que comia lixo. Uma questão importante é que eles estudam aqui, os pais deles estudaram aqui, os avós estudaram aqui provavelmente. E provavelmente os filhos deles estarão aqui (PROFESSORA).

As conversações da pesquisa foram tecidas nos *entres* das redes cotidianas em diferentes espaços de *convivência*. Compartilhamos sorrisos, sons, cheiros, cores, sabores, saberes, amores, tensões, conflitos, paixões alegres, paixões tristes, afetos e usos do que aprendemos com as artes de viver e de conhecer.

Como afirmam Maturana e Varela (1995), “Viver é conhecer e conhecer é viver”. Assim, apostamos na Educação Ambiental Autopoiética, em processos de autoprodução de conhecimentos e de *saberes-fazer* comprometidos com a vida, articulando as dimensões éticas, os afetos e as conversas, diluindo fronteiras, dicotomias, classificações, representações e categorias dos modelos de aprendizagens absolutas, pautados em certezas incontestáveis e binarismos asfixiantes.

Aprendemos também com Certeau (1994), que se a própria arte de dizer e de narrar é uma arte de fazer e de pensar, pode ser ao mesmo tempo a prática e a teoria dessa arte. Ainda segundo esse autor,

A oralidade está em toda a parte, porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho na empresa e a pesquisa nos laboratórios. Oceanos de comunicação que se infiltram por toda a parte e sempre determinantes, mesmo onde o produto final da atividade apaga todo traço desta relação com a oralidade. É de ser natural e necessária em todo lugar que a conversação provavelmente tira seu estatuto teórico inferior. Como creditar inteligência e complexidade requintada às astúcias de uma prática tão comum? (CERTEAU, 1994, p. 337).

A Educação Ambiental Autopoiética com as *redes de conversações* nas *práticas cotidianas* do bairro Ilha das Caieiras, não se deixa capitalizar em

modelos, não existindo um só caminho a seguir, considerando as complexidades e multiplicidades de *possíveis*.

Movimentos praticados nos cotidianos! Cartografar é acompanhar processos, neste caso, o narrar, o morar, o pescar e o cozinhar na Ilha das Caieiras. As relações de *convivência* e de *conveniência* entre os *sujeitos praticantes* nas margens, perpetuadas por gerações, não se deixam capitalizar por normas, criando tensões e conflitos de temporalidades, *saberesfazer*s e poderes com os usos dos manguezais, que são ecossistemas amparados por uma fiscalização ambiental que se mostra eficaz quando se trata das famílias dos pescadores artesanais.

Com Maturana aprendemos que a *convivência* é uma condição biológica da espécie humana. Num dos seus escritos, Maturana exemplifica tal condição ao reportar-se à vida como uma espécie de um fluir com as pessoas, semelhante ao que ocorria nas oficinas dos artesãos do Renascimento, como, por exemplo, a de Leonardo Da Vinci, na qual o fluir e o conviver entre os aprendizes e os mestres artesãos não se prendia em manuais, mas sim no fazer *com*, nas relações.

Pensando com Maturana, nosso desejo é pensarmos a Educação Ambiental Autopoietica no *fazer-com* as *conversas*, numa VIDA de menos competição e mais colaboração, com culturas pluralizadas e de solidariedades e respeito às formas de vida, apostando nas oficinas do viver e conhecer na amorosidade.

Paradoxos estendidos no mundo da lama..., poderes e territórios praticados por geografias-molares em tensões com histórias, *saberesfazer*s, afetos e possibilidades de invenções de mundos. Na reunião contra a prisão dos pescadores, um dos narradores da maré e pescador comentou:

As autoridades competentes não estão sabendo definir o que que é o “pescador artesanal”, porque eu perguntei ao rapaz do IBAMA, ele falou que o pescador artesanal é aquele que pesca de “varinha”. Onde que o pescador de varinha constrói a sua própria vara?! Ele faz o náilon? Ele faz o anzol?! Não!!! Artesanal somos nós que fazemos a nossa “puçá”, fazemos o nosso “balão”, e isso é relíquia, uma

tradição indígena que não pode ser parada. Outra coisa, eu estou com 55 anos, eu nasci e me criei aqui, sou filho daqui. Eu tenho 45 anos de pesca aqui nesse lugar. Por que só agora essa lei vem rigidamente destruir os pescadores? Nessa reunião, a gente não vai sair daqui com uma solução. Só que quando eu chegar em casa, minha mulher vai falar, “– Olha, eu só tenho aqui arroz com feijão”. E as autoridades maiores competentes..., eles não passam nem em casa, eles vão passar em restaurante. É muito fácil falar “– Para de pescar!”, mas na hora deles almoçarem eles querem o peixe no prato deles! Chega o final de semana, o pescador está sendo caçado como um bandido, e eles estão comendo camarão, casquinha de siri... (PESCADOR).

Os conflitos com os técnicos e os órgãos ambientais interferem diretamente nas *práticas do bairro* e nas ações em Educação Ambiental com as escolas locais. As práticas em Educação Ambiental na região se apoiam no dispositivo da sustentabilidade (GUIMARÃES; SAMPAIO, 2012), que recai sobre os *sujeitos praticantes* nas margens que assistem os “grã-finos” comerem peixes assado e moquecas no almoço. Práticas em Educação Ambiental, que apontam números de participantes, indicadores, resultados, metas alcançadas, relatórios técnicos e descritivos, limpeza dos manguezais, panfletagens, reuniões com pescadores. Participação?! Ou participar das ações nascidas em gabinetes e corredores distantes da lama?

Nesta pesquisa-tese queremos dissolver os pontos de vistas dos *sujeitos praticantes* nas margens. Diante disso, apostamos nas potências de ações com as *marés*, com o desejo de trazer à tona multiplicidades e singularidades dos *saberesfazeres* socioambientais das *práticas do bairro* Ilha das Caieiras, inventados nos devires cotidianos, constituindo o que denominamos de Educações Ambientais Autopoiéticas, preenchidas por afetos, conflitos, estratégias, astúcias e táticas de enfrentamento ao coletivo de forças dos controles das áreas protegidas de manguezais.

Nos processos e percursos deste capítulo e no campo problemático da pesquisa, desejou-se cartografar e problematizar os *saberesfazeres* socioambientais que atravessam os espaços de controle das áreas de manguezais e os cotidianos escolares ao redor do Bairro Ilha das Caieiras, cujo calor cultural é alimentado pelo Turismo Gastronômico em áreas de

manguezais e que são espaços de controle e de vida, principalmente para os *sujeitos praticantes* dos mundos da lama.

A aposta aqui consiste na Educação Ambiental Autopoiética, considerando que somos atravessados por redes de *saberes-fazer*s, poderes e desejos produzidos em nossas relações com os outros e o mundo, inventando-nos, estabelecendo assim diálogos com as ideias de Humberto Maturana e com enlances dos narradores da maré, num movimento de *sustentabilizar* e problematizar relações e experiências entre as coletividades vivas dos mundos da lama e os *sujeitos praticantes* nas margens.

Geografias em espaços de controle, disciplinando usos, territórios e tempos dos manguezais e de seus praticantes, o Turismo Gastronômico na Ilha, na ilha-refúgio, nas famílias, na ilha-família. Famílias sentadas nas sombras das calçadas para desfiar siris e sururus. A rua é território dos cheiros das moquecas e berçário do siri-desfiado e da casquinha de siri.

Território de paradoxos: a proteção dos manguezais e das coletividades vivas e o desenvolvimento do Turismo Gastronômico. Os manguezais enquanto territórios culturais nos revela famílias de pescadores que (re)existem inventando formas de ser e estar no mundo, com as práticas do bairro do narrar, morar, caminhar, pescar, transportar, cozinhar e, principalmente, comercializar, praticando seus mundos e seus cotidianos e Educações Ambientais Autopoiéticas com as *redes de conversações*.



*Os moradores da Ilha das Caieiras se acham diferentes do bairro São Pedro.
Eles até falam outra língua: o ilhês.
(EDUCADOR
SOCIAL)*

3. POR ENTRE AS MARGENS DOS MANGUEZAIS DA BAÍA DE VITÓRIA: ANDADAS COM O CAMPO PROBLEMÁTICO DA PESQUISA.

*Ele sabia que as coisas inúteis e os homens inúteis se guardam no abandono.
Os homens no seu próprio abandono.
E as coisas inúteis ficam para poesia.
Manoel de Barros*



MARISCADA CAPIXABA

200 g camarão
200 g sururu
200 g ostra
200 g bacalhau
200 g palmito
1 maço de coentro
1 cebola grande picada
1 tomate grande picado
azeitona preta e verde
1 colher (sopa) alho picado
100 ml de azeite
coloral e sal a gosto
4 ovos

3.1. VENTOS DE TRAVESSIAS METODOLÓGICAS

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos normais da fala.
Manoel de Barros

Esta pesquisa em *Educação Ambiental* (TRISTÃO, 2004b) foi enredada com a *pesquisa cartográfica* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010; CARVALHO, 2009) e com os *cotidianos* (ALVES, 2010; FERRAÇO, 2003; 2005) com o desejo em acompanhar percursos, criar conexões de redes e rizomas com as cartografias dos campos problemáticos de pesquisa.

A noção cartográfica de Deleuze e Guattari na obra “Mil Platôs” (1995) foi inspiração para o livro *Pista do Método da Cartografia* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010). Para os autores, a cartografia surge como princípio de *rizoma*, e são múltiplas as entradas em uma cartografia; é como um mapa-móvel numa rede de conexões e experiências.

Faça rizoma, não faça raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca um ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Faça mapas (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48).

Nesse campo problemático, em *águas-quentes-claras-frias-turvas*, problematizamos a constituição da Educação Ambiental Autopoiética, na qual os seres vivos constituem seus mundos e são constituídos por eles, em processos de *autofazimentos* entre movimentos rizomáticos, nas tensões e nos conflitos que emergem nas experiências das redes cotidianas com os *sujeitos praticantes* das margens. Nesse sentido, vale à pena destacar que:

Conhecer a realidade é acompanhar processo de constituição, o que não pode se realizar sem a imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho (BARROS; PASSOS, 2010).

Nesta pesquisa em Educação Ambiental acompanhamos mais os processos de produção de conhecimento à descrição de fatos, constituindo-se em uma processualidade, ou seja, um movimento de ampliação da concepção de

mundos e das formas de se conceber o ato de pesquisar (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009). Para isso, escolhemos como inspiração as pesquisas cartográficas entrelaçadas com os cotidianos e enredadas com a Educação Ambiental.

As pesquisas em Educação Ambiental produzidas pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental, o NIPEEA, coordenado pela professora Dra. Martha Tristão, são inspirações potentes na produção desta tese. O NIPEEA realiza pesquisas a partir de temáticas problematizadoras tais como: Processos globalizadores e identificações culturais, Emergências de novos movimentos ecologistas, Educação Ambiental com escolas, Formação em Educação Ambiental, Práticas Culturais, dentre outras.

Destacamos um trecho do artigo da professora Dra. Martha Tristão (2009) sobre as abordagens teóricas metodológicas do NIPEEA:

A ênfase na formação em EA é compreendida como uma rede de contextos, como espaços/tempos de formação desde a formação inicial, estendendo-se à vivência, à atuação profissional, à política, à pesquisa, à militância e à participação em cursos, grupos e eventos. Com isso, não desresponsabilizamos as principais entidades formadoras do compromisso com a formação ambiental. Essa concepção já traz implícito um processo educativo e formativo que envolve uma reforma do pensamento e das estruturas. Os caminhos e as ideias tornam-se desafiantes e imprecisos, envolvendo a complexidade da EA e de seus contextos. Essa maneira de pensar a pesquisa, a educação e a formação envolve o pessoal e se mistura com o teórico, num movimento permanente e contínuo, recursivo do processo permanente de formação. O pensamento transdisciplinar inscreve-se nesta perspectiva de abertura, pois pode ser compreendido como um princípio epistemológico que se apresenta em uma dinâmica processual que tenta superar as barreiras do conhecimento mediante a integração de conceitos e metodologias. Optamos por compreender a transdisciplinaridade por entendê-la como uma abordagem que transcende as disciplinas, que tenta entender o que está além. E para nós a EA preenche este espaço entre, através e além das disciplinas (TRISTÃO, 2009, p. 91-92).

Destacamos, como colaboradores na produção dos dados da pesquisa, os praticantes do bairro Ilha das Caieiras, *sujeitos praticantes* nas coletividades das margens da Baía de Vitória e narradores da maré: catadores de caranguejos, desfiadeiras de siri, pescadores artesanais, educandos,

educadores, professoras e professores dos espaçostempos dos fluxos das múltiplas redes cotidianas de duas escolas municipais da região.

A produção de dados com os sujeitos protagonistas e autores da pesquisa aconteceu ao longo dos anos de 2011, 2012 e 2013, nos acompanhamentos dos fluxos das *redes de conversações* tecidas nas coletividades em encontros e compartilhamento de vivências, *saberesfazeres* e experiências.

Com isso, a pesquisa cartográfica introduz o pesquisador num movimento singular de conhecer, agir e praticar experiências com os *sujeitos praticantes* e narradores da maré. Larrosa (2004, p. 154) destaca que

Experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa. Dir-se-ia que tudo o que está organizado para que nada nos passe.

Nesta tese incluímos alguns lampejos dos registros de conversações, considerando que, devido ao limite da pesquisa, não é possível colocar todas as transcrições. As conversações foram gravadas, transcritas e problematizadas de acordo com os objetivos da pesquisa, compondo o que chamamos de diário de campo.

Os objetivos da pesquisa pretenderam acompanhar processos e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se de investigar processos de produção de conhecimentos de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode, por vezes, ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma conforme a cartografia formulada por Deleuze e Guattari (2011).

O *rizoma* não tem centro, não há regras prontas, nem objetivos previamente estabelecidos, de forma que o desafio metodológico está na reversão do sentido tradicional de método: não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas, mas o primado do caminhar que é traçado no percurso, suas metas

(PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010). Assim, cartografar é acompanhar processos:

Abordando a pista “cartografar é acompanhar processos” procuramos apontar que a processualidade está em cada momento da pesquisa. A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, a escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra, em criação. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um ethos, e não está garantida de antemão. Ela requer aprendizado e atenção permanente, pois sempre podemos ser assaltados pela política cognitiva do pesquisador cognitivista: aquele que se isola do objeto de estudo na busca de soluções, regras, invariantes. O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo com a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo com o coletivo. A produção de dados é processual e a processualidade se prolonga no momento da análise do material que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo (BARROS, KASTRUP, 2010, p. 72-73).

Tendo nossos objetivos como fios condutores da pesquisa-tese, problematizamos e cartografamos os *saberesfazeres* socioambientais produzidos com o morar, o cozinhar e o pescar, assumindo nossa posição metodológica com a experiência cartográfica nas travessias do pesquisar. Nesse sentido, destacamos que:

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisas; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. O método da cartografia implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo (PASSOS; BARROS, 2010, p. 169-170).

No exercício de capturar as *redes e conversações* que emergem em *saberesfazeres* socioambientais das *práticas do bairro*, compomos a produção de dados da tese, numa aposta estética enredada por capítulos-platôs de cenas-em-movimentos, como cenas-rizomas.

Chamaremos esses platôs de Planos de Composição dos despropósitos dos enlaces entre as *práticas do bairro*, os manguezais e os cotidianos escolares que foram compondo o diário de campo. Planos de Composição em cenas

capturadas com os múltiplos cotidianos escolares e com *saberesfazeres* socioambientais das *práticas do bairro* dos *sujeitos praticantes* nas margens, indicando nossa aposta política estética, cognitiva e de narratividade nesta pesquisa em Educação Ambiental.

O método da cartografia pressupõe uma política da narratividade que permita a dissolvência das posições estanques geralmente associadas ao trabalho da pesquisa àquele que conhece e aquilo que é conhecido. Nesse sentido,

[...] podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmo e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político (PASSOS; BARROS, 2010, p. 151).

A produção dos dados desta tese acompanhou os *saberesfazeres* socioambientais nas *redes de conversações* dos narradores da maré e os movimentos que as Educações Ambientais Autopoiéticas produziram com as práticas do bairro Ilha das Caieiras, apostando numa política cognitiva que entende as aprendizagens enquanto invenções de si e de mundos, com as *redes de conversações*.

Uma aposta estética nos movimentos de acompanhar as Educações Ambientais Autopoiéticas tecidas com as *práticas do bairro* entre os manguezais que também nos inventou, nos autoproduzindo com as experiências e temporalidades da pesquisa.

Os movimentos de acompanhar as *práticas do bairro* e os *saberesfazeres* socioambientais dos *sujeitos praticantes* nas margens, tanto metodológica quanto epistemologicamente, aproximou-nos das políticas cognitivas que consideram as aprendizagens enquanto processos inventivos e como processos de produções de conhecimentos, convidando e ensaiando aproximações entre conhecimentos, invenções e arte...

É um convite a adotar uma certa maneira de estar no mundo, de habitar um território existencial e de se colocar na relação de

conhecimento. Enfim, trata-se de uma política cognitiva. Todavia, a recusa da crença num sujeito e mundo dados não é modo algum trivial. Assumir essa postura requer uma virada, uma reversão da atitude naturalizada e que exige, em princípio, um esforço. Tal esforço, no entanto, pode se transformar, com a prática, numa atitude encarnada, configurando uma política cognitiva corporificada nas ações de quem se lança na tarefa de conhecer e intervir sobre a realidade. Produzir conhecimento e produzir realidade se tornam face e contraface da experiência cognitiva, o que impõe a complexidade ético-estético-política da ação do pesquisador. Não se chega à invenção cognitiva por adesão teórica, mas por práticas cognitivas efetivas e encarnadas (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010, p. 203).

Uma artesanaria da e na pesquisa-tese e do e no pesquisador. Apostando em outros meios de expressões científicas e de imagens do pensamento, tendo a arte como um intercessor do pensamento, fazendo do texto uma escrita inventiva, com a presença dos planos de composição e dos narradores da maré, apostando numa posição de política de narratividade.

Ao abordar como tema a escrita de textos de pesquisa, Barros e Passos (2010) apresentam, em *Por uma Política da Narratividade*, a ideia de que a alteração metodológica proposta pela cartografia exige uma mudança de práticas de narrar.

[...] tudo isso implica tomada de posição numa certa política da narratividade. A escolha dessa posição narrativa (*ethos* da pesquisa) não pode ser encarada como desarticulada das políticas que estão em jogo:... políticas de pesquisa, políticas da subjetividade, políticas cognitivas. Toda produção de conhecimento, precisamos dizer de saída, se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente (BARROS; PASSOS, 2010, p.150).

Uma narratividade que aposta nos encontros entre os sujeitos da pesquisa e o que se expressa nesses encontros. Existem dois métodos e modos de dizer no plano da política da narratividade, que aproximamos da Educação Ambiental: extensivismo e intensivismo.

Os modos de dizer e de narrar a partir do método da extensividade prevê uma meta imposta para se tornar um efeito de práticas intensivas, em um plano coletivo de forças instituintes. Controlar, formatar, quantificar, hierarquizar, classificar, categorizar. Percebemos algumas tendências e movimentos da

Educação Ambiental atravessadas por indicadores e projetos pragmáticos *para*, que são prescritos e apresentados como receitas e prêmios.

Nossa aposta de narratividade, nesta pesquisa em Educação Ambiental, aproxima-se no modo de interferir intensivista que afirma: o princípio da transversalidade.

Transversalidade, na acepção inicial que Guattari (2004) dá a esse conceito, é o movimento de abertura comunicacional, de desestabilização dos eixos dominantes de organização da comunicação nas instituições: o eixo vertical de hierarquização da comunicação entre os diferentes e o eixo horizontal de homogeneização da comunicação entre os iguais. Traçar a transversal é, no que diz respeito aos modos de dizer, tomar a palavra em sua força de criação de outros sentidos, é afirmar o protagonismo de quem fala e a função performativa e autopoietica das práticas narrativas (BARROS; PASSOS, 2010, p.150).

A partir da transversalidade pensamos a Educação Ambiental e esta pesquisa-tese com atitude de transgredir aos modos de dizer extensivistas. Com a cartografia e a problematização de *saberes-fazer*es dos narradores da maré da tese pensamos em transgredir os modos horizontais e verticais de produções de conhecimentos, tecidos com experiências das relações de poderes do campo problemático da pesquisa.

Apontamos, portanto, dois procedimentos narrativos compondo a política da narratividade: a redundância e a desmontagem. A redundância, como o próprio termo indica, é o caso narrado ganhando sentido de abundância, gerando um sentido de circulação e de repetição, criando um padrão social, inquestionável, linear, representacionista e determinista.

Nossa aposta de política de narratividade está no procedimento da desmontagem, entendida conforme Barros e Passos (2010, p. 163):

O procedimento narrativo da desmontagem das formas permite, em suas bordas, ativar o que lá insiste/resiste como força de criação (Benevides; Passos, 2003). No limite das formas algo vibra e contagia. Essa vibração, esse contágio cria uma ativação intensiva que permite tender (ir em direção)/estender os limites do caso.

Os autores acima apontam três características do procedimento de desmontagem. A primeira característica é que o procedimento de narrar se dá por aumento de coeficiente de desterritorialização. A desmontagem do território de saber-poder é a quebra das relações instituídas entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem, entre os que podem falar e os que não podem falar: entre os técnicos e peritos e os peixes pequenos.

A segunda característica do procedimento narrativo da desmontagem está em considerar que tudo é político, mas que existem singularidades em cada caso, que desterritorializam e problematizam, indicando ramificações no plano político.

Chegamos então à terceira característica, que indica que tudo adquire valor coletivo, ou seja:

O caso é, então, ação com(um) e institui-se como agenciamento coletivo de enunciação. O comum, aqui, ganha outro sentido, diferente do que definíamos como “sentido comum” ou o sentido do como Um. O comum, agora, diz respeito a essa experiência coletiva em que qualquer um nela se engaja ou em que estamos engajados pelo que em nós é impessoal. Mesmo quando vivido, enunciado, protagonizado, emitido por uma singularidade, a narrativa não remete a um sujeito (BARROS; PASSOS, 2010, p. 167-168).

Inspirado na frase de Deleuze e Guattari (1977, p. 38), ao afirmarem que “somente a expressão nos dá o procedimento”, pensamos: De que modo podemos capturar as expressões que compõem o diário de campo, que são produções dos dados desta tese em Educação Ambiental? Quais Educações Ambientais Autopoiéticas são tecidas nas múltiplas *redes de conversações* cotidianas do campo problemático da pesquisa?

Em relação aos dados produzidos, que procedimentos metodológicos tomaremos em se tratando de acompanhamento de processos? De que modo pensar as pesquisas em Educação Ambiental Autopoiética, a partir de uma política da narratividade, que estabeleça o modo intensivista e o procedimento narrativo da desmontagem? Educação Ambiental Autopoiéticas dos sujeitos praticantes das margens e que são os narradores da maré? Educações Ambientais Autopoiéticas?!

Uma aposta de *narrativa* (TRISTÃO, 2012) com a *escolabairro* e os *sujeitos praticantes* nas margens, pensados aqui, como narradores da maré, que praticam o campo problemático da pesquisa, inventando *saberesfazeres* socioambientais com as *práticas do bairro*, e entre os manguezais da Baía de Vitória e os múltiplos cotidianos escolares.

Narradores da maré com os *saberesfazeres* socioambientais do morar, pescar e cozinhar, tecendo táticas e astúcias, inventando territórios existenciais, com enfrentamentos aos discursos que proíbem a pesca na Baía de Vitória, valendo-se de justificativas ambientais e sustentáveis.

Enfrentamentos e sustentabilidades! Os *sujeitos praticantes* nas margens da Baía de Vitória impedidos de pescar e de perpetuarem suas *práticas do bairro*? Enquanto narradores da maré, os *sujeitos praticantes* nas margens da Baía de Vitória forçam nosso pensar e problematizar a Educação Ambiental extensivistas com os *saberesfazeres* socioambientais inventados cotidianamente nas relações com os manguezais.

Os narradores da maré praticam, deslizam, se desterritorializando e se reterritorializando nos cotidianos. Nesta tese apresentamos Planos de Composições capturadas do diário de campo, nos quais os *sujeitos praticantes* nas margens se tornam narradores da maré em cenas. Planos de Composição traçados como artesãos das marés, que sabem-fazer os próprios apetrechos de pesca e que são reconhecidos no bairro por tais ofícios.

As possibilidades de vida e modos de existências produzidos na vida comunitária do bairro Ilha das Caieiras envolvem as práticas do pescar e do cozinhar, aproximando crianças, jovens, adultos e idosos nos preparos das casquinhas-de-siri, moquecas, e principalmente das tortas capixabas, traçando os movimentos dos narradores da maré com as práticas do bairro.

Planos de composição que aconteceram nos verões e nas Semanas Santas de 2011, 2012 e 2013 em companhia dos narradores da maré, os quais entre eles

destacamos as presenças de Zé Perigo, Maria Canoa, Beré, Badejo e Jereré, alguns dos personagens locais e de famílias diferentes e de diferentes gerações. Famílias! Famílias manguezeiras! Comunidade manguezeira, os *sujeitos praticantes* das margens e narradores da maré nos ajudam a problematizar as *práticas do bairro* e os *saberes-fazer*s socioambientais praticados nas coletividades da oficina do viver no bairro Ilha das Caieiras.

O Beré entra em Cena! Planos de composições! Narradores da maré!

Cena 2 - Semana Santa na Rua Felicidade Correia dos Santos: Beré ficou reprovado!

Véspera de Semana Santa de 2013. Sol forte e calor. Muitos carros na Rua Felicidade Correia dos Santos. Moradores e visitantes dividindo os espaços com o perambular rizomático dos cachorros-do-mangue. A maré está paradinha, sem vento, um veludo. A água fria-turva. Na Ilha das Caieiras as grandes protagonistas das práticas do bairro e das “artes de cozinhar” são as casquinhas de siris, as moquecas e as tortas capixabas. Um dono de restaurante local comenta: “É difícil trabalhar com o caranguejo aqui, porque, além de pequenos, eles atraem moscas e incomodam os fregueses”. A Rua Felicidade Correia dos Santos está fervilhando! As barraquinhas sendo montadas. As meninas ajudando as mães nas cozinhas. Os meninos ajudando os pais e brincando no piermanguezal. A rua não para e os restaurantes se organizam como podem para atraírem seus fregueses em busca das “vedetes” do momento: as tortas capixabas. Os ritmos da vida comunitária e das práticas do bairro são aquecidos, assim como o fogo dos fogões. No desjejum já tem torta para comer. É preciso correr porque tem muito trabalho pela frente. A Semana Santa faz da Ilha das Caieiras um fast-food a céu aberto para os fregueses. Quando falta algum ingrediente alguém empresta. As tortas são vendidas em diferentes tamanhos e com diversos ingredientes, conforme o gosto dos fregueses. As mulheres assam as tortas em recipientes de alumínio para facilitar e agilizar as vendas e o preparo. As meninas-moças ajudam no preparo. Eis que me deparo com Maria Canoa no frenesi intenso das duas

cozinhas que ela tem em casa. Duas cozinhas com várias mulheres, de gerações diferentes, trabalhando e preparando os ingredientes das tortas capixabas. Chego para uma conversa rápida durante a preparação das tortas e que tomam por completo deixando-me indignado, atordoado:

- *Oi Maria Canoa...tudo bem! Está na correria?!*
- *Pois é...tem muita encomenda...vai querer uma torta?*
- *Vamos sim...queremos duas completas para viagem. E o Beré? Cadê ele?*
- *Está por aí no píer...vive lá!*
- *Pensei que tivesse na escola. E ele, como anda na escola?*
- *Não sabe não?! Beré ficou reprovado!*
- *Reprovado? Como?*
- *Pois é... – um silêncio pousou, pegamos a torta sem saber o que falar.*

O Beré ficou reprovado! Essa cena foi capturada com a produção de dados que emergiram com as *redes de conversações* nas oficinas do viver na Ilha das Caieiras.





*Agora, estamos sendo presos e algemados!
E quando fui abordado disseram para mim que no
Lameirão podia pescar.
Tem lei para o pescador por que ele é pequeno.
(PESCADOR DA ILHA DAS CAIEIRAS)*



3.2. NARRADORES DA MARÉ E A RUA FELICIDADE CORREIA DOS SANTOS: QUANTO VALE OU É POR QUILO?

*Pra meu gosto a palavra não precisa significar – só entoar.
Manoel de Barros*

Quanto vale ou é por quilo?¹¹ O Bairro Ilha das Caieiras tem aproximadamente 7.300 habitantes. Nas ruas, nas calçadas, no píer, na peixaria, nos barcos e nas canoas, nos restaurantes, por onde quer que se vá percebemos as relações familiares. Alguns destes moradores, provenientes principalmente do município de Santa Leopoldina, chegaram ali em canoas de um tronco só, por entre as curvas do rio Santa Maria da Vitória, ainda nos tempos áureos do café.

Práticas cotidianas do bairro organizando trajetórias individuais e as necessidades comunitárias, fortalecendo laços de pertencimento, criando uma coletividade de bairro, instaurando jogos e acordos de *convivências*, em busca de um “[...] equilíbrio entre a proximidade imposta pela configuração pública dos lugares, e a distância necessária para salvaguardar a sua vida privada” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2009, p. 47).

É preciso sair ganhando em todos os espaços e relações com as marés, nesse caldeirão cultural a céu aberto, que é o bairro Ilha das Caieiras. É preciso com- viver com os outros, fazendo dessa coletividade “[...] um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2009, p. 47).

Praticando o campo problemático da pesquisa foi possível conviver e conhecer no palco diurno os narradores da maré que sustentam as *práticas do bairro*,

¹¹ Filme do diretor Sérgio Bianchi, “Quanto Vale ou É por Quilo?”, inspirado no conto “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis. Desde as primeiras cenas, são mostradas semelhanças entre a escravidão de outrora e a dos dias de hoje. Uma escravidão camuflada, que o povo não percebe ou às vezes não quer enxergar. As diversas situações de exclusões sociais, miséria e opressão que acontece no filme nos impressionam e nos inspiraram a pensar nos sujeitos praticantes nas margens dos manguezais e da Baía de Vitória. Disponível em: <http://www.interfilmes.com/filme_15155_Quanto.Vale.Ou.E.Por.Quilo>. Acessado em: 22 jul. 2013.

capturando também pistas das sombras noturnas que invadem a coletividade comunitária, impondo diferentes regras de *convivência* e de *conveniência* para o bairro.

Alguns *sujeitos praticantes* nas margens e narradores da maré nos inspiraram a pensar em Maria Canoa, Beré, Zé Perigo, Badejo e outros, apresentados, ouvidos e acompanhados, num *presente cambiante* (MATURANA; DÁVILA YAÑEZ, 2009) com os ventos-de-travessias dos movimentos cotidianos com as marés, nos exercícios de capturarmos *saberesfazer*s socioambientais, encarnados e inventados nas coletividades das *práticas do bairro* entre os manguezais.

Os *sujeitos praticantes* nas margens e narradores das marés são devires, forças que escapam e linhas de fuga que ventilam os mecanismos de controle sobre as áreas de manguezais criadas recentemente com as Unidades de Conservação e o Turismo Gastronômico local, negociando também entre si os conflitos e as disputas produzidos nas relações e tensões cotidianas com as artes de narrar, morar, pescar e cozinhar. Maria Canoa, Zé Perigo, Beré e Badejo são inspirações que encontramos para apresentar as *redes de conversações* tecidas com os *sujeitos praticantes* do bairro Ilha das Caieiras em seus múltiplos cotidianos.

São esses narradores da maré que se autoproduzem e inventam *saberesfazer*s como modos de (re)existências e de resistências com seus ofícios de carpinteiros dos manguezais, fazendo da vida manguezeira uma obra de arte e uma forma de ser e estar no mundo, praticando entre si modos de *sustentabilizar* as relações comunitárias, com os conflitos e tensões na *convivência* e na *conveniência* da vida do bairro.

O que podem as vidas manguezeiras? E os *saberesfazer*s socioambientais das *práticas do bairro*? “Um indivíduo que nasce ou se instala em um bairro é obrigado a levar em conta o seu meio social, inserir-se nele para poder viver aí” (CERTEAU, 2008, p. 47), criando laços, vínculos e *práticas do bairro* organizadas como uma espécie de “[...] convenção coletiva tácita, não escrita,

mas legível para todos os usuários através dos códigos de linguagem e do comportamento” (CERTEAU, 2008, p. 47), possibilitando condições para que cada um contribua com a vida do coletivo público.

O que é *conveniente* nas relações entre os usuários do bairro? E o que não convém? As vidas cotidianas interferem transversalmente nas *práticas do bairro* nas negociações de *convivência* impondo, de certa maneira, comportamentos éticos e juízos de valor com o *viver-com*:

Sair à rua significa correr o risco de ser reconhecido, e, portanto, apontado com o dedo. A prática do bairro implica aderir a um sistema de valores e comportamentos que força cada uma a se conservar por trás de uma máscara para sair-se bem no seu papel (CERTEAU, 2008, p. 48).

Nos movimentos diários com o campo problemático da pesquisa foram traçados os *saberes-fazer*s socioambientais no morar, no pescar e no cozinhar dos *sujeitos praticantes* e narradores da maré com as *redes de conversações* cotidianas capturadas e apresentadas como um concentrado de vários *sujeitos praticantes* da Ilha das Caieiras. Vamos às *redes de conversações*...

Maria Canoa é também um concentrado de *Marias* que são mães, filhas, netas, primas de pescadores, nascidas e criadas com pirão de peixe na Ilha das Caieiras e que acompanharam os nomadismos do bairro e da Rua Felicidade Correia dos Santos. Algumas delas participaram ativamente do mutirão de construção da escola comunitária, atualmente municipalizada. *Marias Canoas* que foram estudantes desta escola assim como as crianças da família, que lá estudam ainda hoje.

Maria Canoa é desfiadeira de siris desde os 15 anos, assim como as mulheres da família; durante todo o dia está envolvida com a pesca e a cozinha e à noite frequenta as aulas de um curso profissionalizante com sua primeira filha. Todos no bairro conhecem *Maria Canoa* e apostam na representatividade comunitária que ela exerce entre pescadores e donos de restaurantes locais.

A casa de Maria Canoa é perto da maré, perto do píer e da peixaria comunitária. Uma casa molhada-de-peixe e aquecida pelos fogões e fornos das suas cozinhas. Maria Canoa mora com o marido, trabalhador de uma empresa multinacional, e a sogra, que também é desfiadeira de siri, nascida e criada no bairro, antiga lavadeira de roupas do Sítio do Jacaré, e precursora na venda de siris desfiados desde a época da Ponte Seca, na Vila Rubim. A sogra dela ainda se lembra das cantigas das lavadeiras. Na infância, na década de 1980, Maria Canoa testemunhou os manguezais sendo aterrados. Camadas e camadas de aterros sobre o lixão a céu aberto, fazendo ressurgir o *Lugar de Toda Pobreza*, a cidade-sambaquis.

Sambaquis-de-restos consumidos, descartados e acumulados na contemporaneidade, abrindo terrenos aos avanços dos bairros da Grande São Pedro. “Colocaram uma pá de cal nos manguezais aterrados!”, comenta Badejo, morador antigo e amigo de Zé Perigo e Maria Canoa. Eis alguns fios da conversa com Zé Perigo apresentando lampejos da época da cidade-sambaquis.

– *Chego e pergunto à Zé Perigo: Agora, uma curiosidade minha...o senhor conheceu a Felicidade Correia dos Santos, que é o nome desta rua?*

– *Cheguei a conhecer.*

– *Qual é a história dela?*

– *É o seguinte, era a mulher mais velha que tinha aqui. Veio o Projeto Rondon...*

– *Mais isso em que ano mais ou menos?*

– *A isso tem uns vinte e cinco anos a trinta anos, o Projeto Rondon veio fazer um acerto aqui..., mais não tinha essas casas não, era tudo estuque, algumas casas que eram de tábuas.*

– *Na época em que existia o lixão?*

– *Não, nessa época não existia o lixão, existia o aterro do mangue, com galhos e lixo e depois a prefeitura fretava uns carros pra jogar aterro em cima, fazendo um tipo de urbanização. São Pedro I, II, III, IV e V; não existia lixão; existia que todo o lixo, quase da cidade toda, ele era jogado para aterro. O Santo André foi aterro do mangue com lixo, lixo mesmo. Aí o prefeito contratou uma draga que*

colocou aqui dentro, uma draga com uma tubulação e tiraram uma capa de areia, a Grande São Pedro toda, menos aqui. Então tinha que tirar uma capa de lama de aproximadamente uns dez metros, depois vinha a areia, depois quando acabava eles iam pra outra área, e pegaram uma área ali de cima, de frente da boca do rio de Santa Leopoldina, então, o Santo André, foram feito os aterros.

Uma conversa em diferentes *espaçotempos*: da cidade-sambaquis à rua Felicidade Correia dos Santos, e desta aos inícios da implantação do Turismo Gastronômico na região, com a urbanização da orla e a criação das áreas de preservação ambiental de manguezais da Baía de Vitória. Transformações do lugar de toda pobreza cercado por manguezais, para um lugar com manguezais, jet-skis, turismo, lazer, empreendimentos imobiliários.

A mãe de Maria Canoa nasceu no norte fluminense e migrou para a ilha-capital em busca de emprego. A família tem uma embarcação a motor e uma canoa de grandes serventias nas pescarias de camarão, peixe e sururu. A cozinha da casa é o local mais movimentado, principalmente na Semana Santa, estando aberta para uso comunitário.

A cozinha aquece as relações coletivas e comunitárias de afetos, aquece também as artes de cozinhar na Ilha das Caieiras. Seus temperos e ingredientes são recheados de práticas de solidariedade. A entrada da casa passa pela copa, que tem a função de cozinha, e que dá acesso a outra cozinha. Duas cozinhas na casa de Maria Canoa.

Desde criança Maria Canoa acompanhava as investidas dos pescadores, catadores de caranguejos, sururus, e se recorda das infâncias-molhadas-de-peixe. Também gosta de pescar quando tem pouco siri e camarão nos tabuleiros e quando a cozinha e o tabuleiro ficam ociosos.

Com a vida coletiva no bairro e as fidelidades criadas com a freguesia, consegue tirar proveito dos benefícios esperados. Guardiã de segredos de receitas de moquecas e da torta capixaba, Maria Canoa é um caldeirão cultural

fervilhante! Conhece bem os manguezais e as marés. Age por terra e por mar. Ela está em todos os lugares do bairro com notável sociabilidade, encarnada em seus comportamentos e atitudes que indicam um saber-fazer de apropriação dos espaçostempos do bairro e dos manguezais.

A Rua Felicidade Correia dos Santos abraça o bairro Ilha das Caieiras. Todos os caminhos levam a ela, que é a porta-de-entrada do bairro e das marés. Maria Canoa mora nessa rua, assim como as outras famílias e parentes, que também pescam e desfiam siris. A rua se apresenta enquanto platôs e zonas de intensidades de relações, de *práticas do bairro*, de afetos, solidariedades entre os *sujeitos praticantes*, de conflitos, de acolhimentos dos turistas que procuram os restaurantes e o Museu do Pescador.

A rua Felicidade Correia dos Santos é um caldeirão cultural fervendo. Durante o dia é comum encontrar redes de pesca estendidas, pescadores tratando seus pescados, desfiadeiras de siris a desfiar, barraquinhas de temperos para as moquecas, canoas e embarcações sendo reformadas ou construídas, e, é claro, meninos-da-baía-de-Vitória carregando águas nas peneiras e brincando no *piermanguezal*.

Nos finais de semana é melhor deixar o carro e andar pela rua a pé, pois o quintal-comunitário e familiar dos moradores é a própria rua. O público e o privado se confundem enquanto espaços de relações comunitárias. A rua tem um píer. Quer encontrar alguém?! Vá ao píer. Lá você vai ouvir o jeito singular e performático das artes de narrar os ilhês, linguajar falado e vivido entre os narradores das marés e *sujeitos praticantes* das margens.

Cena 3 - Os ilhês da rua Felicidade Correia dos Santos

Os ilhês: textos, corpos e falas das conveniências dos moradores do bairro. Expressões de geografias sentimentais e de afetos. Astúcias dos pescadores, indícios do que acontece nas marés. Uma língua menor, imanente, subversiva, desterritorializando tempos e lugares da cultura e das tradições. Com as artes de narrar os ilhês sentimos os cheiros, os gostos, os conflitos, os perigos do

mar e sentimos a presença da Fábrica de Cal nas vidas manguezeiras na atualidade. Os ilhês remetem-nos aos manguezais, às práticas do bairro e aos novos encontros, novas fugas, novos agenciamentos. Uma gramática semi-erudita das antidisciplinas das vidas cotidianas, da postura do corpo, da linguagem e do reconhecimento. Das convivências no bairro e das conveniências do bairro. Ouvindo e conversando com os pescadores sentimos, intensamente, os traços dessa antidisciplina: os cheiros da maré, as forças dos ventos, os cardumes, as iscas, os nós das redes, os conflitos com o IBAMA, as coletividades vivas dos manguezais, as embarcações a navegar, ouvimos as singularidades das vidas manguezeiras, percebemos os jogos de poderes, os desvios semânticos, os trocadilhos das palavras, as ambiguidades dos sentidos, as rasuras da paisagem. Os ilhês nos desterritorializam abrindo outros possíveis com as práticas do bairro. Provocam a dissolução do ponto de vista do observador, inventam performances linguísticas entre os sujeitos falantes, camuflando, desmascarando, fazendo ecoar uma linguagem carnavalesca, que nos remete às bravuras dos “Canoeiros do rio Santa Maria,” hábeis nas canoas de um tronco só, que atracavam no píer da Ilha das Caieiras, carregadas de sacas de café, em direção ao porto de Vitória ou retornando dele.

Os ilhês remetem-nos aos idos de quando não havia a região turística inventada, quando as trocas e as práticas de solidariedade eram mais frequentes, de acordo as *redes de conversações* pescadas com os moradores mais antigos, movimentando as cozinhas, as comemorações locais e as pescarias. Sustentabilidade enquanto relação? Sustentabilidade enquanto ação? Sustentabilizar? Épocas que eram comuns trocar ingredientes e receitas de torta capixaba. Tempos distantes das tensões e conflitos entre os *sujeitos praticantes* e o *frenesi do fast-food* na Semana Santa.

No mesmo local em que se reuniam os canoeiros do rio Santa Maria da Vitória, atualmente os moradores antigos, majoritariamente homens, que dominam e fazem usos dos ilhês, traçam seus tempos *aións* no píer da Ilha das Caieiras. Todos se entendem nas *redes de conversações* costuradas com o morar, pescar e cozinhar. Narratividades do fluminense e do campeonato brasileiro,

gritos para saber quem tem camarão, sururu ou siri para negociar. As relações e as *práticas do bairro* são entoadas em ilhês. Na rua Felicidade Correia dos Santos, o ilhês é o linguajar mais falado!

Cobranças pela demora da feitura da canoa. Empréstimo de cozinheiro e de garçons entre os restaurantes. Fofocas sobre as promessas políticas de reforma do píer e das ações de fiscalização do IBAMA. Curiosidades sobre as andadas dos caranguejos, do jogo do bicho, sobre quem vai sair para pescar e quem está voltando..., se tem rede de balão no barco, se a rede agarrou ou não no fundo da maré..., nada, nada escapa! Tudo escapa!

O linguajar ilhês alimenta e costura a oficina do viver praticada na comunidade entre os manguezais, o morar, o pescar e o cozinhar, envolvendo pessoas, provocando risos, conflitos e jogos de poderes, afetos e desejos da vida coletiva do bairro. O linguajar ilhês é uma prática *antiteórica* (CERTEAU, et al., 2008), e significam rasuras e desvios dos sentidos convencionados por uma ação direta do linguajar cotidiano.

As atenções são compartilhadas, flutuantes, oscilam entre o desfiar e o que acontece entre a cozinha e a rua Felicidade Correia dos Santos. *Quem quiser passar, que passe na rua!*, comenta Maria Canoa, saindo rindo sem parar. A vida comunitária em enlaces parentais tece *redes de conversações* sobre a Semana Santa. Maria Canoa comenta em bom ilhês, demonstrando quem sabe o que é o ofício de desfiadeira de siris.

– *A Semana Santa foi muito boa... graças a Deus, e tomara que no próximo ano seja melhor ainda.*

– *Vocês começaram a se preparar quando?*

– *A gente, a gente começa a se preparar.... em dezembro...., janeiro. Tirar sururu, descascar camarão... a gente não deixa pra cima da hora... a gente se prepara antes pra atender o pessoal”.*

É verão com férias escolares, as crianças inflamam o *piermanguezal* e se preparam para as brincadeiras de baldeação entre canoas e barcos atracados,

enquanto outras crianças vigiam os carros dos turistas para arranjar alguns trocados. Um despropósito no brincar e do ficarem molhados-de-peixe. Enquanto isso, os cheiros das cozinhas e restaurantes acompanham o percurso de quem caminha na rua Felicidade Correia dos Santos, nos conduzindo ao píer, desenhando os territórios dos cheiros dos mundos da lama.

Chego ao píer e encontro com Badejo, que também trabalha nos restaurantes, recebendo os turistas que chegam de jet-skis no píer. Na conversa dele com outro colega ele comenta: – *que graça tem de trabalhar nos restaurantes e deixar de zombar dos concorrentes ao final do dia?* Badejo, com o típico linguajar ilhês, comenta quantas moquecas foram vendidas, confirmando o que havia relatado Maria Canoa, ao dizer que o *Peixe Urbano* se espalhou entre os restaurantes da região. Chego para conversar e tirar essa dúvida:

– *O outro dono do restaurante falou que vende muita moqueca no Peixe Urbano...é verdade?*

– *No Peixe Urbano, todo mundo vende! Aqui, na Ilha das Caieiras, todos os restaurantes agora trabalham com o Peixe Urbano... tem restaurante que vende duzentas, trezentas... esse aqui vendeu quatrocentas e noventa e cinco moquecas neste mês.*

– *Parece até estória de pescador,... a Ilha está fast-food!* – Badejo entra e sai da conversa rindo sem parar.

A ilha está fast-food? Os manguezais como supermercados dos prazeres? E a sustentabilidade das Unidades de Conservação? A conservação pode ser vendida em painéis de barro, para quem puder comprar? Turismo Gastronômico em Unidades de Conservação? Isso pode? Quem alimenta o Turismo Gastronômico atual enquanto o pescador local não pode se alimentar do que pesca?

As marés e luas também povoam o linguajar ilhês traduzindo *saberesfazer*s socioambientais e ritmos cotidianos e comunitários da rua Felicidade Correia dos Santos. E não poderia ser diferente, pois nela percebemos os tempos

kairós traçando ritmos da comunidade e das atividades pesqueiras. – *Se tiver muito siri, o preço cai!*, – comenta Beré, que ajuda como pode seu avô a catar *sururus*.

A *rua mercado*, a *rua escola*, a *rua maré* em movimentos, riscando a rua Felicidade Correia dos Santos, num sobe-desce o tempo todo; pelo menos enquanto é dia, por que à noite, no palco noturno, surgem outras *práticas do bairro*, inventando lugares praticados. À noite, o *piermanguezal* é o melhor lugar para as práticas de contravenção à lei. Os cheiros são outros e não há fregueses de restaurantes. A freguesia é diferente, e nesse caso as práticas do bairro não foram capturadas e nem acompanhadas pela pesquisa, apenas ouvimos as versões e os pontos de vista que sinalizam para práticas de contravenções, muitas delas divulgadas pela mídia local.

À noite, as marés impõem suas forças nas artes de pescar. Pesca de balão e outras práticas de pesca inflamam as marés e os manguezais da Baía de Vitória. Os territórios tirados dos pescadores ao longo dos dias voltam a eles à noite com as táticas de sobrevivências e de resistências diante da guerra de mapas.

Outra voz no linguajar ilhês dos narradores da maré zomba e ecoa por sustentabilidade: – *Vamos preservar os manguezais!* É preciso continuar pescando caranguejos, peixes e siris que servirão à classe média. E se fôssemos capazes de conversar com os siris e caranguejos e ouvir o que eles sentem quando transportados e amontoados entre si, por horas e dias, para, ao final, serem degustados no *piermanguezal*?

Paradoxo: a proteção dos manguezais e das coletividades vivas e o desenvolvimento do Turismo Gastronômico. A Baía de Vitória enquanto território cultural revela-nos famílias de pescadores que (re)existem inventando modos de ser e estar no mundo, nas artes de morar, caminhar, narrar, pescar, transportar, cozinhar e, principalmente, comercializar. Educações Ambientais Autopoiéticas entre as águas da Baía de Vitória!

Paradoxos estendidos na lama! Sobrevivendo dos leites das marés que alimentam os filhos e as filhas dos *sujeitos praticantes* e narradores da maré e entre os conflitos e tensões com os mundos da lama. Maria Canoa, com seu linguajar ilhês, problematiza esses paradoxos em uma reunião, convocada pelos pescadores, para discutir a prisão de dois pescadores e a súbita proibição da pesca na Baía de Vitória.

Quanto vale o trabalho de pescador? Ou é por quilo? Eis alguns fios dessa conversa.

– Eu sou filha, neta e sou mãe! Eu só quero saber uma coisa de vocês, autoridades, quem vai alimentar meus cinco filhos? Até agora eu não ouvi a palavra “lameirão”. Só ouvi: praia, arrastão, balão, esgoto, isso até o momento, não enche a minha barriga e dos meus cinco filhos. Eu quero saber o que a gente pode pescar o que a gente não pode? Até o momento eu não ouvi nada da Ilha das Caieiras. Gente, tem pescador aqui que está indo para a maré pra comer! Sai de manhã para chegar na hora do almoço e ter o que os filhos comerem. Se não chegar com o pescado, o que a gente vai dar para nossos filhos comerem? O que que os “grandões” vão comer aqui na Ilha das Caieiras para podermos pagar nossas dívidas? Se a gente não tiver o pescado pra vender pra eles, como a gente vai sobreviver? E nós, pescadores “pequenos”?! Nós vamos viver de CRAS?!!! Não dá! Cesta básica não paga dívidas! Você acha que com cinco filhos, a cesta básica dá para eu passar o mês? Eu aprendi só a pescar, na minha vida. Eu desde pequena só pesco e desfio siri, e aí?!!! Nós somos pescadores, queremos trabalhar, nós estamos sendo humilhados. Eu tinha orgulho de dizer “eu sou pescadora”, agora eu tenho vergonha.

Os *sujeitos praticantes* nas margens e o linguajar ilhês de conversar são inspirações para os narradores da maré que traduzem a política da narratividade (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009) da tese e uma aposta nas artes de narrar que esta pesquisa se propõe. Os narradores da maré são interlocutores dos *saberesfazer*s socioambientais que atravessam as *práticas*

do bairro, os cotidianos escolares entre as vidas manguezeiras que povoam o campo problemático da pesquisa.

O que dizem os manguezeiros, especialistas, comerciantes, educadores, meninos-da-baía-de-Vitoria? Isso envolve “[...] tomada de decisão numa certa política da narratividade[...]”. Toda produção de conhecimento [...] se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010, p. 150).

Decisão e dizeres que evidenciam o *ethos* da pesquisa e, sobretudo, da nossa aposta epistemológica, política e ontológica em relação às perspectivas das aprendizagens produzidas com as Educações Ambientais Autopoiéticas com as *práticas do bairro*.

Essa tomada de posição com o praticar o campo problemático da pesquisa com as *redes de conversações* e as relações de *convivência* e de *conveniência* considera os *saberesfazer*s socioambientais produzidos entre os manguezais e os cotidianos escolares como processos de negociações, resistências e experiências tecidos com as tensões e os conflitos que atravessam o mapa-móvel dos territórios das Educações Ambientais da Baía de Vitória, constituindo-se em Educações Ambientais Autopoiéticas, em movimentos e intensidades com as águas-turvas da maré, inventando cotidianos e produzindo *saberesfazer*s socioambientais.

As Educações Ambientais Autopoiéticas se produzindo em fluxos nas coletividades, nos entres e nas margens dos manguezais, tecendo enlacs com as vidas cotidianas com as marés, com as interfaces místicas, as histórias contadas e as artes de cozinhar, morar, pescar e comercializar. Eis o místico e as histórias que povoam a vida do bairro:

Cena 4 - O Saci, o Museu e o boato do dênde na Ilha das Caieiras

A conversa se deu com os destemidos e hábeis “Canoeiros do Rio Santa Maria” que atracavam no píer para abastecer com mantimentos vendidos no

comércio do Seu Duca. A arquitetura antiga e singular do prédio se destaca às demais casas da rua Felicidade Correia dos Santos, um antigo comércio de secos e molhados que abriga o Museu do Pescador, e que esteve por muito tempo abandonado... “assombrado”. Dizem as más línguas que desde que o casebre ficou abandonado é comum as janelas ficarem batendo e assustando as pessoas que passam pela rua, e que quem passava sabia que corria o risco de ser atingido por um saco de areia lançado por um Saci. Essa estória foi pescada no verão, período das férias escolares, num dia de maré cheia e de lua crescente. Era início da tarde, de uma semana marcada pelo calor e mormaço, um dia meio-barro-meio-tijolo! A maré está incrivelmente barrenta e tingida pelos sedimentos suspensos com as chuvas dos últimos dias, se misturando com os restos de pescados e com os esgotos das casas, dando-a uma coloração de óleo de dendê. A rua Felicidade Correia dos Santos está repleta de carros de visitantes em busca das moquecas, tortas capixabas e casquinhas de siris desfiados. No píer da Ilha das Caieiras pescamos conversas e estórias inventadas no período do almoço, e uma conversa curiosa provocou barulho, brincadeiras e agitações entre os frequentadores nativos. Tudo começou por que disseram que um restaurante local havia incluído no cardápio a moqueca com óleo de dendê e leite-de-coco. O boato dos boatos era que, além da moqueca com leite-de-coco e óleo de dendê, iriam também comercializar acarajé. Foi uma zombaria só, ninguém escapava do linguajar ilhês de brincar e desconfiar daquilo que era dito por outrem. As brincadeiras atingiam a culinária baiana, indicando certo bairrismo, em prol da culinária capixaba. Nesse dia o dendê da Ilha deu o que falar e temperou os ânimos dos donos de restaurantes, e até a maré com cor-de-dendê parecia que conspirava a favor da culinária baiana. Será que foi o Saci do museu?

A rua fervilhante e a oficina do viver são os territórios do brincar e do aprender na *convivência* entre os meninos-da-baía-de-Vitória e *sujeitos praticantes* nas margens, que carregam águas nas peneiras, tecendo *saberes-fazeres* socioambientais produzidos nas *redes de conversações* e nas relações de *convivência* e *conveniência* com os manguezais e as escolas. A Ilha das Caieiras acordou fervendo e sentindo o típico cheiro molhado-de-peixe da maré, e por entre as conversas e a aparente normalidade ecoava certo clima

de nervosismo e apreensão, devido à prisão de pescadores da Baía de Vitória, desterritorializando as *práticas do bairro* e aguçando a efervescência das ruas e das casas, chegando também às escolas, que ficaram sem aulas.

A manchete de um jornal dizia: *Pedreiro e vigilante são detidos por pesca ilegal de robalo na Baía de Vitória (26/05/2012)*. Os ecos dessa notícia se espalharam, e moradores ocuparam as duas pistas que ligam a cidade-do-lado-de-lá com a Ilha das Caieiras e a Grande São Pedro, a antiga cidade-sambaquis. A mídia apareceu e fez a cobertura dos fatos, atraindo as atenções para a pescaria nos manguezais. Por que foram presos? Que práticas de pescaria justifica tal atitude? Quais órgãos ou instituições estavam envolvidos nessa ação arbitrária? Como assim, proibi-los de pescar nos manguezais que são sua principal fonte de sobrevivência? Quais redes de poderes e de saberes que desencadearam essas prisões?

No dia seguinte ao episódio da prisão e da ocupação da avenida encontramos com os narradores da maré e conversamos mergulhados no clima de tensão que povoava a rua Felicidade Correia dos Santos. Uma conversa encharcada de gritos, astúcias, poderes, saberes, intrigas e armas. Uma conversa sobre os conflitos e tensões entre os *sujeitos praticantes* nas margens e a guerra de mapas, dissolvendo os pontos de vistas do observador-pesquisador que pratica o campo problemático da pesquisa.

A dissolução do ponto de vista do observador desnatura a realidade do objeto e permite ao pesquisador abrir-se para diversos pontos de vista que habitam uma mesma experiência de realidade, sem que ele se deixe dominar por aqueles que parecem ser verdadeiros em detrimento de outros que parecem falsos. Assim, a dissolução não significa em hipótese alguma o abandono da observação, mas sim a adoção de uma olhar onde não há separação entre o objetivo e subjetivo. Trata-se da contemplação da coemergência sujeito/mundo (PASSOS; EIRADO, 2010, p. 110).

Alguns fios dessa conversa com os *sujeitos praticantes* nas margens e narradores da maré e as relações de tensões e conflitos desencadeados entre eles e os discursos de poderes que protegem as áreas de manguezais, tecidas a seguir:

- *Gente... o que é que aconteceu? Eu vi na televisão...* – comento com certa curiosidade diante do ocorrido.
- *A Polícia Ambiental e o IBAMA, eles começaram a fazer uma fiscalização rigorosa aqui na nossa comunidade.* (Maria Canoa)
- *É... tem gente sendo presa...muita gente sendo presa...* (Beré)
- *A gente tá até estranhando e questionando isso, porque como a gente vai falar: “agora na Ilha das Caieiras, de hoje em diante, não pode mais pescar”!* (Zé Perigo)
- *Pois é... a pesca aqui na ilha é uma arte que vai de geração a geração, só que agora eles falam que tem uma lei de 1985, mas só que na verdade, do começo do ano pra cá que eles estão começando a executar essa lei, e que está prejudicando várias famílias aqui da Ilha das Caieiras e que vivem da pesca.* (Maria Canoa)
- *Nós estamos atrás de uma solução, uma alternativa, inclusive depois que prenderam os pescadores de Inhanguetá, que surgiu essa repressão aqui nossa, os pescadores ficaram nervosos, fizemos uma paralização de uma hora e pouco, para chamar a atenção de algum órgão público, para darem um parecer para nós. Só depois conseguimos conversar com o pessoal do “meio ambiente”, que é a SEMMAM, e também o pessoal do CRAS, mas a pessoa que a gente quer mesmo conversar é com o governador.* (Zé Perigo)
- *Ninguém nunca chegou pra dizer pra comunidade porquê não pescar ou qual o local que ele poderia pescar, todo mundo sempre falava que isso aqui é um berçário, pelo menos eu vivo ouvindo isso lá na escola, toda vez que tem que estudar o manguezal.* (Beré)

Problematizando o acontecimento apresentamos as seguintes questões: ao verem a notícia, o que é fabricado pelos consumidores em geral? De que modo os pescadores reagem e consomem as notícias que os rotulam de predadores dos manguezais? Essas questões envolvem pessoas que vivem às margens, nas margens dos manguezais, sobrevivendo entres esses ecossistemas de transição entre os rios, as matas e o mar.

Os *sujeitos praticantes* nas margens dos manguezais praticam paradoxalmente o Turismo Gastronômico e a pesca predatória para sobreviver, colocando sob

rasura os discursos da sustentabilidade e do mercado verde. Diferentes práticas de sustentabilidades: a dos discursos do mercado verde e a que trata o substantivo enquanto verbo, *sustentabilizar*, apostando no que é produzido nas relações de *convivência* e de *conveniência* nos *domínios de ações* das práticas do bairro.

Expandir, forçar, multiplicar, potencializar a vida e as infinitas e plurais relações socioambientais tecidas por diferentes coletivos (humanos e não-humanos). Nos interstícios, nas porosidades, nas frestas das linhas imperiais do mercado que insistem em colonizar, “esverdear” e planificar sustentavelmente nossas vidas; quem sabe alocar uma EA que teime em criar pensamentos, imagens, práticas repletas do desejo de tornarem vivas e potentes todas as formas não monetárias de vida (GUIMARÃES; SAMPAIO, 2012, p.13).

Assim como os *sujeitos praticantes* foram impedidos de pescar nas margens dos manguezais, os transeuntes também foram impedidos de circular nas vias de acesso para a *cidade-sambaquis*, fazendo funcionar de outra forma a ordem advinda com os argumentos de que estão depredando os manguezais. A comunidade fecha a rua! Tal atitude da comunidade nos indica as apropriações e os usos dos *sujeitos praticantes* diante dos discursos do mercado verde e das elites.

Paradoxos televisivos, midiáticos dos *sujeitos praticantes* nas margens da Baía de Vitória, que,

[...] diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como consumo, que tem como característica suas astúcias, [...] suas piratarias, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável (CERTEAU, 2008, p. 94).

Percebemos com as *redes de conversações* com o praticar o campo problemático da pesquisa que a proteção das áreas de manguezais apresenta marcas de um discurso jurídico de especialistas e peritos, que tentam ensinar e convencer os *sujeitos praticantes* nas margens sobre o que se pode e não se pode pescar. Os ecos da prisão atravessaram a semana e por um tempo a pesca na Baía parou. Os medos movimentaram o lugar. Passada a reunião e as discussões entre peritos, técnicos e pescadores, as vidas manguezeiras

precisam continuar. Os *sujeitos praticantes* se inventam como carpinteiros de si e de seus mundos, nas singularidades das temporalidades e das geografias sentimentais cotidianas.

Nas margens dos manguezais se produz e se traçam políticas-devir, e nas calçadas das ruas estreitas do bairro encontramos com mulheres sentadas em frente às casas, nas sombras da manhã, apoiando seus tabuleiros com os siris cozidos, prontos para serem desfiados, ou camarões ainda frescos para serem descascados.

Essa é uma *prática do bairro* que se atualiza na rua Felicidade Correia dos Santos.

Nas conversas com o linguajar ilhês, aparece, nas primeiras décadas do século XX, a Fábrica de Cal na geografia sentimental nômade do bairro. Uma fábrica manguezeira que pintava os casarios da cidade presépio. E a notícia logo se espalhou! Levas de migrantes em busca de emprego seguem para a ilha-refúgio, conduzindo-a a outros caminhos, diferentes do período de quando a ilha era ocupada por jesuítas e índios catadores de conchas nas suas águas-turvas.

Cena 5 - A Fábrica de Cal Boa Esperança e a ilha-refúgio

– *Tinha mais peixes também?* – pergunto à Zé Perigo como era a pesca antigamente na Ilha das Caieiras.

– *É... mais tem outra coisa também, o mangue pra mim, que era garoto, era mais sacrificado, é problema de mutuca, que você já ouviu falar, problema de maruí, que a gente fica... é um serviço que a gente faz, mas faz um serviço sacrificado, então depois dos quinze, dezesseis anos eu passei a já trabalhar pescando, larguei o problema do cal, da Fábrica de Cal.*

– *Só na fábrica é que se fazia a cal ou as pessoas faziam em casa também?*

– *Não, olha... aqui em Vitória só existia essa fábrica de cal, não era um galpão assim de dez metros nem quinze não, tinha mais de oitenta metros de*

comprimento! Eu sei que quando eles fizeram aquilo eu nem sonhava em nascer!

– Parece que veio de Portugal, as estruturas, as máquinas...

– Veio tudo de lá! As máquinas não eram puxadas à mão. Tinha um tal do besouro, era um motor em cima e um trilho largo. Então existia um português, que era um empregado dos portugueses, donos, né, e era ele que mexia na máquina, nos besouros de levar os negócios pro lado e chegando lá tinha um modo de despejar dentro do forno, e voltava de novo. Tinha o negócio de levar a lenha, que a lenha vai pro bafo, as conchas vão por cima aí, o fogo pegava na lenha, a lenha queimava a concha, ficava de você apertar na mão assim e amassar. E aquilo não é difícil de fazer não porquê, era despejado a quantidade dos montinhos, tipo quando você vai fazer uma laje, bota dois carrinhos de areia, um saco de cimento, e assim sucessivamente. Levava num carrinho a concha já podre, ela já fraca, até na mão você espremia, então puxava a enxada para um lado e para o outro e batia com a pá em cima, vai batendo, vai batendo... e é uma queitura!!! E em pouco tempo, tá a cal! Existia a peneira para peneirar, porquê você bate, mais não bate o suficiente que ficasse aquele pó, aí passava a peneira e aquele que tava mais grosso saía de um lado pra depois bater de novo.

– E daí a cal ia para onde?

– A cal... existia um escritório, ali onde é a Casa Nacional, de vender roupa, ali na descida da Santa Casa. Não sei se você sabe. Então, aonde é a Casa Nacional, ali era um escritório que tinha um dono ali, justamente era esse o dono da fábrica. Ali era um depósito, o dono tinha carro, de pegar a cal aqui e levar pra lá, quando eles estavam bastante ocupados eles alugavam um caminhão. Você já ouviu falar, em José Manoel Lemos de Miranda, o vereador, ex-vereador que já morreu? Ele era filho do velho, o pai dele, vinha também, mas ele é quem ficava lá no escritório..., mas era tudo ensacado, vinte quilos, a cal, mas só tinha essa fábrica.

– Nessa época, os moradores do bairro viviam basicamente do trabalho na fábrica e da pesca?

– A fábrica funcionava ao dia, à noite ela não funcionava, fechava, tinha horário igual ao horário de quem tem uma firma, batia cinco horas da tarde e pronto! A

fábrica tinha porta e tudo, fechava a porteira e pronto, ali não tem mais expediente. No outro dia, sete horas já tinha expediente!

– Aí à noite as pessoas...

– Muita gente trabalhava na fábrica e no mangue, mas eles também não faziam só essa atividade, não todos, mais muitos, quando acabava o serviço lá, saía para pescar.

Conchas-cal que pintaram a bucólica Vila de Vitória e seus casarios antigos. Zé Perigo comentava fatos das infâncias-manguezeiras na Ilha das Caieiras, época em que a Fábrica de Cal se consolidava como oportunidade de trabalho e sobrevivência. Seguem mais alguns fios das infâncias-manguezeiras:

– Eu queria saber do senhor, sobre a época da Fábrica de Cal. O senhor realmente trabalhou na fábrica?

– Cheguei a trabalhar mesmo.

– Como que era a vida de vocês, assim, o dia a dia do senhor, da família, assim, naquela época?

– Eu era garoto... eu trabalhava; eu era garoto e a gente trabalhava no mangue. Então, o que acontece? O negociante ele enfrentava a gente. Eu um garoto de dez anos... ele enfrentava a gente. Assim: “Dou tanto”. Então o pessoal mais velho ia cortando e a gente ia empilhando dentro do mangue. Sabe o que é empilhando? Botando, botando, botando, botando... Quando dava à tarde, a gente vinha embora.

– Botando o quê?

– A lenha. Colocando num lugar, deixava tudo empilhadinho certinho, que a maré não tira madeira verde de dentro do mangue. Aí quando dava maré grandona, que entrava as canoas grandonas, da casa mesmo, da fábrica mesmo, que entrava.

– A fábrica tinha canoa também?

– Tinha tudo. Tudo canoa grandona, Deus me livre... tinha canoa própria, tinha canoa pra concha, existia a lenha que a gente trabalhava nela e tinha o pessoal que trabalhava nas conchas. Porque não era só lenha. Tem a concha.

– Os menores trabalhavam na lenha.

- *É... as canoas menores que iam pra concha. O pessoal tirava a concha. A concha eu nunca tirei. A concha sempre era um pessoal mais adulto, serviço muito pesado né. Aí dentro da água, pra peneirar aquilo ali, tirar a lama. E ir jogando na canoa. Era uma peneira, se chamava peneira. Peneira pra tirar a lama e só joga a concha.*
- *Mas a concha tirava de onde?*
- *Não, a concha era do fundo. Não é fundo que não desse pra gente.*
- *Mas era do fundo do rio mesmo?*
- *É daqui do Lameirão mesmo.*
- *Do Lameirão mesmo... aí enfrentavam vocês, vocês eram menores, né.*
- *É, enfrentava e a gente panhava o dinheiro em compras. Eu, garoto, panhava o dinheiro em compras. Lá, lá, panhava, anotava num sábado, o moço pagava aí o dono da fábrica... pagava e aí a gente ia lá e pagava.*
- *As compras vocês faziam aqui no armazém ali do seu Duca? Era ali mesmo?*
- *Tinha o seu Duca, tinha o finado o Manuel Freire... tinha venda.*
- *Que era o pai dele?*
- *Não, Manéu freire era um dos donos do estabelecimento também.*
- *Que agora é o museu, né.*

As pescarias nos manguezais, a produção da cal na fábrica, o cozinhar, o morar, os pequenos roçados de subsistência e os ofícios de lavadeiras na bica do Sítio do Jacaré: *práticas do bairro* nas vidas cotidianas criando geografias sentimentais nômades dos habitantes locais da Ilha das Caieiras. Na conversa com Zé Perigo percebemos como foi o tempo em que as vidas manguezeiras da Ilha das Caieiras eram organizadas pelas atividades pesqueiras e pelo trabalho na fábrica de cal. Era comum entre as crianças do bairro vender as latas com conchas para a produção da cal.

Até a Fábrica de Cal era manguezeira! Na Ilha das Caieiras, desde criança, o sujeito virava manguezeiro, devir-manguezeiro. Zé Perigo lembra bem dessa época, pois acompanhou os últimos anos dos destemidos Canoeiros do rio Santa Maria, daí seu apelido.

De que modo eram os usos dos espaços praticados pelos antigos habitantes dos manguezais da Baía de Vitória? E quando houve a instalação da Fábrica de Cal Boa Esperança na Ilha das Caieiras, como eram esses usos? E após o fechamento da fábrica, que usos e que práticas do bairro foram se constituindo na Ilha das Caieiras? De que modos são envolvidas as escolas locais e os praticantes dos mundos da lama nas práticas de Educação Ambiental na região?

Os caminhos terrestres e movediços por águas-turvas soam como prenúncios de Educações Ambientais Autopoiéticas encarnadas nas práticas cotidianas do bairro Ilha das Caieiras. E nas geografias dos usos dos manguezais! Há ainda na ilha-capital-capixaba moradores que desconhecem a ilha-refúgio. Refugio-ilha... refugia... mundos da lama e das coletividades vivas e culturais, dão os tons dos movimentos dessa pesquisa em Educação Ambiental com o místico e a arte de (sobre)viver nas marés e com os manguezais da Baía de Vitória.

Os caminhos terrestres e movediços por águas-turvas são prenúncios das múltiplas faces da Educação Ambiental Autopoiética encarnada nas *práticas do bairro*, entre as vidas manguezeiras e nos *saberesfazer*s socioambientais dos cotidianos escolares do bairro Ilha das Caieiras.

Alguns moradores conhecem a Ilha das Caieiras por meio de conversas, reportagens ou fotos, geralmente associando-a com práticas cotidianas pesqueiras locais e principalmente com o Turismo Gastronômico e com a Semana Santa, que, segundo uma desfiadeira, se prolonga por meses!

A rua Felicidade Correia dos Santos é um caldeirão cultural cercada por conversas conectadas com as geografias sentimentais do mundo da lama e atravessadas por diferentes temporalidades e geografias, como, por exemplo, a maré, o morar, as pescarias e as artes de cozinhar, embaladas por diferentes ritmos: das coletividades vivas do manguezal, das andadas dos caranguejos, da supervalorização do Turismo Gastronômico na região e das Semanas Santas. Conversando com Badejo e Zé Perigo sobre as andadas, eles desabafam:

– Quando anda... aí, rapaz, vira bagunça... a fiscalização aí é muito pouca, não fiscaliza direito. Então sai muito caranguejo daí de dentro de mangue, pessoal pega... gente de tudo quanto é lugar que vem tá... de noite é carro, é lancha, é barco que fica passando aí. É uma destruição... Tão destruindo o manguezal.
(Badejo)

– O caranguejo tá acabando... não existe mais caranguejo, não! Esse ano não andou metade do que foi o ano passado... quando andava, andava geral... até na rua andava caranguejo. Antigamente você pegava caranguejo na andada, na mão, hoje, você vai pegar caranguejo na andada você tem que enfiar a mão no buraco... não existe mais caranguejo aqui na baía. (Zé Perigo)

As águas-turvas da baía inventam cotidianos e Educações Ambientais Autopoiéticas em fluxos e experiências! As águas que modelam corpos criam enlaces com as vidas cotidianas com as marés e com as interfaces místicas e sagradas das artes de cozinhar, morar, pescar, comercializar, pois, como afirma Maria Canoa: *o siri tem que existir né, porque sem o siri nós não somos nada, não somos ninguém... o siri é a única pescaria que não deveria ser proibida.*

Nos passeios de barco pelas trilhas de bosques de manguezais da baía e por entre suas margens, encontramos Badejo pescando sururu, numa região conhecida por coroa. *Sujeitos praticantes* autopoiéticos nas margens e mergulhados na oficina do viver e nos ventos-de-travessias com suas canoas sem remo nem quilha! Pescamos uma conversa com Badejo durante a pescaria de sururu. O dia estava ensolarado. Era início de Semana Santa e passeávamos de barco. Duas baiteiras: Zé Perigo, Beré e Badejo. Neste dia conheci Badejo que me explicou como faz para pescar o sururu.

– É difícil... tem que ficar debaixo do sol, levantando e abaixando a caixa pra tirar a lama... Dá a “febre-do-sururu”... Você acha que eu tenho quantos anos? Olhando pra mim parece que tenho uns 80, mas só tenho 50 anos! Desde 8 anos que eu faço isso... criei meus 11 filhos assim e não quero isso pra eles!”
(Badejo)

A pesca de sururu pode até ser sustentável, mas e as vidas dos catadores de sururus? Beré nos ajuda a problematizar a sustentabilidade dos discursos do mercado verde e a sustentabilidade das relações e experiências produzidas com as práticas do bairro com os manguezais.

– *É..., mas sururu é um negócio assim, muito cansativo. Você tira lá da lama, aí chega aqui tem que limpar um por um, lavar, ferver, tirar um por um, embalar. E ele é um produto muito desvalorizado, as pessoas dão muito pouco valor a ele.*
(Beré)

Numa conversa com Jereré, funcionário de restaurante e estudante de uma escola da região, pergunto sobre o comércio de peixes e crustáceos na Semana Santa e sobre o Turismo Gastronômico.

– *Aqui na Ilha a pesca explorada mesmo é do siri, porque os restaurantes aqui, a tradição é a casquinha de siri. O sururu, assim... ele é aceito, mas nem tanto quanto o siri..., ele dá mais trabalho do que o siri, e ele não tem tanto valor que o siri. A Semana Santa foi muito boa... graças a Deus, e tomara que no próximo ano seja melhor ainda.* (Jereré).

Na região turística inventada com a criação de áreas de preservação e com o desenvolvimento do Turismo Gastronômico são tecidas produções discursivas com o dispositivo da sustentabilidade, inventando uma espacialização, um mapa-imagem de um lugar que está naturalmente escondido aos olhos da cidade do lado de lá. Nossa aposta foi apresentarmos a política cognitiva e de narratividade ancorada nas relações, nas experiências, nas invenções de si e de mundos, nos territórios existenciais, nos conflitos, desejos e afetos com os manguezais.

Com os *sujeitos praticantes* nas margens e com o campo problemático da pesquisa e diante das experiências com o Turismo Gastronômico, a Semana Santa e as *práticas do bairro* nos aproximamos dos territórios existenciais e dos conflitos que negam a *convivência* amorosa entre as coletividades vivas e não-vivas do mundo da lama.





TORTA CAPIXABA

Ingredientes

*Cebola, alho, azeite doce, azeitona, limão, coentro, cebolinha verde,
tomate a gosto
½kg de palmito natural previamente cozido
200 g de siri desfiado e cozido
200 g de caranguejo desfiado e cozido
200 g de camarão cozido
200 g de ostra cozida
200 g de sururu cozido
200 g de badejo desfiado e cozido
500 g de bacalhau desfiado e cozido*



4. MERGULHOS COM OS COTIDIANOS ESCOLARES DA ILHA DAS CAIEIRAS

*Quando o menino disse que queria passar para as palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.
Manoel de Barros*



4.1. SABERESFAZERES SOCIOAMBIENTAIS DOS SUJEITOS PRATICANTES NAS MARGENS DOS COTIDIANOS ESCOLARES DA ILHA DAS CAIEIRAS

*O menino foi andando na beira do rio
e achou um voz sem boca.
Manoel de Barros*

Mergulhamos e pousamos nos cotidianos de duas escolas do bairro Ilha das Caieiras. Neste capítulo, apresentamos andanças e movimentos com os cotidianos escolares da região por meio das *redes de conversações* e desencadeamentos com as oficinas de mapas, com as aulas de campo no bairro Ilha das Caieiras e outros movimentos praticados nos mergulhos com os múltiplos cotidianos escolares banhados pela Região Administrativa da Grande São Pedro¹², localizada na Baía Noroeste de Vitória, compreendendo 10 bairros: Condusa, Conquista, Ilha das Caieiras, Nova Palestina, Redenção, Resistência, São José, Santo André, São Pedro e Santos Reis, perfazendo uma área de aproximadamente 3.600.782 m².

¹² Região Noroeste da Baía de Vitória com destaque para o Bairro da “Grande São Pedro”.
Fonte: http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/dados_regiao/regiao_7/regiao7.asp.



Segundo a resolução nº 303 de 2002 do CONAMA, que regulamenta a lei nº 4.771/1965 do Código Florestal Brasileiro, os manguezais são Áreas de Proteção Permanente, e muitas são também as Unidades de Conservação em áreas de manguezais, sendo que o manguezal da Baía de Vitória apresenta cerca de 3.300 hectares, compondo as microbacias dos rios Aribiri, Bubu, Itanguá, Marinho e Santa Maria da Vitória, compondo a mais extensa área de manguezais do Espírito Santo e com algumas Unidades de Conservação (IPEMA, 2010).

No contexto jurídico dos manguezais da Baía de Vitória encontramos pistas que anunciam uma região de conflitos econômicos e culturais, pois os documentos legais afirmam ser proibido qualquer tipo de pesca de arrasto nos canais da Baía de Vitória (VITÓRIA, 1989), como é o caso do Decreto Municipal nº 8.060/1989. No final da década de 1970, foram surgindo os bairros da Região da Grande São Pedro a partir da ocupação e urbanização do lixão da cidade e da invasão de áreas de manguezais, sendo que, nas décadas seguintes, intensificaram-se os investimentos em urbanização e preservação ambiental.

Os cotidianos escolares da pesquisa são praticados pelos meninos-e-meninas-da-baía-de-Vitória, que carregam águas nas peneiras e peixes nos bolsos. São estudantes que também frequentam os manguezais e conhecem as práticas de pescarias, os utensílios, os tipos de embarcação, as técnicas de remar, os movimentos das marés, os tipos de peixes e crustáceos, as receitas, o comércio. Sabem e vivem as regras de *convivências* e de *conveniências* que atravessam a vida cotidiana da Ilha das Caieiras, com graus de parentescos e modos de organização das tarefas familiares durante as Semanas Santas.

Com os mergulhos nos cotidianos escolares capturamos os *saberesfazeres* socioambientais e molhados-de-peixe dos meninos-da-baía-de-Vitória do bairroescola. *Saberesfazeres* praticados, narrados, inventados, vividos e negociados nos espaçostempos escolares e na oficina do viver na Ilha das Caieiras, em *redes de conversações* cotidianas com as *práticas do bairro*, coengendradas com a autoprodução de si mesmos com os manguezais, constituindo movimentos de uma Educação Ambiental Autopoiética que acontece com as temporalidades do caos do mundo da lama.

As abordagens metodológicas e as aproximações com os cotidianos escolares da Ilha das Caieiras apresentadas neste tópico foram traçadas em diferentes temporalidades, sendo que este tópico inicial¹³ refere-se aos acompanhamentos e realizações de práticas em Educação Ambiental propostas aos cotidianos escolares, no primeiro semestre de 2011, ainda nos primeiros movimentos dos horizontes do Doutorado e das aproximações e “zooks” com as escolas da região.

Nossa aposta na política cognitiva e de narratividade com os narradores da maré emergiu com as *redes de conversações* nos encontros com os grupos de pesquisa, nos anos de 2011, 2012 e 2013, e com as expressões, movimentos, conflitos, tensões e afetos produzidos no praticar o campo problemático da

¹³ As problematizações e produções que compõem este tópico fazem parte do artigo publicado na Revista Eletrônica do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação Ambiental da FURG. ISSN 1517-1256, v. 29, julho a dezembro de 2012.

pesquisa, os quais, juntamente com as leituras e encontros com grupos de pesquisas no Doutorado, contribuíram para pensarmos na Educação Ambiental Autopoiética apresentada nesta tese.

Acompanhamos a Semana Santa do ano de 2011 e procuramos uma escola municipal local para organizarmos práticas em Educação Ambiental com os estudantes. Pousamos na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Francisco Lacerda de Aguiar (FLA), localizada na Ilha das Caieiras. No blog da escola encontramos o fragmento abaixo apresentando a criação da escola:

Início de 1983. Em meio ao abandono do poder público, às cores e cheiros da pobreza e do lixo, o povo de São Pedro deu um grito. O direito à educação, até então negado àquela comunidade de Vitória, seria garantido, mesmo que na marra.

Lutaram, fizeram manifestações, reivindicaram junto à prefeitura, mas parecia que, para os engratados, quem dividia espaço com maruís e caranguejos em meio à lama do mangue não precisava ou não devia estudar.

A saída encontrada pela comunidade, então, foi construir com suas próprias mãos aquilo com que há anos sonhava: uma escola. Não uma escola nos moldes que nós leigos conhecemos, com o conhecimento que já vem formatado por Brasília, ideologizado por europeus e americanos. Não uma escola em que serventes e porteiros devem se colocar “em seu devido lugar”, alunos são tratados como “criancinhas irresponsáveis” e professores são submetidos aos caprichos da diretoria. A escola seria única e, quem sabe, não fosse a primeira de muitas.

[...]

Uma Comissão de Educação foi formada e começou a estudar como seria a proposta pedagógica do colégio. Buscavam-se nas obras de Paulo Freire teorias que poderiam se tornar práticas. Em constantes reuniões as teorias eram levadas pela Comissão à comunidade, enquanto essa explicava como queria a escola.

[...]

Quando se deram conta, mesmo antes de terem definido todas as normas propostas, dois cômodos da singela sede do Movimento Comunitário haviam se tornado salas de aula. Moradores tinham construído bancos, quadros e todas as coisas minimamente necessárias para as aulas. Mães com alguma experiência em educação se tornaram professoras, e alunos já estavam matriculados na Escola Grito do Povo, nome definido pelos próprios moradores.

[...]

Em outubro, quando o novo prédio finalmente ficou pronto, a política educacional planejada e administrada pela comunidade foi cedendo espaço à política pedagógica e administrativa da prefeitura. O nome Grito do Povo foi substituído por Francisco Lacerda de Aguiar, um ex-político capixaba. Outras tantas mudanças vieram, mas o DNA de

luta, fé e união permaneceu vivo em cada célula do povo de São Pedro (Blog da EMEF).

Procuramos a escola FLA para conversarmos e apresentarmos nossos desejos em realizar atividades relacionadas aos manguezais, envolvendo os filhos e filhas, netos e netas de pescadores, desfiadeiras de siris, catadores de caranguejos, ou seja, dos *sujeitos praticantes* nas margens e narradores das marés dos manguezais da Baía de Vitória. As escolas e o bairro Ilha das Caieiras são constantemente convidados e/ou envolvidos em projetos e campanhas que são promovidos pelas comunidades, organizações não-governamentais, secretarias e instituições privadas, com foco no turismo, na preservação ambiental e nas pesquisas em Educação Ambiental.

Nos encontros com a escola FLA, realizamos práticas em Educação Ambiental com um grupo de 12 estudantes que manifestaram ser de famílias de pescadores, catadores de caranguejo, desfiadeiras de siri. Os encontros ocorreram nos espaços do auditório da escola, e as atividades envolveram temas relacionados aos ecossistemas da Ilha de Vitória, aos manguezais da Baía de Vitória e à Ilha das Caieiras. Seguem trechos de conversas com os estudantes indicando os movimentos da Educação Ambiental Autopoiética com os graus de parentescos, afetos e de *convivência* com a vida cotidiana do bairro Ilha das Caieiras e com as artes de narrar, pescar e cozinhar:

- *Moro na Ilha, desde os dois anos de idade e tenho 11 anos e meu pai é pescador e catador de caranguejo. Ele pesca desde os 12 anos, hoje tem 51 anos.*
- *Moro na Ilha das Caieiras desde quando eu nasci. Minha avó e minhas tias desfiam siri e o meu tio é pescador.*
- *Vim para a Ilha com dois anos porque antigamente meu pai morava em Cariacica.*
- *Moro na Ilha desde que nasci e tenho dois tios pescadores.*
- *Meu avô era pescador e catador de caranguejo.*
- *Minha avó, minha mãe e minha tia são desfiadeiras.*
- *Minha tia e minha prima desfiam siri e meu tio é pescador.*

– Sempre vivi na Ilha... meu pai é pescador e minha mãe é professora e também desfia.

Nos encontros com os estudantes explicamos as práticas em Educação Ambiental que seriam realizadas e conversamos sobre as atividades pesqueiras na Baía de Vitória, trazendo à conversa temas sobre: os materiais utilizados na pesca, os locais de pescaria, os conflitos e as mudanças que eles percebiam na paisagem do bairro.

Nesse encontro foi possível criar um ambiente de conversas sobre os *saberes-fazer*s socioambientais relacionados aos processos de urbanização dos manguezais da região, que nos indicaram os movimentos da Educação Ambiental Autopoiética produzida com as artes de narrar e as relações de *convivência* na vida coletiva do bairro Ilha das Caieiras.

– A Ilha era um lixão... tudo era mangue, barracos e tinha pesca também. Era tudo poluído. Tinha mais siris, peixes e camarões, peixe arraia e até golfinho. Me lembro que aqui era tudo lixo.

– Antigamente meu avô falava que nos manguezais de Cariacica tinha muito camarão. Perto de onde tira sururu tinha muitos cardumes de “virote”, e que em 2009, meu pai pegou 240 kg de robalo.

– É, os lugares que ainda existem mangue são para os lados de Cariacica.

– Antigamente Vitória era uma ilha que foi um lixão... antes muitos pescadores pescavam muito mais, aí, com o tempo, os peixes foram diminuindo.

– São Pedro antigamente era um manguezal. Existiam muitas casas dentro da maré e hoje é um bairro que habitam muitas pessoas. Hoje não existem mais casas na água, mas antes, alagava tudo, e hoje não alaga mais por que hoje existe o píer. Mudou muitas coisas... muitas pessoas pescam nele jogando redes.

– Não sei muita coisa porque eu nunca me interessei por isso... acho legal mais nunca me interessei, nem nunca me contaram nada sobre como era antigamente, e nem como é hoje. Minha avó disse, que agora onde é o Parque Baía Noroeste, antigamente era o “Chiqueirão”, era um mangue que se pegava bastante caranguejos.

- São Pedro já foi um mangue!
- Onde existe o píer era manguezal... onde tinha muitos peixes, caranguejos, camarão e siri.
- Do lado do Campo do Racing era tudo manguezal... hoje acabou tudo.
- Eu sei que antigamente, na Ilha das Caieiras, tinha mais produção de pesca. Antigamente tinha mais caranguejo, siri, ostra, camarão... A Ilha das Caieiras era muito poluído... agora melhorou porque antigamente tinha poluição. Não tinha parque... a única coisa que tinha era mangue e pedra... mas é triste por que hoje piorou.

Continuávamos a nos reunir no auditório da escola para organizarmos rodas de conversas e exibição de vídeos sobre a Ilha das Caieiras e a Baía de Vitória, como, por exemplo, os vídeos *Mangue e Tal e Espera Maré*, ambos elaborados pelo Instituto Marlim Azul e que abordam os manguezais de Vitória e as vidas manguezeiras dos *sujeitos praticantes* nas margens. Alguns vídeos mostravam pessoas conhecidas pelos estudantes, o que animou ainda mais o encontro. Os vídeos e as conversas afetaram e inquietaram os estudantes que relataram os *saberes-fazer*es socioambientais relacionados às artes de pescar na Ilha das Caieiras. Seguem suas falas-conversas.

- Hoje tudo mudou porque muitas pessoas não usam mais vara de bambu e nem anzóis.
- Eu não pesco sururu não... meu pai pega lá na “coroa”... dentro da maré! Eu ajudo é guardando na canoa.
- Eu gosto de pescar no píer, dentro da canoa e dos barcos que ficam parados.
- Eu sei que é em frente à Ilha do Gaspar onde tira sururu.
- É, cardume tem de todo lado.
- A gente pesca do mesmo jeito que antes. Arrasto de “balão”.
- Tem a pesca do “balão” que sai pegando tudo.
- Antes meu avô pescava aqui mesmo, agora ele vai mais longe e demora mais tempo.
- Tem o “pesqueiro” que lá da prá pegar robalo com vara, e tem também outros peixes lá no “pesqueiro”.

- *Eu sei que aonde pega muito peixe é na “Ilha dos Pescadores” e também bastante siri, por que o meu tio sai para pescar e no outro dia ele volta com três ou quatro caixas de siris.*
- *Antigamente eu sei que eles usavam um instrumento parecido com o jereréu.*
- *Tem o “iscaião”... é uma ilha que pescam muito siri lá.*
- *Siri eu sei pescar. Vou na canoa e fico remando de lá pra cá e jogando o jereréu... bem no rasiño mesmo.*

Conversas problematizadoras diante dos discursos oficiais que proíbem a pesca na Baía de Vitória e que, paradoxalmente, instauram o Turismo Gastronômico na geografia das águas da Baía de Vitória, interferindo nas *práticas do bairro* Ilha das Caieiras e nas regras de *convivência* e de *conveniência* com os manguezais. Conversas e artes de narrar que trazem pistas das estratégias e táticas dos *sujeitos praticantes* nas margens, colocando *entre parênteses* o sentido de sustentabilidade que é atribuído pelos discursos midiáticos do Turismo Gastronômico da região, fazendo emergir as relações de conflitos e de tensões criadas entre os próprios pescadores e entre eles e a fiscalização ambiental.

O narrar, morar, pescar e cozinhar na Ilha das Caieiras com os *sujeitos praticantes* e estudantes da escola foram tecidos com as *redes de conversações* sobre histórias, lendas e memórias da Ilha das Caieiras, que foram registradas em textos escritos, suscitando a realização de uma oficina de mapas sobre as práticas de pescarias na Ilha das Caieiras.

A ideia da oficina de mapas com foco nos *saberesfazeres* das artes de pescar surgiu nesses encontros com os estudantes e a partir da exibição do vídeo sobre o projeto *Nova Cartografia Social da Amazônia*, que apresenta os pesquisadores do projeto comentando como foram produzidos os mapas comunitários. Diante desses movimentos com as *redes de conversações* nossa aposta metodológica foi se constituindo, sendo possível acompanhar e cartografar os *saberesfazeres* socioambientais dos estudantes e *sujeitos praticantes* nas margens e os movimentos das Educações Ambientais

Autopoiéticas tecidas coletivamente em suas relações de *convivência* e de *conveniência* com os manguezais e a vida cotidiana do bairro Ilha das Caieiras.

Continuamos nossos encontros com o grupo de estudantes que elaboraram as suas cartografias apresentando e localizando os *saberesfazer*s socioambientais praticados sobre os territórios de pescas e os utensílios utilizados nos diferentes tipos de pescarias, sendo que, após a elaboração dos mapas, os estudantes produziram textos dessas cartografias, assim como movimentos de conversas, em que os meninos-da-baía-de-Vitória abordaram as experiências vividas nas redes cotidianas escolares e nas relações parentais e comunitárias, deixando transparecer suas regras de *convivência* e de *conveniência* com as coletividades vivas dos manguezais.

Como forma de dispositivos para as feitura das cartografias, os estudantes dispunham de diferentes mapas produzidos com imagens do *Google Maps*, disparando *redes de conversações* e produção de conhecimentos a partir dos *saberesfazer*s socioambientais que eles manifestavam no ato de produção das oficinas de mapas.

Utilizamos diferentes mapas em escalas também diferentes, nos quais a região da Ilha das Caieiras e demais proximidades estão em destaque (Apêndice A e B), e, outra, em escala menor, indicando a Ilha de Vitória (ilha e continente) e a Baía de Vitória, sendo que as imagens permitiam que os estudantes apresentassem, em temporalidades diferentes, as dinâmicas nas atividades pesqueiras na Baía de Vitória.

Os mapas impressos e vídeos movimentaram os mapas-móveis e existenciais dos *sujeitos praticantes* das margens e narradores da maré, com as *redes de conversações* de *saberesfazer*s socioambientais das práticas de pesca, desterritorializando o pensamento e emergindo aprendizagens autopoiéticas, problematizando as noções de sustentabilidade produzidas nas relações e nos conflitos da vida cotidiana, e que alargam os discursos do mercado verde ao tratar essa noção como algo externo e comercial.

Nesses encontros com os estudantes apresentamos os kits de materiais (bases cartográficas, lápis, borracha e lápis de cor) e as informações contidas nos mapas. Comentamos também que conversariamos sobre as práticas cotidianas de pesca. Mesmo com perguntas previamente pensadas para as conversas, garantimos o movimento ontológico e biológico dos seres humanos de se deixar fluir nos entrelaçamentos do *emocionar* com o *linguajar* que ocorrem nas conversas, no fazer humano e nas experiências da vida cotidiana.

Durante a oficina de mapas, os estudantes foram envolvidos pelas *redes de conversações* e as artes de narrar os *saberes-fazer*s socioambientais e os nomadismos da paisagem e das atividades pesqueiras. Quanto às mudanças na paisagem, no bairro, na pesca e nos manguezais, os estudantes comentaram:

– *O manguezal está sujo porque sempre que vem peixe, vem lixo também, que tem que ser separado para jogar fora.*

– *Antigamente tinha muito mangue, algumas pedras, lixão. Pegava muito, mas teve uma época que teve que parar de pegar, depois voltou.*

– *Antigamente pegava mais peixe e caranguejo. Meu Tio já passou dificuldade por causa da Andada.*

– *Antigamente tinha mais os peixes, muito caranguejo. Nas marés tinha muito peixe. Hoje diminuiu. Acho que o “balão arrastando” que acabou com tudo.*

– *O manguezal não dava pra pescar direito. Era muito sujo, muita lama. Hoje já não está muito sujo. É poluído, já achei tubo de televisão e peça de geladeira e meu amigo já cortou o pé nadando na maré.*

– *Antigamente era tudo alagado, com barracos e a pesca era muito fácil. Tinha muitos barracos e muito lixo. Hoje tá muito melhor... casas, ficou melhor porque não tem mais lixo.*

– *Era um lixão, tudo barraco, tudo água, dava muito caranguejo e peixe. Hoje está melhor, tem mais peixe ainda.*

– *O bairro está melhor, com mais casas, porque antigamente era manguezal puro e barracos. Antigamente era melhor porque dava mais peixe.*

– *Antigamente a Ilha era um lixão, depois aterraram, foram colocando casas de madeira. Tinha muito peixe e a maré era mais limpa... eu já tentei desfiar siri*

mas é difícil... e o manguezal está muito sujo, com sacola e tudo o que você imagina, e é o próprio pessoal do bairro que suja.

– Antigamente o bairro tinha menos gente, o mangue tinha menos esgoto. Antigamente moravam em barraquinhos, era tudo lama e tinha umas madeiras que eles faziam de rampa para andar por cima. Tinha muito manguezal, a pesca era de pegar caranguejo com redinha no buraco. Hoje... pra pegar caranguejo, tem que enfiar a mão no buraco,... e a pesca dos peixes, camarão, siri, é tudo de “balão”.

Com as cartografias produzidas pelos estudantes, capturamos os *saberes-fazer*s socioambientais que atravessam as artes de pescar e seus territórios, além dos diferentes instrumentos e práticas de pescaria, como por exemplo, as pescarias com *balão, tarrafa, rede de arrasto, jereréu, anzol, redinha, litro, malho, puçá*, incluindo também a *catação manual, a vara profissional, as iscas profissionais, as iscas de camarão, as varas de bambu, e a linha-e-vara*. Dentre pescados destacados pelos *sujeitos praticantes* nas margens e narradores da maré, destacaram-se: o siri, caranguejo, camarão e peixe.

Com esses *saberes-fazer*s socioambientais pudemos problematizar os usos predatórios e sustentáveis de pescarias e a própria condição social em que se encontram os pescadores da Ilha das Caieiras, os quais, para sobreviverem e garantirem suas sustentabilidades enquanto famílias, apelam para práticas predatórias, como é o caso dos catadores de caranguejos que continuam a adotar o uso das redinhas.

De acordo com Alves (2004), a “redinha” foi introduzida no Espírito Santo na década de 1980, possibilitando maior produtividade e atendendo a necessidade dos caranguejeiros, que recebiam pouco dos atravessadores pela dúzia de caranguejos. Nessa técnica de captura não há seleção de indivíduos, por isso filhotes e fêmeas ovadas são capturados junto com os machos adultos, sendo que também pode acontecer do catador não voltar para retirar as “redinhas”, ou demorar muito tempo para voltar, causando a morte de caranguejos e outros animais que, porventura, foram capturados na armadilha.

Muitos dos instrumentos de pesca citados pelos estudantes, como balão e rede de arrasto, são utilizados em práticas de pesca predatória, prejudiciais ao ecossistema, por não fazerem a seleção nem das espécies nem do tamanho dos espécimes, capturando desde indivíduos juvenis até peixes não-comerciais, que são descartados posteriormente. Tais práticas criam conflitos entre os próprios pescadores e entre eles e a fiscalização ambiental, na medida em que muitos destes pescadores agem de maneira ilegal para garantir a sobrevivência da família.

As cartografias produzidas na escola com as oficinas de mapas, juntamente com os textos e com as conversas entre os estudantes nos encontros com os *sujeitos praticantes*, possibilitaram nosso exercício de problematizar os *saberesfazer*es socioambientais envolvendo as práticas cotidianas de pesca na Ilha das Caieiras, na medida em que esses *saberesfazer*es indicam, movimentos de resistência e de (re)existências dos *sujeitos praticantes* das margens em suas relações de *convivência* e *conveniência* diante da guerra de mapas entre as áreas de preservação ambiental, os manguezais e as *práticas do bairro* Ilha das Caieiras.

Com a problematização dos *saberesfazer*es socioambientais que envolvem as artes de pescar, acompanhamos movimentos que indicam invenções geográficas cotidianas que se atualizam, desenhando vidas, outros *saberesfazer*es, sabores e poderes. O bairro é uma escola, uma oficina do viver e do fazer entremeada com uma Educação Ambiental Autopoiética que se produz nas relações, nos conflitos, nas redes, nos processos da vida cotidiana, configurando um *bairroescola* ou *escolabairro*, que se fundem... com-fundem.

Outra prática que emergiu nas *oficinas de mapas*, nas conversas e nos encontros com os estudantes foi um relato de que há um desrespeito, pelos moradores locais e catadores, aos períodos de andada e defeso, quando fica proibida a cata, coleta e comercialização do caranguejo. Apesar de eles não estarem familiarizados com os termos andada e defeso, demonstram saber que existe um período de proibição da cata.

Os períodos de andada e defeso do caranguejo no Estado do Espírito Santo para o ano de 2011 foram oficializados pela Instrução Normativa 02 de 2011, do Ministério de Aquicultura e Pesca e do Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2011), quando fica proibida a cata e a comercialização. Os períodos de andadas ocorreram, em 2011, nos meses de janeiro (18 a 24), fevereiro (17 a 23), março (18 a 24) e abril (17 a 23). Já o defeso, que se refere à época de mudança da carapaça, ocorreu, em 2011, nas épocas de 1º de outubro a 30 de novembro para os machos, e de 1º de outubro a 31 de dezembro para as fêmeas. Voltando a dizer: os caranguejos não se deixam capitalizar pelo tempo *chrónos* dos calendários oficiais dos órgãos ambientais. Os caranguejos são rizomas!

Sobre o período de andada e defeso do caranguejo, uma estudante evidenciou que, além de conhecer a existência desses períodos de proibição, viveu uma experiência familiar devido ao descumprimento dessa lei: *Meu pai até já foi pego.*

Capturamos nos movimentos das conversas pistas de uma estreita relação entre o desrespeito à lei e a sobrevivência dos catadores, ou seja, eles só desrespeitam porque sobrevivem dessa prática. Por causa disso, há um programa da Prefeitura de Vitória para auxílio aos catadores, que contempla inclusive um dos parentes dos estudantes que participaram da oficina de mapas. A estudante acima conhece o período porque o tio se beneficia com a Lei Municipal 7.971, de 22 de julho de 2010 (VITÓRIA, 2010), que concede um benefício de R\$ 1.530,00 aos catadores, cuja principal fonte de renda seja a cata de caranguejo. “– *Meu Tio, eu sei que ele recebe o benefício nessa época*” – comentou outra estudante.

Há também nas conversas pistas de respeito à legislação ambiental, como no caso da fala de um dos estudantes: “– *Meu Tio também já passou dificuldade porque não cata durante os períodos de proibição*”. Outros catadores, durante a andada e o defeso, encontram alternativas na pesca de outros recursos, como no caso de um pai de uma estudante: *Quando não pode pegar caranguejo eu sei que ele pesca siri, peixe e sururu.*

Há evidências de que há uma fiscalização na região da Ilha das Caieiras em relação à cata de caranguejo, principalmente nas andadas e nos defesos, conforme relata a estudante:

– Vai lá o pessoal do IBAMA para ver se confiscou mesmo (...) camarão, siri e caranguejo que é principal lá, principalmente nessa época, principalmente do caranguejo, que é muito raro né, então nessa época de reprodução que o pessoal cata mesmo.

Mesmo havendo ações de Educação Ambiental e projetos envolvendo os catadores de a necessidade de se respeitar os períodos de andada e defeso para a manutenção das populações de caranguejo, ainda há evidências do desrespeito à lei. Além disso, os catadores que não exercem a atividade durante os períodos de proibição, assim o fazem por temerem a fiscalização do IBAMA.

Esse contexto configura tensões de uma guerra de mapas marcada por áreas de preservação ambiental e por territórios de pesca praticados pelas comunidades pesqueiras locais, atingindo diretamente as vidas das famílias que se organizam nas atividades de comercialização e pesca de caranguejos, peixes e siris, que servirão a uma classe média ávida a degustar essas iguarias da culinária local.

Outro aspecto evidente com as oficinas de mapas relaciona-se às coletividades vivas que habitam e frequentam os manguezais da Baía de Vitória: peixes, caranguejos, siris e camarões. Foram evidentes nas oficinas de mapas e nas conversas as preferências entre determinados peixes e crustáceos, bem como os lugares em que eles são facilmente capturados. Além disso, nas conversas e nos textos livres produzidos, os estudantes apontaram mudanças na disponibilidade dos pescados na atualidade, tanto na Ilha das Caieiras quanto na Baía de Vitória como um todo, emergindo pistas para problematizarmos as relações de *conveniência* praticadas entre os *sujeitos praticantes* nas margens e os manguezais.

A maioria dos estudantes relatou impactos na atividade pesqueira ao longo do tempo, principalmente por ouvirem e viverem tais impactos em suas famílias. Essa experiência é relatada por uma das estudantes que comenta: “– Eu sei que antigamente na Ilha das Caieiras tinha mais produção de pesca: caranguejo, siri, ostra, camarão e etc.”.

Capturamos também conversas e textos escritos de estudantes que apontam melhorias e crescimentos na quantidade de pescados, podendo tais relatos estar associados com as práticas pesqueiras predatórias, ou seja, com o avanço de técnicas é possível pescar uma maior quantidade, o que não quer dizer que o habitat esteja em equilíbrio.

Analisando de forma geral os *saberesfazeres* socioambientais sobre as pescarias na Ilha das Caieiras produzidos nos encontros, nas conversas, nos mapas e nos textos escritos dos estudantes, fica evidente a necessidade crescente de as atividades pesqueiras se distanciarem da linha de costa do bairro, indo além da Baía Noroeste de Vitória e com uma aproximação das áreas de manguezais do município de Cariacica, como podemos perceber na fala do estudante: “– Antigamente os pescadores pescavam mais perto da terra, mas hoje em dia tem que pescar mais para fora e demora mais tempo”. Outro estudante também comenta: “– Os lugares que ainda existem mangue são para os lados de Cariacica”.

Nas oficinas de mapas, os estudantes reforçaram que a Baía Noroeste de Vitória e a Ilha das Caieiras são lugares de intensa atividade pesqueira, embora alguns poucos estudantes tenham relatado a pesca perto dos bairros Santo Antônio, Ilha do Príncipe e Praia do Canto, além da Praia de Camburi. A dinâmica mais marcante em relação às atividades pesqueiras na Ilha das Caieiras foi a alteração dos locais de pesca para regiões mais distantes da Ilha, o que tornou a pesca mais trabalhosa. Na opinião dos estudantes, não houve muita alteração em relação aos instrumentos de pesca utilizados. Relataram também que a melhoria na infraestrutura do bairro influenciou positivamente a pesca, já que antes a existência de lixo nesse local acabava por poluir também o manguezal e a baía.

Uma noção compartilhada entre os estudantes em relação ao manguezal foi associá-lo a uma época em que a urbanização do bairro ainda não tinha se consolidado. Quando perguntados sobre como era o bairro antigamente, considerando a qualidade de vida da comunidade, eles diziam que era pior, pois tinha manguezal, lixo e casas de palafita, provavelmente por associarem o manguezal como sinônimo de sujeira. Assim, para os estudantes, o manguezal é um fator limitador à urbanização da Ilha das Caieiras.

De forma geral, o que foi percebido é que o manguezal tem muitas influências nas artes de pescar cotidianas da comunidade e que ao longo do tempo os aterros foram diminuindo as áreas de manguezais próximas à Ilha das Caieiras; desse modo, a solução encontrada por esses pescadores foi explorar também manguezais distantes da Baía Noroeste de Vitória.

A oficina de mapas e os encontros que ela proporcionou foram fundamentais no processo de pesquisa, pois, mais que o “produto”, os mapas, as conversas, os afetos e os encontros suscitaram problematizações que tecemos acerca da Educação Ambiental Autopoiética que acontece nas margens, nas práticas cotidianas, nas relações e com as artes de narrar das *redes de conversações* entre os *sujeitos praticantes* nas margens dos manguezais da Baía de Vitória.

Assim, desde o primeiro encontro surgiram curiosidades em relação aos *saberesfazeres* socioambientais dos estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Lacerda de Aguiar em relação às atividades pesqueiras desenvolvidas na Ilha das Caieiras, visto que a escola se localiza nas imediações do bairro Ilha das Caieiras, tendo vários estudantes que são moradores do bairro e que têm alguma relação familiar com os *sujeitos praticantes* nas margens da Baía de Vitória.

Com as atividades propostas, encontramos pistas que nos ajudaram a problematizar a Educação Ambiental produzidas com os *saberesfazeres* socioambientais dos estudantes, evidenciando assim uma Educação Ambiental Autopoiética que acontece e que é produzida, criada, praticada, narrada e vivida, tanto nas relações comunitárias e parentais, como também nas redes

cotidianas escolares. A escola, o bairro e os manguezais se fundem, se atravessam e conversam entre si, sem um modelo ou uma receita advinda de uma Educação Ambiental prescritiva, mas com *saberes-fazer*es, poderes e desejos que se dão nas relações e que emergem nas *redes de conversações*, nos encontros, nos conflitos e nas tensões.

Como constatado e discutido ao longo do capítulo, é intensa a atividade pesqueira na Baía Noroeste de Vitória, principalmente nas Unidades de Conservação dos manguezais. Dada a sua classificação como Estação Ecológica Municipal, e como tal, de uso restrito, a Ilha do Lameirão, localizada na Baía de Vitória, não poderia ter sua área usada como local de desenvolvimento das atividades pesqueiras.

Nas narrativas dos estudantes percebemos que muitas famílias vivem efetivamente e afetivamente com o manguezal e da pesca, cata ou desfiação, criando relações de *convivência* seja por diversão, seja para ajudar os seus familiares; porém, o que é singular na vida do bairro Ilha das Caieiras é a participação da comunidade, incluindo crianças e adolescentes, nos preparativos para a Semana Santa, época do ano mais movimentada para os restaurantes da região, que servem as típicas tortas e as moquecas capixabas. O mais grave, entretanto, é que a pesca ocorre com pouca fiscalização e sem um plano adequado de manejo e gerenciamento para permitir as atividades pesqueiras dos moradores da Ilha das Caieiras.

Outras questões continuam a nos provocar o exercício de problematizar as práticas pesqueiras e os *saberes-fazer*es socioambientais tecidos com as *redes de conversações* e produzidos nas práticas cotidianas da Ilha das Caieiras: de que modo pensar um plano de manejo num contexto marcado por conflitos e tensões que envolvem as coletividades vivas dos manguezais e as práticas pesqueiras de uma comunidade inserida num mosaico de áreas de preservação ambiental permanente?

Acompanhado destas questões problematizadoras e praticando o campo da pesquisa, fomos ao encontro da equipe do Museu do Pescador para entender

as relações entre o bairro, o museu, as escolas da região e os manguezais. O Museu Histórico da Ilha das Caieiras Manoel dos Passos Lyrio, também conhecido como Museu do Pescador, foi criado pela Lei 6.306/05, sendo uma antiga reivindicação da comunidade e constituindo-se num museu comunitário.

No espaço do Museu encontramos materiais sobre a vida de Manoel Passos Lyrio, que nasceu em Santa Leopoldina e foi um dos primeiros moradores a aportar na Ilha das Caieiras, chegando na região em 1927, numa pequena canoa, vindo pelo rio Santa Maria. Em 1937 adquiriu um terreno e construiu sua residência própria, onde também instalou um comércio de secos e molhados, conhecido como a venda do seu Duca, onde hoje se localiza o Museu Histórico da Ilha das Caieiras Manoel Passos Lyrio.

Em 1940, o sobrado foi inaugurado com um baile de carnaval no andar superior, tornando-se uma referência para toda a comunidade. Atualmente, o espaço é gerenciado pela Secretaria Municipal de Cultura e tem o propósito de servir de local onde a comunidade possa desenvolver atividades, de forma a se apropriar do museu e contribuir para o seu crescimento.

Para mantê-lo ativo, a equipe do Museu do Pescador promove diversas atividades para o público, priorizando monitoria, envolvimento da comunidade, preservação da memória, difusão cultural e pesquisa. Além disso, boa parte do acervo do museu é proveniente dos encontros com os moradores locais, que abastecem o espaço com objetos e depoimentos.



Fizemos visitas para entender melhor essa relação, mas, devido aos desencontros e imprevistos, resolvemos conversar primeiramente com Maria Canoa e saber por ela como era a relação entre o bairro Ilha das Caieiras, as escolas e o Museu do Pescador. Maria Canoa comentou:

– Eu só fui ao Museu quando inaugurou... Ah, não tem nada ali que me desperte vontade de ir ali, que me desperte atenção. Nada. Você chega ali não tem uma pessoa pra te contar história, não tem pessoa pra te contar quem são os autores das fotos, quem são as pessoas que estão nas fotos. Eu mesma... veio um pessoal aqui na minha casa, veio almoçar aqui, eu levei eles lá, a moça sentada na cadeira, sentada ela continuou. Aí eu fui falar com as pessoas: “Isso daqui é tia Laura, esse daqui é tio Bino, esse daqui é fulano”. Então ali não tem nada que me chame atenção.

– Tá precisando dar uma mobilizada mais ali né. – comento com Maria Canoa.

– Isso aí...

– Envolver mais a...

– A comunidade. Porque ali não tem atrativo nenhum. – completou Maria Canoa

– Você vê escola indo ali? – pergunto.

– Olha, muito pouco. No começo quando inaugurou, eu via mais. Porque no começo quando se falou em Museu, se falou que teria oficinas, que teria pessoas aqui da Ilha das Caieiras, pessoas mais antigas, contando as histórias da Ilha, falando alguma coisa aqui da Ilha, pessoas cantando..., mas isso daí foi só no papel, não aconteceu nada. Acho que eles tinham que explorar aquele espaço que ele tem ali, ele tem um espaço bom, aquela pracinha... fazer uma.. sei lá, uma feirinha, de comida da Ilha, divulgar, entendeu, trazer a mídia pra cá, contar as histórias, falar dos pratos, sei lá... eu acho que tinha que ter coisas, porque a “Ilha” aqui é muito rica, ela tem um potencial muito bom, tem coisas muito boas, mas pouco explorado. Eu acho que tinha que tirar essas crianças aqui da rua. Igual se olhar aqui, a gente tem muita criança aqui na “Ilha”. Se você ficar um final de semana aqui, você vê as crianças tudo na rua e no píer querendo ficar tomando conta de carro, vigiar carro.

– Tem pouco envolvimento da comunidade... – comento.

– Acho que é porque eu falo muito, eu cobro muito. Aí tem coisas que eles estão me deixando de fora. Não só eu, acho que a comunidade toda.. porque a comunidade não está a parte do que está acontecendo. Acho que uma pessoa só não é comunidade. Porque tipo assim, ter um presidente por ter... igual eu faço parte da comissão de saúde local aqui da Ilha.. Tudo que a gente vai fazer é discutido em reunião, a gente participa de seminário... Agora a gestão da Ilha das Caieiras, o que tá acontecendo, o que vai acontecer, a gente não sabe mais. Tipo assim, eu sei que o prefeito, que alguma autoridade, vem na Ilha, eles começam a pintar, pintar o meio-fio, começa a varrer, aí eu sei que vem alguma autoridade. Agora, fora disso... Antigamente não, a gente sabia “– Ó prefeito tá vindo aí, vai fazer isso, fazer aquilo outro”. Agora hoje em dia a gente não sabe de mais nada. Uma pessoa só que sabe, a pessoa fica só pra ela. As coisas boas vêm pra Ilha das Caieiras, a comunidade não sabe... Quando fica sabendo, já aconteceu. Então.. é complicado. Eu vejo que aqui na Ilha, as pessoas pensam muito no eu. Eu. Eu fiz, eu busquei, eu consegui, eu que trouxe, eu que divulguei. Nunca “nós”. Se você reparar, uma andorinha só não faz verão não.

– Uhum...

– *Acho que a gente tá um pouco esquecido, abandonado, pelo prefeito, pelo governador, por tudo. Acho que eles deveriam olhar mais pra comunidade. Às vezes eu vejo eles pregando tanto a saúde, a educação, a segurança, mas eles deixam muito a desejar... Vejo tanto programa pra tirar os jovens, as crianças da rua, e só fica no papel. Território da paz... Aqui é Território da Paz. Mas você não vê nada pra envolver jovens e adolescentes, crianças, pra tirar eles da rua.*

– *Território da paz é o quê?* – pergunto a Maria Canoa.

– *É um território onde tinha um índice de violência, né, aonde o presidente Lula, ele junto com a Dilma, eles colocaram o território da paz, pra tá trazendo oficinas, trazendo alguma coisa... acabando um pouco da violência, violência doméstica, entendeu. Trazer cultura, saúde, essas coisas, mas você não vê nada disso. Quando acontece algum programa que tem pra atender, pra tirar, não atende todo mundo, é um número muito pequeno de pessoas.*

A conversa com Maria Canoa traz pistas importantes para pensarmos em diferentes espaços educativos e de *convivência* entre os *sujeitos praticantes* nas margens. Quem frequenta o Museu do Pescador? O próprio pescador participa da vida comunitária do museu? De que modo esse espaço pode contribuir com *relações de convivências* entre os moradores da Ilha das Caieiras por meio das ações coletivas e de afetos e de sustentabilidade locais?



4.2. CARTOGRAFIAS E OUTROS MOVIMENTOS NOS COTIDIANOS ESCOLARES

*Esses meninos faziam parte do arrebol como os passarinhos.
Manoel de Barros*

Continuamos nossos movimentos com o praticar o campo problemático da pesquisa, e, em 2012, organizamos atividades nas escolas da região após o período da Semana Santa. Nesse momento uma questão nos invadiu por completo: de que modo os *saberes-fazer*s socioambientais das práticas do bairro na Ilha das Caieiras atravessam os cotidianos escolares da região? A questão surgiu, intensivamente, em frente à escola, no portão da escola, quando as crianças, em grupinhos de amigos, saíam abraçadas, festejando o início do fim de semana e a alegria de saírem mais cedo devido à falta de professores. Deixam a escola embalados pela música: “...*eu quero tchu, eu quero tchá. Eu quero tchu, tchá...*”.

Os encontros com os *sujeitos praticantes* dos cotidianos escolares trouxeram problematizações para pensarmos os atravessamentos desses espaçostempos com as *práticas do bairro* Ilha das Caieiras e os manguezais.

Entramos na escola Francisco Lacerda de Aguiar após a saída das turmas e fomos à sala dos professores do turno matutino, que se encontrava vazia devido à falta de professores no quadro de funcionários da escola. Nas conversas com os professores e com o desejo em capturar os *saberes-fazer*s socioambientais dos estudantes em relação às *práticas do bairro* Ilha das Caieiras, fomos afetados por paixões tristes e pelos atravessamentos dos discursos reducionistas e deterministas da racionalidade instrumental, em atitudes de hierarquização de saberes e em processos de diminuição de sujeitos, encarnadas no *linguajar* e nos corpos. A escola estava com uma atmosfera carregada neste dia, “[...] um pouco de possível senão sufoco! (DELEUZE, 2010, p. 135)” e como disse Deleuze (2010, p. 218),

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. [...] é ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle.

Encontros e conversas provocando paixões tristes e despotencializando os *saberes-fazer*es e os corpos dos *sujeitos praticantes* e narradores da maré que praticam o cotidiano escolar. Nesse sentido Spinoza (2011, p. 99) diz que

[...] o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potencia de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potencia de agir nem maior nem menor.

Aprendemos com a professora Janete Magalhães Carvalho (2009, p. 196) que é “[...] necessário evitar a mutilação da alegria de aprender, do prazer de criar nas salas de aula das escolas”. É preciso apostar nos *possíveis*, na potência da vida e dos bons encontros, nas boas conversas povoadas de afetos e experiências.

A pesquisa cartográfica nas escolas enredadas com os cotidianos nos permite vivenciar essas potências de ações. Vivenciamos paixões tristes e alegres nos cotidianos das Escolas Municipais de Ensino Fundamental Francisco Lacerda de Aguiar e Eliane Rodrigues dos Santos, que me deslocaram pelos movimentos das artes de narrar e de conversar enquanto modos de viver nas coletividades. Fizemos várias tentativas de imersão e de aproximação dos professores e professoras, mas a corrente atmosférica que pairava sobre as escolas nos levou a percorrer outros múltiplos cotidianos do campo problemático da pesquisa. As *redes de conversações* com as escolas indicavam movimentos e vibrações como se todos estivessem carregando água na peneira.

A professora Janete conversa com Larrosa em seu texto e ele afirma que

[...] uma conversa não termina, simplesmente se interrompe e muda para outra coisa.

[...] nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo que se faça. Mas algo no que se entra... e, ao entrar na, pode-se ir aonde não havia sido previsto... e essa é a maravilha da conversa... que, nela pode-se chegar e dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não poderia dizer... E, mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo... pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte de conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... mantendo-as e não as dissolvendo... e isso é o que a faz interessante... por isso uma conversa pode manter as diferenças até o final, porém cada vez mais afinadas, mais sensíveis, mais conscientes de si mesmas... por isso uma conversa não termina, simplesmente se interrompe... e muda para outra coisa (LARROSA, 2003, p. 212-213).

Compreendemos, como Carvalho (2009, p. 187),

[...] conversações não apenas como a dimensão oral da linguagem, mas como linguagem em todas as suas manifestações, faladas, escrita, gestual, pictórica, etc., incluindo a dimensão do silêncio.

Como de costume, durante a pesquisa, fomos em direção ao píer da Ilha das Caieiras para almoçar nos restaurantes da rua Felicidade Correia dos Santos, e lá encontramos professores e professoras almoçando. Nas conversas com os professores foi possível apresentar a ideia da pesquisa e propor parcerias com as escolas para realização das atividades de intervenção e a continuidade da pesquisa.

Acompanhando os horários de entrada e saída das escolas, conheci Beré, menino-da-Baía-de-Vitória, narrador da maré, *sujeito praticante* nas margens dos manguezais e estudante. Beré estava no píer no horário do almoço, então chego perto para conversar sobre o que ele e seus amigos estavam fazendo.

– *Tio... pode dar uma olhadinha?* – Ele me pergunta se referindo ao meu carro.

– *Pode sim... você estuda no FLA? Eu já te vi lá...*

– *Estudo.* – Ele responde saindo em direção aos veículos que chegam com pessoas interessadas em almoçar.

Meninos-e-meninas-da-Baía-de-Vitória com seus uniformes escolares, passeando e brincando no *pierescola*. Reconhecendo atentamente os horários de saída dos estudantes das escolas capturamos modos de existir desses

sujeitos praticantes nas margens, inventando despropósitos, peraltices, experiências, alegrias e brincadeiras que os conduziam ao píer. Modos de vidas nos territórios do brincar dos infantes da *maré*.

Amor e brincadeira são modos de vidas e relações. São *domínios de ações* e não são conceitos nem distorções reflexivas, comportamentos maus ou bons, virtudes ou valores, como dizem Maturana e Verden-Zöllner (2011, p. 247) no livro *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano*:

O amor e a brincadeira não são conceitos nem ideias abstratas na história que nos deu origem. São aspectos de uma forma de vida que se manteve, geração após geração, como uma referência operacional em torno da qual mudou todo o resto, no devir evolutivo da linhagem de primatas à qual pertencemos. Ou seja, o amor e a brincadeira eram formas não-reflexivas de modos de ser mamíferos dos primatas bípedes, que foram nossos ancestrais pré-humanos: simples costumes e maneiras de relacionamento mamífero, cuja conservação como aspectos centrais de seu modo de viver tornou possível a origem da linguagem.

No devir evolutivo dos movimentos da pesquisa fomos atravessados por diferentes temporalidades: o *chrónos*, o *kairós* e o *aión*. De acordo com Kohan (2007, p. 86).

A mais conhecida entre nós é *chrónos*, que designa a continuidade de um tempo sucessivo. [...] percebemos o movimento, o numeramos e a essa numeração ordenada damos o nome de *chrónos*. O tempo é, nessa concepção, a soma do passado, do presente e do futuro. [...]. Outra é *Kairós*, significa “medida”, “proporção” e, em relação ao tempo, significa momento crítico, temporada, oportunidade. Uma terceira palavra é *aión*, que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade, não numerável nem sucessiva, mas intensiva.

Nos *domínios de ações* do pesquisar e do conviver e praticar o campo problemático da pesquisa, e em devir caranguejo, convivemos com *saberes-fazer* dos meninos e meninas da Baía de Vitória, atravessados por experiências de cooperação, solidariedade, convivendo também com o cultivo da atenção na arte de pescar, morar, narrar, cozinhar e brincar com o manguezal. *Domínios de ações* não numeráveis, nem sucessivas, cultivadas

com as brincadeiras do pescar, do nadar e das práticas do bairro..., experiências de tempos *aións*, como aprendemos com Larrosa, (2002, p. 24).

A experiência [...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Em mais uma tentativa de encontrar e conversar com os professores e professoras recebemos o convite para participarmos da Mostra Cultural dos trabalhos realizados pelas turmas das séries iniciais do turno matutino da Escola Francisco Lacerda de Aguiar. Chegamos à escola e acompanhamos a entrada dos estudantes e professores.

A Mostra Cultural antecede a Semana Santa, e o bairro Ilha das Caieiras está fervendo com o calor cultural das cozinhas e dos manguezais. Em uma conversa com a funcionária da escola, fomos surpreendido pelo fato de ela desconhecer que, durante a Semana Santa, a Ilha das Caieiras se ocupa com o preparo das tortas capixabas. Surge a ideia de fazermos as oficinas de mapas com os estudantes do turno matutino, com abordagens relacionadas às *práticas do bairro* Ilha das Caieiras, principalmente o morar, o pescar e o cozinhar. Na conversa, a funcionária apresenta pistas do que acontece na escola e das atividades realizadas com o bairro Ilha das Caieiras.

- *Tem alguns trabalhos feitos anteriormente, que mostra São Pedro ontem e hoje. Tem o trabalho da professora que até ganhou o prêmio Professora Nota 10, que fala justamente do rio Santa Maria, que vem... que deságua...*
- *Interessante... teria como eu conversar com essa professora?* – pergunto.
- *Amanhã ela vai estar aqui apresentando um trabalho com a sua turma. Na verdade, amanhã teremos vários trabalhos sobre isso.*

O calendário indica uma Mostra Cultural envolvendo as séries iniciais do ensino fundamental, e logo no começo, presenciamos a região da Grande São Pedro como o tema central das atividades da Mostra Cultural. A região de São Pedro é apresentada com uma maquete de isopor, com cartazes, fotos, instalações, releituras de livros, danças, músicas, poesias e brincadeiras. Diferentes conexões e rizomas invadindo o pátio e os painéis fixos da escola. Diferentes afetos e percepções do bairro e dos manguezais. Maquete de isopor? De que modo pensar em sustentabilidade nos cotidianos escolares? A sociedade dos descartáveis produzindo afetos!?

A Grande São Pedro se destaca nos trabalhos e nas maquetes de isopor. Uma delas, a maior e com mais detalhes e destaque, apresenta a região no Passado, no Presente e no Futuro. Representando o passado da região mostra que o lugar de toda pobreza foi transformado, no presente, na Região de São Pedro. E a Ilha das Caieiras? E a preservação dos manguezais e das vidas manguezeiras? Esses tempos se misturam e atravessam a vida coletiva do bairro Ilha das Caieiras?

O que nos chamou a atenção, além do uso abusivo, impactante e anti-ecológico do isopor, foram as diferentes temporalidades da maquete indicando o período de quando a região era um lixão a céu aberto, a cidade-sambaquis de restos, sendo o presente a própria redenção desse passado, e o futuro, sem o mundo da lama, sem os manguezais e os *sujeitos praticantes* nas margens. E o Turismo Gastronômico que atualmente alimenta a vida dos *sujeitos praticantes* nas margens?

Na entrada da escola, no pátio interno, presenciamos também um painel do manguezal nos dando boas vindas! Manguezal com todo jeito de manguezal preservado. Um manguezal como ele é, sem lixos e esgotos, com toda a fauna e flora e sem a presença humana... uma natureza intocada. E os materiais que são usados na confecção dos trabalhos?

A poesia se faz presente também. Os estudantes criaram versos sobre o manguezal, o pescador, o caranguejo, os peixes, as tartarugas, enfim, a fauna,

a flora e os *sujeitos praticantes* nas margens em versos e desenhos produzidos pelos estudantes.

Próximo à maquete de isopor, cheia de detalhes e com uma mensagem clara e preocupante no que se refere aos manguezais e a vida dos *sujeitos praticantes* nessa sociedade dos descartáveis e consumista, encontramos um boneco, o Monstro do Lixo, chamando e atraindo a atenção das crianças que brincavam com ele sem deixá-lo em paz. A instalação virou brinquedo para os estudantes e pais que visitavam a Mostra Cultural. Os restos e os descartáveis despertavam afetos e brincadeiras entre as crianças.

A sociedade dos descartáveis produzindo afetos nos cotidianos escolares, organizando as práticas pedagógicas entre professores e estudantes e impondo estéticas antiecológicas que destoam com a própria temática da Mostra Cultural. A escola praticando discursos sustentáveis com os usos e desperdícios excessivos dos descartáveis?

Pedagogia da vitrine? E após a Mostra Cultural, qual o destino desses materiais? Essas atividades escolares nos ajudam a problematizar os discursos e as práticas da escola, deslocando a noção de sustentabilidade enquanto “substantivo”, para pensá-la como verbo, como domínios de ação, ou seja, *sustentabilizar* as relações de convivência e conveniência nas coletividades vivas e não vivas.

Um episódio irrompeu o dia e as apresentações, desterritorializando. Encontro com Beré chorando por que sua avó tinha ido embora para adiantar os afazeres da cozinha; afinal de contas, a Semana Santa se aproxima. Sento ao lado de Beré para conversar.

– *Por que está chorando? O que que aconteceu?* – pergunto e fico sem resposta.

– *Você fez algum trabalho destes que estão expostos?*

Beré levanta a cabeça, e, numa atenção flutuante, passeia com os olhos por toda a mostra no pátio até encontrar o que ele havia feito. Ele aponta o trabalho e esquece o choro.

– *Deixa eu ver... me mostra!*

– *É esse aqui e esse também!* – Responde Beré sem chorar.

Beré está feliz ao mostrar o seu trabalho sobre as rimas do manguezal e a releitura artística do livro “A casa feita de sonho”. A casa e o manguezal... sonhos de uma criança, de um menino-da-baía-de-Vitória. Esse episódio me desterritorializa e me faz pensar nas crianças que cresceram e sobreviveram do lixo da cidade-sambaquis. Crianças que estão sendo afetadas com as estéticas dos usos dos descartáveis. As atividades se encerraram com a apresentação de uma coreografia da música “Lixo”, do grupo Falamansa. Uma empolgação contagiante e emocionante. Beré e seus amigos cantam, riem e dançam com a música. Novamente a sociedade dos descartáveis provocando afetos e sustentabilizando relações, processos e redes nos cotidianos escolares entre os meninos-da-baía-de-Vitória.

Nos movimentos de praticar as experiências com o campo problemático da pesquisa e os cotidianos escolares, entramos em contato com a professora da turma do 5º ano, que realiza atividades nos espaços do bairro Ilha das Caieiras. A proposta da professora é levar a turma, nas sextas-feiras, para uma roda de leitura no píer da Ilha das Caieiras. Como o tempo estava chuvoso, aguardamos o momento da próxima visita da turma ao píer.

Antes da visita ao píer, combinamos de apresentar alguns materiais para a turma. Selecionamos os materiais que haviam sido apresentados nas oficinas de mapas: computador, data-show, livros, músicas e conversas com a turma, trazendo imagens do bairro Ilha das Caieiras, vídeos sobre os manguezais da região e fotografias do livro “Argonautas do Mangue”, de André Alves (2004).

As imagens e os vídeos foram dispositivos para conversarmos e conhecermos melhor a turma. Surge a proposta de produção de desenhos sobre o bairro Ilha

das Caieiras. Para isso, elaboramos, em parceria com a turma e a professora, uma lista com os elementos da paisagem do bairro: o píer, os barcos, os canos, a maré, os restaurantes, a rua, o museu, a pracinha, os caranguejos, os peixes, enfim, a turma, e a aula entrou no clima do manguezal, da pescaria e da vida do bairro. Sala manguezeira e molhada-de-peixe.

Feita a listagem dos elementos da paisagem e os registros nos cadernos, agendamos um encontro para fazermos os desenhos. Na data combinada e com os materiais necessários, fomos surpreendidos novamente com a falta de professores e com a necessidade de adiarmos a atividade. Aproveitamos a ocasião para entrarmos em contato com os professores e professoras do turno vespertino da escola. Nesse momento, foi possível conhecer o professor de Geografia que ficou sabendo da nossa proposta de pesquisa, e manifestou seu desejo em participar, envolvendo a turma do 6º ano do turno vespertino. De acordo com o professor essa turma é considerada, pela escola, uma turma complicada e com sérios problemas de comportamento e de aprendizagem.

O professor nos apresentou à turma e aproveitamos para conversarmos sobre as atividades que gostaríamos de realizar. Ficou combinado que na semana seguinte retornaríamos para iniciarmos nossas atividades. Nesse meio tempo o sol voltou e pudemos agendar a visita ao píer com a turma do 5º ano do turno matutino.

Chegando ao píer, começamos nossa conversa comentando sobre a *Lenda do Pássaro de Fogo*, uma vez que o cenário da lenda estava diante de nossos olhos, ou seja, o Monte Mestre Álvaro e o Monte Moxuara. Com a lenda fiquei sabendo que a turma havia visitado a Reserva de Duas Bocas, localizada nos pés do Monte Moxuara, em Cariacica. Trata-se de uma reserva de 2.910 hectares de Mata Atlântica criada há mais de cem anos e com várias nascentes de rios.

A conversa sobre a visita à Reserva de Duas Bocas e a *Lenda do Pássaro de Fogo*, desterritorializou a turma, identificando o *pássaro* que fica pousado na vertente do morro em forma de rocha. A surpresa em ver a rocha em forma de

pássaro foi tamanha, que todo o nosso encontro foi tomado por esse acontecimento. Aproveitamos o episódio para conversarmos sobre o manguezal e o bairro Ilha das Caieiras.

Algumas questões foram enredadas nas conversas enquanto caminhávamos pelo píer tentando capturar os despropósitos dos olhares diante da maré: por que o nome “Ilha das Caieiras”? Alguém é filho de pescador ou de desfiadeira de siris? Já visitaram o Museu do Pescador? Vocês sabiam que aqui tinha uma Fábrica de Cal? Já passearam de barco ou de canoa pela Baía de Vitória? Quem gosta de pescar?

Seguem alguns fios dessa conversa:

- *Meu pai é pescador....*
- *Minha tia é desfiadeira...*
- *A minha também desfia...*
- *A minha tia é desfiadeira...*
- *Meu pai falou que é por causa da fábrica de cal...*
- *Eu vou pescar...*
- *Meu tio tem um restaurante ali...*
- *A minha mãe já trabalhou no restaurante dele...*

Sentamos no píer e à medida que íamos conversando, a turma desenhava as paisagens e suas impressões: o píer, o Monte Moxuara, o manguezal, os barcos, os restaurantes. Aproveitamos o encontro para fotografarmos e continuarmos a conversa sobre a Ilha das Caieiras.

No encontro seguinte, com a turma na escola, apresentei no auditório um *movie-maker*¹⁴ com as imagens e brincadeiras da visita no píer. A turma ficou feliz ao se verem nas fotos e ao verem de perto o “Pássaro de Fogo” em forma

¹⁴ O Windows Movie Maker é um software de edição de vídeos da Microsoft. Atualmente faz parte do conjunto de aplicativos Windows Live, chamado de Windows Live Movie Maker (apenas disponível para Windows Vista e 7). É um programa simples e de fácil utilização, o que permite que pessoas sem muita experiência em informática possam adicionar efeitos de transição, textos personalizados e áudio nos seus filmes. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Microsoft_Videos>. Acessado em: 1 set. 2013.

de rocha. Aproveitamos o momento para exibir vídeos sobre o manguezal com moradores locais da Ilha das Caieiras, mostrando os seres vivos dos manguezais, os utensílios de pesca e a culinária local, ou seja, moquecas e casquinhas de siris.

Outro encontro foi agendado para iniciarmos a oficina de mapas, com a ideia de estudantes produzirem, em grupos, desenhos sobre o bairro Ilha das Caieiras. Nas oficinas de mapas, com a turma de 5º ano, na coletividade e com as conversas e negociações, o grupo combinou o que queriam mapear. Os *saberes-fazer* nas *redes de conversações* entre os estudantes apontavam para os lugares, as histórias, as pessoas, o manguezal, a pesca, o píer, os barcos, a maré.

Apresentamos também esses materiais para a turma do 6º ano do turno vespertino, e, ao projetarmos as fotografias do livro *os Argonautas do Manguê* (2004), com as imagens dos caranguejos e siris, aproveitamos para conversarmos sobre a andada e as espécies do manguezal. As imagens foram dispositivos para capturarmos os *saberes-fazer* socioambientais da turma em relação ao manguezal e às *práticas do bairro* Ilha das Caieiras.

Nesta ocasião, diante de uma turma com sérios problemas de aprendizagem e de indisciplina, de acordo com os discursos dos professores e pedagogos, presenciemos outros *saberes-fazer* que não constam nos livros e que não estão nos conteúdos das disciplinas. Beré mais uma vez entra em cena para conversar com as imagens e dissolver os discursos que o enquadram na condição de ser um aluno com sérios problemas de aprendizagem.

– *Alguém sabe que o nome dessa espécie?* – Pergunto para a turma.

– *Siri.*

– *E dessa aqui?*

– *Caranguejo*

– *E qual a diferença entre os machos e as fêmeas?*

– *É que o macho é maior e tem mais cabelo nas pernas e a fêmea é pequena e a barriga dela é diferente.*

- *Esse aqui é quem?*
- *É o guaiamum*
- *E a Andada? Alguém sabe o que é?*
- *É quando eles andam pra se reproduzir.*
- *E como faz pra catar o caranguejo?*
- *De redinha...*
- *Com a redinha?*
- *Ou de braço também.*

Após a conversa com as imagens, a turma se surpreendeu, pois Beré pouco participava das aulas. Beré pôde falar do manguezal e das *práticas do bairro* na sala de aula. Beré se comportou como se estivesse pela primeira vez numa condição de saber o que se discute em sala de aula. Ele despertou a atenção da turma com seus *saberes-fazer*s socioambientais, suas artes de narrar as *práticas do bairro* da Ilha das Caieiras. Ele se posicionou perto do quadro da sala de aula e manuseou o livro com entusiasmo. Foi um acontecimento que o deixou feliz, autoproduzindo seu modo de estar na sala de aula e afetando a sua curiosidade. E, Beré reprovou?

Depois das experiências vividas com os *saberes-fazer*s socioambientais do mundo da lama e os territórios do brincar dos meninos e meninas da Baía de Vitória, percebemos como somos afetados pela sociedade de controle e pela educação conteudista que apagam as noções de currículos em redes, de currículos praticados e em *redes de conversações*, apoiando-se nas noções de currículos prescritos, considerando-os como a única fonte de conhecimentos.

Convidamos Maria Canoa para um encontro com a turma do 6º ano, para desfiar siris e comentar sobre seu ofício, curiosidades sobre a Ilha das Caieiras, e apresentar o tabuleiro de siris cozidos. Ela entra na escola e nota-se como ela é conhecida entre os estudantes.

- *Boa tarde... meu nome é Maria Canoa e sou desfiadeira de siris na ilha desde pequena. Eu vou mostrar pra vocês como é que a gente faz e falar também o que que tá acontecendo com nossa pesca...*

Maria Canoa começou a falar sobre o trabalho dela de desfiar siri e a turma ficou atenta por um tempo, mas quando ela convidou a turma para desfiar siris a euforia contagiou a todos.

- *Eu quero*
- *Tem que ser com essa faquinha?*
- *E como é que se faz?*
- *Eu já sei desfiar... eu vejo minha vó fazendo...*
- *Vou desfiar esse aqui grandão...*

Um estudante peralta, dentre os demais, pegou um siri e saiu correndo atrás das meninas da turma, criando um alvoroço total, e volta e meia escondia o siri no bolso de alguém. Para completar ainda mais a peraltice, gritou no fundo da sala: “...Essa sala tá com cheiro de perereca!” Todos riram da situação, inclusive Maria Canoa. A sala de aula ficou com cheiro manguzeiro! Uma sala-rizomática.

Os encontros com as turmas possibilitou a ambientação do espaço escolar das salas de aula, com exposição de fotografias produzidas em minhas andanças no bairro e a visita de Maria Canoa e Zé Perigo, que encontrou com os estudantes e comentou sobre a prisão dos pescadores.

Segue a conversa de *Zé Perigo* com a turma do 6º ano da Escola Eliane Rodrigues dos Santos.

– *Pessoal, eu vim aqui pra falar com vocês sobre a pesca aqui na Ilha das Caieiras. Eu aprendi com meu pai e hoje vocês sabem que a pescaria aqui na Ilha das Caieiras é forte. Muitas famílias vivem da maré. Tem gente aqui que trabalha só na maré. Os pescadores aqui não estão podendo mais pescar em paz. O IBAMA e a polícia estão em cima da gente e estão prendendo o pescador que está trabalhando honestamente pra sustentar sua família.*

– *Por que eles estão prendendo? Meu pai falou que é por causa do “balão”. E que a polícia leva a rede embora. Pegaram eles pescando também.* – Perguntou um aluno.

– O seu pai e os outros pescadores estão preocupados... é que a polícia fala que não pode pescar com balão e rede na Baía. A gente sabe disso, mas eles sabem que a gente pesca aqui desde sempre, e agora estão resolvendo prender sem falar nada. O pescador está sendo culpado agora. O que acontece também é que tem malha que não pode pescar, mas a gente usa a malha que a lei fala. Eles estavam usando malha de dois centímetros, que é proibido. O mínimo é de cinco centímetros. Eu uso de 5 centímetros. Só que a lei fala que não pode nenhum tipo de rede. Mas como que a gente vai lá no IBAMA e eles sabem que a gente pesca aqui e mesmo assim a gente faz a carteirinha de pescador profissional? Prenderam eles com dois quilos de robalo, dois quilos.... Na reportagem eles falaram que estavam pescando para comer e que não iam comercializar, e que também não sabiam que era proibido pescar na Baía, já que todo mundo pesca ali. E enquanto isso, o porto de Vitória fica soltando bomba na água na obra de ampliação do porto. Isso o IBAMA não vê. Outra coisa também que está acontecendo é que tem pescador que fala que é pescador, mas não é, e tem a carteirinha de pescador só para receber o benefício do governo. Vira uma máfia da carteirinha...

– Máfia da carteirinha? Como assim? – Pergunta o pesquisador ao Zé Perigo.

– É o benefício do “defeso” que o pescador artesanal ganha. Ele ganha do governo federal o benefício de um salário mínimo. Eu sou pescador e todo mundo aqui me conhece na Ilha. Criei meus filhos todos e minha esposa desfia siri também. A gente tem nossa casa e um carrinho usado que ajuda no trabalho de levar peixe para os restaurantes. Tenho também barco de pesca. A gente pesca em Camburi, na ponta de Tubarão e em alto mar também. Só que tem pescador que leva o colega lá para tirar o documento, por que é só o pescador falar que o colega tem experiência de pescador e ele consegue o documento e vai receber o benefício.

A turma ficou enredada com o desabafo do pescador, que também é pai de um dos meninos. A fala do pai de família, que pesca para manter o sustento dos filhos, trouxe para a turma uma *dissolução do ponto de vista* da vida cotidiana do bairro Ilha das Caieiras e das relações de *convivência* e de *conveniência* que os pescadores e suas famílias estão enfrentando.

Os manguezais da Baía de Vitória apresentaram sua face conflituosa com a lei e com a sobrevivência das famílias. Mesmo sabendo dos conflitos da guerra de mapas dos manguezais, a turma se mostrou afetada com a intensidade com que estes conflitos atravessam as vidas cotidianas e as *práticas do bairro* das famílias caieiras. O manguezal é mais que um ecossistema biótico, ele se faz presente nas *práticas do bairro* Ilha das Caieiras e nos cotidianos escolares. Ele é rizomático...

As atividades com os cotidianos escolares eram tecidas nos encontros nas escolas e nas salas de professores e pedagogos, mas também nos horários do almoço, quando os professores iam aos restaurantes do bairro Ilha das Caieiras. As oficinas de mapas suscitaram conversas com professores, pedagogos e estudantes, desencadeando também um momento de conversa e de apresentação do pesquisador e da pesquisa durante a formação de professores na escola.

Acompanhando esses movimentos com as escolas e os moradores locais, capturamos também informações sobre as áreas de pescarias nos manguezais. Queríamos navegar nos manguezais, e foi quando encontramos com um professor do curso de Química da UFES, divulgando passeios pela Baía de Vitória em um barco pequeno que ele utiliza também como ação educativa. Esse dia de navegar chegou, e foi fundamental à pesquisa e às problematizações que suscitaram após a visita.

Momentos que proporcionaram encontros nos movimentos de capturar e cartografar *saberes-fazer*s socioambientais das *práticas do bairro* Ilha das Caieiras com as *redes de conversações* com os *sujeitos praticantes* nas margens, emergindo Educações Ambientais Autopoiéticas produzidas nos fluxos das coletividades. Educações Ambientais Autopoiéticas.

As *redes de conversações* com as oficinas de mapas, as fotografias, os vídeos ambientais, as visitas ao píer e de pescador e de desfiadeira de siris às escolas, encontros com pescadores, a feitura da canoa, as visitas de barco aos manguezais, os almoços nos restaurantes, as idas ao Museu do Pescador,

todas essas ações foram importantes ingredientes metodológicos na produção dos dados e do meu caminhar com a pesquisa.

Entendendo a Educação Ambiental Autopoiética em *redes de conversações* cotidianas de *saberesfazeres* socioambientais lançamos a seguinte inquietude: De que modo nós educadores/as podemos potencializar relações solidárias de aprendizagens fundamentadas em emoções amorosas e de cooperação, imersas na sociedade da competição? De que modo a Educação Ambiental Autopoiética nos permite problematizar as noções de sustentabilidade dos discursos oficiais e do mercado verde ao percebê-la enquanto *domínio de ação*, como verbo, no *sustentabilizar* as relações de *convivência* e de *conveniência*? Com inquietudes e mantendo vivas as ideias das nossas oficinas do viver, esta pesquisa intencionou, modestamente, provocar e problematizar algumas pistas nessas redes de *saberesfazeres* e poderes...

Desse modo, questiono-me: de que modo escapar das formas-forças da sociedade de controle e de relações panópticas? De que maneira fazer de nossas vidas uma vida bonita, de bons encontros de afetos e boas experiências, atravessadas pelo cuidado e amor, habitando tensões e conflitos que emergem na sociedade contemporânea?

Problematizamos o *fazer-para* e apostamos no *fazer-com*, concebendo culturas pluralizadas afastando-se das categorias, reducionismos e determinismos que tentam quantificar *saberesfazeres* socioambientais por meio de práticas pedagógicas que enfatizam resultados apagando os processos e as relações.

Momentos de aprendizagens autopoiéticas e inventivas, de invenções de si e de mundos, aprendizagens de desaprender, sujeitos autopoiéticos envolvidos no tempo *chrónos* e tensionado com os tempos *kairós* e *aións*. É a arte resistindo e potencializando as singularidades.

São as artes de narrar e de fazer as *práticas do bairro* movimentando, inventando traçados nas multiplicidades das redes cotidianas, ventilando as linhas retas entediadas, diluindo diferentes pontos de vistas e criando

procedimentos por meio das expressões. A aposta está na liberdade dos estudantes inventando a si mesmos e seus *saberes-fazer*s socioambientais com as *práticas do bairro* entre as *redes de conversações* e as regras de *convivência* e de *conveniência* com as coletividades vivas e não vivas dos manguezais.

As *redes de conversações* tecem fios de solidariedade com as produções das oficinas de mapas e com os outros movimentos de intervenções nas escolas. É a arte do narrar e do conversar atravessando as coletividades dos *sujeitos praticantes* nas margens, como nos aponta Tristão (2010, p. 159):

A questão ecológica pode ser um fator mobilizador da solidariedade planetária, cria uma simbiose entre local/global pelo seu poder de partilhar com diferentes sujeitos, coletivos e contextos, ações com princípios éticos e humanistas numa perspectiva que transcende fronteiras.

Essa atitude de pensar e conversar com os outros nos tem levado à pista deixada por Certeau em relação aos usos que ele fazia das conversas em suas pesquisas.

A arte de conversar: as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis” (CERTEAU, 2008, p. 50).

No decorrer das *redes de conversações* percebemos os graus de parentescos entre os praticantes da Ilha das Caieiras constituindo uma comunidade de afetos, potencializando bons encontros na potência de ação coletiva:

Assumindo a ideia de “potência de ação coletiva”, tomamos como hipótese principal que essa “potência” depende fundamentalmente da capacidade de indivíduos e grupos se colocarem em relação para produzirem e trocarem conhecimentos, agenciados, então, formas-forças comunitárias, com vista a melhorar os processos de aprendizagem e criação nas coletividades locais, bem como no interior de redes cooperativas de todo tipo (CARVALHO, 2009, p. 73).

Nossos desejos foram de praticar nas comunidades escolares espaços de *convivências* que intensifiquem experiências cooperativas, amorosas e felizes; é um desejo latente, assim como disseminar nas redes cotidianas os possíveis por uma vida bonita. Nessas conexões, fluxos, encontros intensos, cartografias, narrativas, conversas, verdades inacabadas e aproximadas, somos *sujeitos praticantes* e com pensamentos torcidos, potencializado a viver uma vida bela, como uma obra de arte!

[...] O que me assusta é o fato de que, em nossa sociedade, a arte se tornou algo relacionado apenas com objetos e não com indivíduos, ou com a vida. A arte é algo especializado ou que é feita apenas por experts ou artistas. Mas será que não poderia, a vida de cada um, se tornar um trabalho de arte? Por que a lâmpada ou a casa poderiam ser objetos de arte e não a nossa vida? (FOUCAULT, 1983, p. 261).

Nossa tentativa está em apostar na Educação Ambiental Autopoiética, nas intensidades da vida, nas invenções de si e de mundos, no arejar, ventilar e flertar com as artes de fazer e narrar as *práticas do bairro* Ilha das Caieiras. De que modo podemos tornar nossas vidas como uma bela obra de arte? Que singularidades atribuir as Educações Ambientais Autopoiéticas? É claro que não tenho a pretensão, nem de longe, de tentar resolver-responder a essas questões. São problematizações que me acompanharam com as travessias da pesquisa. E como diz Deleuze (2010, p. 177) “[...] é preciso muito tempo de preparação para obter alguns segundos de inspiração”.





CASQUINHA DE SIRI

Ingredientes

- 400g de siri desfiado*
- 20 ml de azeite de urucum*
- 130g de cebola picadinha*
- 2 dentes de alho*
- 200g de tomate picado*
- 1 maço de coentro*
- Limão a gosto*
- Sal*
- Azeitona verde para decorar*

5. VENTOS DE TRAVESSIAS SEM FIM

Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado
Manoel de Barros

A poesia de Manoel de Barros continua acompanhando os *ventos-de-travessias* da pesquisa, as vibrações, os movimentos inacabados com as intensidades do caos que nos faz vibrar, e, com esse caos nos desterritorializar com as inventidades das Educações Ambientais Autopoiéticas produzidas e que constituíram a pesquisa.

O pesquisador no devir caranguejo foi afetado de modo autopoiético pelos *ventos-de-travessias* com o campo da Educação Ambiental com a pesquisa cartográfica com os cotidianos que emergiram com as *redes de conversações* no linguajar ilhês, com as redes de pesca, de afetos, redes cotidianas escolares, redes de conflitos e tensões, redes de *saberesfazeres... redes... “A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas pela inocência”*.

A pesquisa aposta em Educações Ambientais Autopoiéticas no exercício de acompanhar as sabedorias do caos do mundo da lama e os movimentos dos *saberesfazeres* socioambientais produzidos com as *práticas do bairro* e os manguezais, que emergem com as *redes de conversações* nas relações de *convivência* e de *conveniência* entre os *sujeitos praticantes* nas margens e narradores da maré do Bairro Ilha das Caieiras e que envolvem pescadores, desfiadeiras de siris, catadores de caranguejos, donos de restaurantes, estudantes, professores e professoras. *“O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias para a gente entender a voz das águas e dos caracóis”*.

Capturamos Educações Ambientais Autopoiéticas que não se guardam, mas que acontecem nas relações com as artes de narrar das *redes de conversações* tecidas nas relações de *convivência* e de *conveniência* da vida cotidiana, e, com inspirações que afirmam que conhecer, fazer e viver não são coisas separáveis e a realidade assim como nossa identidade transitória são companheiros de uma dança construtiva, dos seres humanos sendo e

acontecendo. “A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias”.

Educações Ambientais Autopoiéticas tecidas com as experiências pessoais que emergem nas relações entre os sujeitos, e que não se capitalizam em formas e modelos, acontecem em fluxos, intensidades, afetos e conflitos, encarnados e negociadas nas relações de convivência. “Nosso conhecimento não era de estudar em livros. Era de pegar de apalpar e de ouvir e de outros sentidos”.

Processos, relações e movimentos dos *saberes-fazer*s socioambientais produzidos com as *práticas do bairro* e temperados com o calor cultural da Semana Santa e do Turismo Gastronômico, tensionando a guerra de mapas entre as geografias-territórios das vidas manguezeiras e as áreas de manguezais das Unidades de Conservações. As *práticas do bairro* que emergem na pesquisa são o narrar, o morar, o pescar, o cozinhar e o comercializar dos *sujeitos praticantes* nas margens e narradores da maré.

A Educação Ambiental Autopoiética é problematizada nesta tese com as *conversas* entre Humberto Maturana e Michel de Certeau, considerando as relações entre as *práticas do bairro* e vida cotidiana enquanto *domínio de ação*, com dimensões éticas e políticas que deslocam o substantivo “sustentabilidade”, praticado em discursos oficiais e pelo mercado verde, para o verbo e a ação de *sustentabilizar* a aceitação do outro como legítimo outro junto a nós, nos processos autopoiéticos de conhecer, no agir dos seres humanos nas coletividades da vida cotidiana.

Desse modo, a abordagem epistemológica, metodológica e política da tese e do pesquisador apresenta também nossa política cognitiva e de narratividade em pesquisas em Educação Ambiental, apostando na Educação Ambiental Autopoiética enquanto domínio cognitivo e ontológico produzida nas *redes de conversações* com as relações de *convivência* e de *conveniência* dos *sujeitos praticantes* da vida cotidiana, encharcadas de potencialidades éticas e políticas, configurando movimentos de uma Educação Ambiental rizomática

que não se capitaliza e que escapa às forças, aos projetos, às leis e formas de controle dos corpos, dos tempos, dos lugares, dos afetos, dos conflitos, das VIDAS e dos *saberesfazer*es dos narradores da maré.

Dentre os *saberesfazer*es socioambientais cartografados com as artes de narrar e as *redes de conversações* com as *práticas do bairro* capturamos, com as práticas do morar, as trajetórias cotidianas praticadas pelos usuários do bairro, os ritmos da rua Felicidade Correia dos Santos, os usos do píer pelos restaurantes locais, as estratégias de concorrência, entre eles os ilhês falados no linguajar comunitário, a participação das crianças no Turismo Gastronômico e na Semana Santa, assim como as relações de *convivência* e de *conveniência* que organizam a comunidade e seus ritmos e relações com os manguezais, tensionando conflitos internos relacionados com os *usos* dos manguezais e os *usos* dos espaços públicos do bairro, para extraírem mais benefícios com o Turismo Gastronômico local.

Quanto aos *saberesfazer*es socioambientais cartografados nas *redes de conversações* com as práticas do pescar, capturamos as diferentes maneiras de pescarias e os territórios do pescar; os utensílios de pescaria, como o uso do *balão* (rede de arrasto), do jereréu para a pesca do siri; as cavadeiras para extrair sururu na maré; as varas de pescar usadas principalmente na pesca do robalo e nas pescarias entre as crianças; os tipos de embarcações, como por exemplo, as canoas, as baiteiras e os barcos a motor; e as práticas de locação de embarcações.

Quanto aos *saberesfazer*es socioambientais cartografados nas *redes de conversações* com as práticas no cozinhar e comercializar capturamos as diferentes formas de preparo das receitas e dos usos dos temperos usados nas tortas, moquecas, mariscadas, os modos de desfiar siris e camarões, os conflitos entre a culinária local e a comercialização de acarajés, o escambo de ingredientes entre os moradores, as leis da oferta e da procura dos pescados em diferentes épocas do ano e da comercialização, assim como o envolvimento familiar e comunitário em períodos de Semana Santa.

Nesse sentido, o praticar e acompanhar o campo problemático da pesquisa com as singularidades das *práticas do bairro* e seus *saberesfazer*s socioambientais produziram Educações Ambientais Autopoiéticas com *redes de conversações* com os conflitos e as negociações entre os *sujeitos praticantes* e narradores da maré, tensionando as relações afetivas, coletivas e comunitárias do bairro Ilha das Caieiras.

Acompanhamos também encontros em múltiplos cotidianos do Bairro Ilha das Caieiras: escolas, píer, museu, casas, manguezais, ruas, restaurantes..., no exercício de cartografar e problematizar com as *redes de conversações* com os *sujeitos praticantes* nas margens, os *saberesfazer*s socioambientais das *práticas do bairro* e seus atravessamentos com os manguezais e os cotidianos escolares.

Os *saberesfazer*s capturados nos cotidianos escolares e praticados pelos meninos-e-meninas-da-baía-de-Vitória, que carregam águas nas peneiras e peixes nos bolsos, são as práticas de pescarias, os utensílios, os tipos de embarcações, as técnicas de remar, os movimentos das marés, as espécies de peixes e crustáceos, o manguezal, as receitas culinárias, o comércio local, os territórios do brincar, as lendas, as cantigas, os ilhês, as músicas da grande mídia... *saberesfazer*s praticados com regras de *convivências* e de *conveniências* negociadas nos espaçostempos escolares e na oficina do viver na Ilha das Caieiras, constituindo movimentos de uma Educação Ambiental Autopoiética que acontece com as temporalidades do caos do mundo da lama.

Acompanhamos também os conflitos entre os espaços de controle dos usos, territórios e tempos dos manguezais e de seus *sujeitos praticantes* e os movimentos do Turismo Gastronômico e da Semana Santa na Ilha, na ilha-refúgio, nas famílias, na ilha-família. Famílias sentadas nas sombras das calçadas para desfiar siris e sururus, na rua que é território dos cheiros das moquecas e berçário dos siris desfiados e das casquinhas de siris. Território de paradoxos: a proteção dos manguezais e das coletividades vivas e o desenvolvimento do Turismo Gastronômico e da Semana Santa.

A tese aposta no exercício de problematizar o campo da Educação Ambiental com a Educação Ambiental Autopoiética, pensando nos movimentos nos quais os seres vivos constituem o mundo e são constituídos por eles, numa autoprodução, ou seja, numa autopoiese produzida nas relações autopoiéticas com tensões, conflitos e negociações que emergem nos cotidianos com as *redes de conversações*, apostando no compartilhar, na solidariedade e na aceitação do outro como legítimo outro junto a nós, no conviver amoroso. Educação Ambiental Autopoiética é um desejo compartilhado e uma política cognitiva.

Que cheiros, sabores, amores, práticas, afetos e sons conviveram com os ventos-de-travessia da pesquisa e do pesquisador? Que Educações Ambientais Autopoiéticas constituíram o pesquisador e a pesquisa em Educação na oficina do viver cotidiano?

Maturana apresenta pistas quando sustenta que nós seres humanos, enquanto seres vivos somos sistemas autopoiéticos, que vivemos num espaço relacional que ao existir como totalidades, existimos também, como organismos, numa contínua autoprodução de nós mesmos. Isso implica deslocar a questão “o que conhecemos” para “de que modo conhecemos”, pensando a Educação Ambiental Autopoiética como dispositivos disparadores no desencadeamento de emoções que potencializem as escolas enquanto espaços de convivência encharcados de redes de conversações de afetos, solidariedades e amorosidades.

E as conversas com os *sujeitos praticantes* nas margens continuam em fluxos atravessando os manguezais e as escolas da Ilha das Caieiras, criando encontros no Museu do Pescador e nas escolas locais, para a produção do vídeo de animação “Narradores da Maré” que será realizado em 2014 e elaborado pelos meninos e meninas da Baía de Vitória, sobre o morar, o pescar e o cozinhar. Para além deste texto-tese, desejamos criar outros movimentos de inventividades com o vídeo “Narradores da Maré” aprovado no edital da Lei municipal de incentivo a cultura, Lei Rubem Braga, da Secretaria Municipal de Cultura de Vitória.

Com o desejo de continuar as *redes de conversações* entre as comunidades escolares e os *saberesfazeres* socioambientais dos *sujeitos praticantes* dos manguezais, disponibilizaremos o vídeo “Narrador da Maré” a todas as escolas municipais do município de Vitória, aproximando a arte, a Educação Ambiental Autopoiética e as pessoas que convivemos nas travessias da pesquisa do Doutorado, criando circularidades dos *saberesfazeres* socioambientais praticados pelos vários Berés, meninos e as meninas da Baía de Vitória e suas relações com os manguezais.

E as conversas também continuam com os *sujeitos praticantes* e narradores da maré...Setembro de 2013...chegamos à Ilha das Caieiras e encontramos com Maria Canoa apressada com os preparativos da semana e da Festa da Mariscada que encerra a semana do pescado, evento promovido pelo Ministério da Pesca e da Agricultura. O bairro todo se mobiliza e se organiza para o evento. É o calor cultural do Turismo Gastronômico.

Outros encontros e experiências continuam acontecendo na Ilha das Caieiras envolvendo Maria Canoa, Zé Perigo, Badejo, Jereré, Beré e outros *sujeitos praticantes* nas margens dos manguezais e narradores da maré, provocando invenções de caminhos e outros sentidos de aprendizagens autopoiéticas. Educações Ambientais Autopoiéticas.

E por aqui vamos encerrando o texto...tecido por temporalidades, tempo cronológico, das intensidades, das prioridades, das negociações que também compuseram os processos autopoiéticos da criação à várias mãos da tese de doutorado. E inspirado na poesia de Manoel de Barros, como menino do mato, menino do manguezal e menino da Baía de Vitória, desejamos navegar sem remo nem quilha e *com o privilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto! ...Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo...Eu sustento com palavras o silêncio do abandono...*

O menino que era recebera o privilégio do
abandono.

Achava que seu abandono era maior que
o abandono do lugar.

Mas o abandono do lugar era maior
porque continha o primordial.

Manoel de Barros



MOQUECA CAPIXABA

Ingredientes

- 1 quilo de peixe limpo, cortado em postas (pode ser badejo, dourado, cação)
- 1/2 quilo de camarão
- 4 tomates picados
- 1 tomate cortado em rodela
- 2 cebolas picadas
- 1 cebola cortada em rodela
- 1 maço de cebolinha picada
- 1 maço de coentro picado
- 2 dentes de alho
- 3 colheres de sobremesa de colorau, diluídas em 1/4 xícara de óleo
- 2 bananas-da-terra cortadas em rodela grossa
- 1 limão
- Sal

6. REFERÊNCIAS

- ALVES, A. **Os argonautas do Mangue**. Unicamp, Campinas, SP, 2004.
- ALVES, N. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, L. R. (Org.) **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP ET Alii, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.
- ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARROS, M. Menino do mato. São Paulo: Leva, 2010.
- BARROS; L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. de. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- BARROS; L. P.; PASSOS, E. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. de. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- CARVALHO, J. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP Et Allí, Rio de Janeiro, 2009.
- CARVALHO, J. M. Cartografia e cotidiano escolar. In: FERRAÇO, C. E.; PEREZ, C. L. V.; OLIVEIRA, I. B. de. (Org.) **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP ET Allí, 2008 (Coleção Vida Cotidiana e Pesquisa em Educação)
- CERTEAU, M. A. **Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHICO SCIENSE; NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos, do caos a lama**. Sony Music, 2000
- COSTA, João Ribas. **Os Canoeiros do Rio Santa Maria da Vitória**. Rio de Janeiro: FCAA/UFES, 1951.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: 34, 2010.
- DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**. Para uma literatura menor. Assírio & Alvim, Lisboa, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. V. 1. São Paulo: 34, 2011.

FERRAÇO, C. E. (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERRAÇO C. E. **Currículo e educação básica**: Por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

FOUCAULT, M. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Fundação Matriztica. <http://www.matriztica.cl/>. Acessado em 16 de abril de 2013.

GONZALEZ, S.; RAMOS, A. T. A cartografia social da educação ambiental no/do município de Cariacica: possibilidades emergentes para a formação de comunidades sustentáveis. In: Anpedinha Sudeste. **Anais...** Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

_____. A cartografia social da educação ambiental no/do município de Cariacica: possibilidades emergentes para a formação de comunidades sustentáveis. In: I Seminários Currículo, cotidianos, cultura e formação de educadores, 1. **Anais...** NUPEC: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

_____. A cartografia das práticas cotidianas em Cariacica, ES: clichês e saberes-fazer socioambientais na atualidade. In: IV Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos, 4., **Anais...** UFF – Niterói, Rio de Janeiro, 2012.

GONZALEZ, S.; RAMOS, A. T. Educação ambiental numa perspectiva autopoietica na formação de educadores/as. Pró-Discente: caderno de produções acadêmicas-científicas do Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, v. 18, n. 2, jul./dez., Vitória, ES, 2012.

GONZALEZ, S.; RANGEL, I.; RAMOS, A. T. Educação ambiental e a formação de professores numa perspectiva autopoietica. In: XVI Endipe: **Anais...** Faculdade de Educação, Unicamp, São Paulo, 2012.

GONZALEZ, S.; RAMOS, A.T. Educação ambiental numa perspectiva autopoietica com as redes de conversação na formação de educadores. In: Reunião Anual da ANPED, 35. **Anais....** Porto de Galinhas, Pernambuco, 2012.

GONZALEZ, S.; RAMOS, A. T. Cartografias das práticas cotidianas em Educação Ambiental em Aracruz/ES: problematizando saberes-fazer

socioambientais na atualidade. In. VII EPEA: UNESP – Rio Claro, São Paulo, 2013.

GONZALEZ, S.; RAMOS, A. T. Humberto Maturana e seus atravessamentos com a Educação Ambiental e formação de educadores/as. In: VII Seminário Redes, 7. **Anais...** Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2013.

_____. Humberto Maturana e suas conversas. In: II Seminários Currículo, cotidianos, cultura e formação de educadores, **.Anais...NUPEC:** Universidade Federal do Espírito Santo, 2013 .

GONZALEZ, S. **Educação ambiental biorregional:** A comunidade aprendente na Ilha das Caieiras. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

_____. **Educação ambiental biorregional:** A comunidade aprendente na Ilha das Caieiras, Vitória (ES). In: Encontro da REMTEA, 6. Rede Mato-Grossense de Educação Ambiental: Territórios e identidades. Universidade Federal do Mato Grosso: Mato Grosso, 2010.

_____. **Educação ambiental nas práticas cotidianas do bairro Ilhas das Caieiras - ES.** In: IV Congresso Internacional Cotidiano, 4. Diálogos sobre diálogos: Niterói, Rio de Janeiro: UFF, 2012.

_____. **Educação ambiental biorregional:** A comunidade aprendente na Ilha das Caieiras, Vitória (ES). In: Anpedinha Sudeste: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Educação Ambiental Biorregional:** A comunidade aprendente na Ilha das Caieiras, Vitória (ES). In: I Seminários Currículo, cotidianos, cultura e formação de educadores, 1. NUPEC: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

_____. **Educação ambiental Autopoiética entre manguezais, redes cotidianas escolares e práticas pesqueiras.** In: Reunião Anual da ANPED, 36. **Anais....** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

GUIMARÃES, L. B.; SAMPAIO, M., V. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. In: Reunião Anual da Anped, 35. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Anais...** Porto de Galinhas, PE, 2012, CD-ROM.

IPEMA. DOCUMENTO TÉCNICO. Subsídios para o processo de reconhecimento do mosaico de áreas protegidas do manguezal da baía de Vitória – Espírito Santo. Ivani Soares Zecchinelli, maio. 2010.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, jan./abr., 2007. p.15-22.

_____. **A invenção de si e do mundo.** Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, W. O. **Infância, estrangeiridade e ignorância:** ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA, J. Experiência e paixão. In: LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação.** n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002.

_____. **A arte de conversa.** Pedagogia improvável da indiferença: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 211-216.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **El sentido de lo humano.** Santiago: Dolmen. 1994

_____. **Emoções e linguagens na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. Um problema de desejo. Entrevista concedida a Omar SarrasJadue. Disponível em: <<http://www.tierreamerica.net>>. Acessado em: 2011.

_____. Entrevista com Humberto Maturana concedida ao CCEH. Universidade Católica de Brasília, v. I, n. 2, nov. 2004. Disponível em: <http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm>. Acesso em: 2012.

MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. **Formação humana e capacitação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MATURANA; H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento.** Campinas/SP: Psy, 1995.

_____. **De máquinas e seres vivos. Autopoiese:** a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, H. VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar:** fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2011.

MATURANA, H. YAÑEZ, X. D. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural.** São Paulo: Palas Athena, 2009.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zarathustra.** Martin Claret. São Paulo, SP, 2002.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. de. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, E.; BARROS, L. P. a cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. de. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, E., EIRADO, A. do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. de. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PELLANDA, N. **Maturana e a Educação**. Belo Horizonte: Pensadores & a Educação. Autêntica, 2009.

RAMOS, A. T. **Educação Ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água**. Dissertação (Mestrado em Educação)142 f. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES. 2013

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SATO, Michèle. **Apassionadamente pesquisadora em educação ambiental**. Educação Teoria e Prática, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, 2001, p. 24-35.

SANTOS, B. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: BOMTEMPO, 2007.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 7. ed., v. 1. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Rio de Janeiro: Cortez; 2010.

TRISTÃO, M. Saberes e fazeres da educação ambiental no cotidiano escolar. In: **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Rede Brasileira de Educação Ambiental, nov. 2004, Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental, 2004.

_____. Tecendo os fios da Educação Ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. São Paulo: **Revista da Faculdade de Educação da USP**, maio/ago., v. 31, n. 2, 2005, p. 251-264.

_____. **Enunciações das narrativas sobre educação ambiental de sujeitos praticantes**. Vitória/ES: Revista PPGE/ UFES, 2007.

_____. **Diagnóstico do estado da arte da Educação Ambiental no Estado do Espírito Santo: Relatório Final**. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2007.

_____. Educação ambiental e contextos formativos: uma interpretação dos movimentos na transição paradigmática. In: **Revista Pró-discente**, Vitória, v. 14, n. 28, jul/dez., 2008. p. 122-148.

_____. Abordagens teóricas e metodológicas do Núcleo Interdisciplinar e pesquisa e estudo em Educação Ambiental. **Ambiente&Educação**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande: 2009.

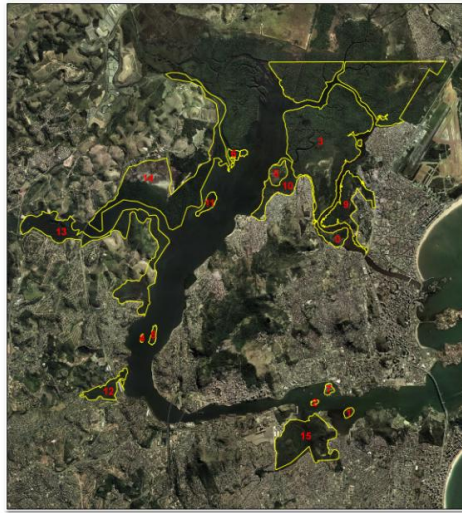
_____. Uma abordagem filosófica da pesquisa em educação ambiental. Artigo escrito para a realização de pesquisa de Pós-Doutorado da autora na Faculty of Education, University of Regina, Canadá, 2011. Aceito para publicação na Revista Brasileira de Educação em março/2012(no prelo)

_____. A educação ambiental e o paradigma da sustentabilidade em tempos de globalização. In: GUERRA, Antonio Fernando (Org.). **Sustentabilidades em diálogo**. Itajai, SC: Univali, 2010. v. 1,

_____. A educação ambiental e a emergência de uma cultura sustentável no cenário da globalização. Revista. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v. 9, n.1, jan./jul. 2012.

_____. **A educação ambiental na formação de professores**: redes de saberes. São Paulo: Annablume, 2004.

TRISTÃO, M.; CARVALHO, L. Grupos de pesquisa e GT 22 – Educação ambiental na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED): uma síntese interpretativa. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO** - Revista de Educação Ambiental, América do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm>. Acessado em: 09 set. 2013.



LEGENDA

- 0 - Ilha do Campinho
- 1 - Ilha das Cúruas
- 2 - Ilha das Pombas
- 3 - Estação Ecológica do Lamerão
- 4 - Ilha da Pilórea
- 5 - Ilha Dr. Américo de Oliveira
- 6 - Manguezal da Foz do Rio Santa Maria
- 7 - Ilha da Fumaça
- 8 - Ilha do Cratógono
- 9 - Manguezal da UFES
- 10 - Parque Dom Luiz Gonzaga Fernandes (Baía Noroeste)
- 11 - Ilha da Baleia
- 12 - Parque Natural Municipal Manguezal de Tanque
- 13 e 14 - Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Manguezal de Caracacia
- 15 - Parque Municipal Morro da Mantigueira

antigamente_ilha1[1].pdf - Adobe Reader

Arquivo Editar Visualizar Janela Ajuda

1 / 1 70,4%

Comentário Compartilhar

ILHA DAS CAIEIRAS - Mapa de Antigamente

LEGENDA:

- peixe
- siri
- caranguejo
- camarão

LEGENDA (instrumentos de pesca):

| | |
|-------|-------|
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |

16:11 03/01/2014

atualmente_ilha1.pdf - Adobe Reader

Arquivo Editar Visualizar Janela Ajuda

1 / 1 70,4%

Comentário Compartilhar

MAPA ILHA DAS CAIEIRAS - Atualmente

LEGENDA:

- peixe
- siri
- caranguejo
- camarão

LEGENDA (instrumentos de pesca):

| | |
|-------|-------|
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |

16:10 03/01/2014